John Carter Brown

C

N.
489 Le Clerc 27/
Ent.ª Rich
p. 307.

CARAMURÚ.

POEMA EPICO

DO

DESCUBRIMENTO

DA

BAHIA,

COMPOSTO

POR

Fr. JOSÉ DE SANTA RITA

DURÃO,

Da Ordem dos Eremitas de Santo Agoſtinho, natural da Cata-Preta nas Minas Geraes.

LISBOA

NA REGIA OFFICINA TYPOGRAFICA.

ANNO M. DCC. LXXXI.

Com licença da Real Meza Cenſoria.

JOHN CARTER BROWN.

Et quoniam Deus ora movet, ſequar ora
moventem.
Rite Deum.

Ovid. Metamorph. XV.

REFLEXÕES PREVIAS, E ARGUMENTO.

OS ſucceſſos do Brazil não merecião menos hum Poema, que os da India. Incitou-me a eſcrever eſte o amor da Patria. Sei que a minha Profiſsão exigiria de mim outros eſtudos; mas eſtes não são indignos de hum Religioſo, porque o não forão de Biſpos, e Biſpos Santos; e o que mais he, de Santos Padres, como S. Gregorio Nazianzeno, São Paulino, e outros; maiormente, ſendo eſte Poema ordenado a pôr diante dos olhos aos Libertinos o que a natureza inſpirou a homens, que vivião tão remotos das que elles chamão *preoccupações de eſpiritos debeis*. Opportunamente o inſinuamos em algumas Notas: uſamos ſem eſcrupulo de nomes tão barbaros: os Alemães, Inglezes, e ſimilhantes não parecem menos duros aos noſſos ouvidos; e os noſſos aos ſeus. Não faço mais apologias da

Obra, porque eſpero as reprehenſões, para, ſe for poſſivel, emendar os defeitos, que me envergonho menos de commetter, que de deſculpar.

A acção do Poema he o deſcubrimento da Bahia, feito quaſi no meio do Seculo XVI. por Diogo Alvares Correa, nobre Vianez, comprehendendo em varios epiſodios a Hiſtoria do Brazil, os Ritos, Tradições, Milicias dos ſeus Indigenas, como tambem a Natural, e Politica das Colonias.

Diogo Alvares paſſava ao novo deſcubrimento da Capitanía de S. Vicente, quando naufragou nos baixos de Boipebá, vizinhos á Bahia. Salvárão-ſe com elle ſeis dos ſeus companheiros, e forão devorados pelos Gentios Antropofagos, e elle eſperado, por vir enfermo, para melhor nutrido ſervir-lhes de mais goſtoſo paſto. Encalhada a náo, deixárão-no tirar della polvora, bala, armas, e outras eſpecies, de que ignoravão o uſo. Com huma eſpingarda matou elle caçando certa ave, de que eſpantados os Barbaros o acclamárão *Filho do trovão*, e *Caramuru*, iſto he; *Dragão do mar*. Combatendo com os

os Gentios do Sertão, venceo-os, e fez-se dar obediencia daquellas Nações barbaras. Offerecêrão-lhe os Principaes do Brazil as ſuas filhas por mulheres; mas de todas eſcolheo Paraguaçú, que depois conduzio comſigo á França; occaſião, em que outras ſinco Brazilianas ſeguírão a náo Franceza a nado, por acompanhallo, até que huma ſe affogou; e intimidadas as outras, ſe retirárão.

Salvou hum navio de Heſpanhoes, que naufragárão, com o que mereceo, que lho agradeceſſe o Imperador Carlos V. com huma honroſa carta. Paſſou á França em náo, que alli abordou daquelle Reino, e foi ouvido com admiração de Henrique II., que o convidava para em ſeu nome fazer aquella Conquiſta. Repugnou elle, dando aviſo ao Senhor D. João III. por meio de Pero Fernandes Sardinha, primeiro Biſpo da Bahia. Commetteo o Monarca a empreza a Franciſco Pereira Coutinho, fazendo-o Donatario daquella Capitanía. Mas eſte não podendo amançar os Tupinambás, que habitavão o Reconcavo, retirou-ſe á Capitanía dos Ilheos; e pacificado depois com os

Tu-

Tupinambás, tornava á Bahia, quando alli infauſtamente pereceo em hum naufragio. Em tanto Diogo Alvares aſſiſtio em París ao Baptiſmo de Paraguaçú ſua eſpoſa, nomeada nelle Catharina, por Catharina de Medicis, Rainha Chriſtianiſſima, que lhe foi Madrinha, e tornou com ella para a Bahia, onde foi reconhecida dos Tupinambás, como herdeira do ſeu Principal, e Diogo recebido com o antigo reſpeito. Teve Catharina Alvares huma viſão famoſa, em que a Virgem Santiſſima manifeſtando-ſe-lhe cheia de gloria, lhe diſſe, que fizeſſe reſtituir huma Imagem ſua roubada por hum Salvagem. Achouſe eſta nas mãos de hum Barbaro; e Catharina Alvares com exclamações de júbilo ſe lançou a abraçalla, clamando ſer aquella a Imagem meſma, que lhe apparecêra: foi collocada com o titulo de Virgem Santiſſima da Graça em huma Igreja, que he hoje Moſteiro de S. Bento, célebre por eſta tradição. Chegou em tanto de Portugal Thomé de Souſa com algumas náos, familias, e tropas para povoar a Bahia. Sebaſtião da Rócha Pitta, Author da Hiſtoria Brazilica, e natural

da

da meſma Cidade, aſſevera que Catharina Alvares renunciára no Senhor D. João III. os direitos, que tinha ſobre os Tupinambás, como herdeira dos ſeus maiores Principaes: elle meſmo atteſta, que aquelle Monarca mandára aos ſeus Governadores, que honraſſem, e attendeſſem Diogo Alvares Correa Caramurú pelos referidos ſerviços; e foi com effeito elle o tronco da Nobiliſſima Caſa da Torre na Bahia; e Catharina Alvares ſua mulher foi honrada por aquella Metropole com hum ſeu Retrato ſobre a porta da caſa da polvora ao lado das Armas Reaes. Lea-ſe Vaſconcellos na Hiſtoria do Brazil, Franciſco de Brito Freire, e Sebaſtião da Rócha Pitta.

CARAMURÚ.

POEMA EPICO.

CANTO I.

I.

De hum Varão em mil casos agitado,
Que as praias discorrendo do Occidente,
Descubrio o Reconcavo affamado
Da Capital Brazilica potente:
Do Filho do Trovão denominado,
Que o peito domar soube á fera gente;
O valor cantarei na adversa sorte,
Pois só conheço Heróe quem nella he forte.

II.

Santo Esplendor, que do grão Padre manas
Ao seio intacto de huma Virgem bella;
Se da enchente de luzes Soberanas
Tudo dispensas pela Mái Donzella;
Rompendo as sombras de illusões humanas,
Tu do grão caso a pura luz revéla;
Faze que em ti comece, e em ti conclua
Esta grande Obra, que por fim foi tua.

III.

III.

E vós, Principe excelso, do Ceo dado
Para base immortal do Luso Throno;
Vós, que do aureo Brazil no Principado
Da Real succesão sois alto abono:
Em quanto o Imperio tendes descançado
Sobre o seio da paz com doce sonno,
Não queirais dedignar-vos no meu metro
De pôr os olhos, e admitillo ao scetro.

IV.

Nelle vereis Nações desconhecidas,
Que em meio dos Sertões a Fé não doma;
E que pudérão ser-vos convertidas
Maior Imperio, q̃ houve em Grecia, ou Ro-
Gentes vereis, e Terras escondidas, (ma:
Onde se hum raio da verdade assoma,
Amansando-as, tereis na turba immensa
Outro Reino maior que a Europa extensa.

V.

Devora-se a infeliz mísera Gente,
E sempre reduzida a menos terra,
Virá toda a extinguir-se infelizmente;
Sendo em campo menor maior a guerra.
Olhai, Senhor, com reflexão clemente
Para tantos Mortaes, que a brenha encerra;
E que, livrando desse abysmo fundo,
Vireis a ser Monarca de outro Mundo.

VI.

VI.

Principe do Brazil, futuro dono,
A' Mãi da Patria, que adminiſtra o mando,
Ponde, excelſo Senhor, aos pés do Throno
As deſgraças do Povo miſerando:
Para tanta eſperança he o juſto abono,
Voſſo titulo, e nome, que invocando,
Chamará, como a outro o Egypcio Povo,
D. Joſé Salvador de hum Mundo novo.

VII.

Nem podereis temer, que ao ſanto intento
Não ſe nutrão Heróes no Luſo povo,
Que o antigo Portugal vos apreſento
No Brazil renaſcido, como em novo.
Vereis do domador do Indico aſſento
Nas guerras do Brazil alto renovo,
E que os ſeguem nas bellicas idéas
Os Vieiras, Barretos, e os Correas.

VIII.

Dai por tanto, Senhor, potente impulſo,
Com que poſſa entoar ſonoro o metro
Da Brazilica gente o invicto pulſo,
Que augmenta tanto Imperio ao voſſo Scetro:
E em quanto o Povo do Brazil convulſo (1)
Em nova lyra canto, em novo pletro;
Fazei que fideliſſimo ſe veja
O voſſo Throno em propagar-ſe a Igreja.

IX.

IX.

Da nova Luſitania o vaſto eſpaço
Hia a povoar Diogo, a quem biſonho
Chama o Brazil, temendo o forte braço,
Horrivel filho do trovão medonho:
Quando do abyſmo por cortar-lhe o paſſo
Eſſa Furia ſahio, como ſupponho,
A quem do Inferno o Paganiſmo aluno,
Dando o Imperio das aguas, fez Neptuno.

X.

O grão Tridente, com que o mar commove,
Cravou dos Orgãos na montanha horrẽda, (2)
E na eſcura caverna, adonde Jove
(Outro eſpirito) eſpalha a luz tremenda,
Relampagos mil faz, coriſcos chove;
Bate-ſe o vento em horrida contenda:
Arde o Ceo, zune o ar, treme a montanha,
E ergue-lhe o mar em frente outra tamanha.

XI.

O Filho do trovão, que em baixel hia
Por paſſadas tormentas ruinoſo,
Vê que do groſſo mar na traveſſia
Se ſorve o lenho pelo pégo undoſo;
Bem que conſtante, a morte não temia,
Invoca no perigo o Ceo piedoſo;
Ao ver que a furia horrivel da procélla
Rompe a náo, quebra o leme, e arranca a véla.

XII.

XII.

Lança-se ao fundo o ignivomo inſtrumento,
Todo o pezo ſe alija; o paſſageiro,
Para nadar no tumido Elemento,
A taboa abraça, que encontrou primeiro:
Quem ſe arroja no mar temendo o vento;
Qual ſe fia a hum batel; quem a hũ madeiro,
Até que ſobre a penha, que a embaraça,
A quilha bate, e a náo ſe deſpedaça.

XIII.

Sete ſómente do batel perdido
Vem á praia cruel, luctando a nado;
Offerece-lhe hum ſoccorro fementido
Barbara multidão, que acode ao brado:
E ao ver na praia o Bemfeitor fingido,
Rende-lhe as máos o naufrago enganado:
Triſtes! que a ver algum, qual fim o eſpera
Com quanta ſede a morte não bebêra!

XIV.

Já eſtava em terra o infauſto naufragante,
Rodeado da turba Americana;
Vem-ſe com paſmo ao pôrem-ſe diante,
E huns aos outros não crem da eſpecie huma-
Os cabellos, a côr, barba, e ſemblante (na:
Fazião crer aquella Gente inſana,
Que alguma eſpecie de animal ſeria
Deſſes, que no ſeu ſeio o mar trazia.

XV.

XV.

Algum chegando aos miseros, que a arêa
O mar arroja extinctos, nota o vulto;
Ora o tenta despir, e ora recea
Não seja astucia, com que o assalte occulto.
Outros do Jacaré tomando a idéa (3)
Temem que acorde com violento insulto;
Ou que o somno fingindo os arrebate,
E entre as prezas crueis no fundo os mate.

XVI.

Mas vendo a Sancho, hum naufrago que espira,
Rota a cabeça n'huma penha aguda,
Que hia tremulo a erguer-se, e que cahira,
Que com voz lastimosa implora ajuda:
E vendo os olhos, que elle em branco vira;
Cadaverica a face, a boca muda,
Pela experiencia da commua sorte
Reconhecem tambem que aquillo he morte.

XVII.

Correm depois de crello ao pasto horrendo;
E retalhando o corpo em mil pedaços,
Vai cada hum famelico trazendo,
Qual hum pé, qual a mão, qual outro os bra-
Outros da crua carne hião comendo; (ços:
Tanto na infame gula erão devassos:
Taes ha, que as asas nos ardentes fossos,
Alguns torrando estão na chamma os ossos.

XVIII.

XVIII.

Que horror da Humanidade! ver tragada
Da propria eſpecie a carne já corrupta!
Quanto não deve a Europa abençoada
A' Fé do Redemptor, que humilde eſcuta?
Não era aquella infamia praticada
Só deſſa gente miſeranda, e bruta;
Roma, e Carthago o ſabe no nocturno
Horrivel ſacrificio de Saturno. (4)

XIX.

Os ſete em tanto, que do mar com vida
Chegárão a tocar na infame arêa,
Paſmão de ver na turba recreſcida
A brutal catadura, horrida, e fea:
A côr vermelha em ſi, moſtrão tingida
De outra côr differente, que os affêa:
Pedras, e páos de embiras enfiados, (5)
Que na face, e nariz trazem furados.

XX.

Na boca em carne humana enſanguentada
Anda o beiço inferior todo cahido;
Porque a tem toda em roda esburacada,
E o labro de vís pedras embutido:
Os dentes (que he belleza que lhe agrada)
Hum ſobre outro deſponta recreſcido:
Nem ſe lhe vê naſcer na barba o pello,
Chata a cara, e nariz, rijo o cabello.

XXI.

XXI.

Vê-se no sexo recatado o pejo,
Sem mais que a antiga gala que Eva usava,
Quando por pena de hum voraz desejo
Da fêa a desnudez se envergonhava:
Vão sem pudor com barbaro despejo
Os homens, como Adão sem culpa andava;
Mas vê-se, alma Natura, o que lhe ordenas;
Porque no Sacrificio usão de penas.

XXII.

Qual das bellas Araras traz vistosas
Louras, brancas, purpureas, verdes plumas:
Outros põem, como tunicas lustrosas,
Hum verniz de balsamicas escumas:
Nem temem nelle as chuvas procellosas,
Nem o frio rigor de asperas brumas;
Nem se receão do mordaz bisouro,
Qual Anta, ou qual Tatú dentro em seu cou-
(ro. (6)

XXIII.

Por armas, fréchas, arcos, pedras, béstas;
A espada do páo ferro, e por escudo
As redes de algodão nada molestas,
Onde a ponta se embace ao dardo agudo:
Por capacete nas guerreiras testas
Cintos de pennas com galhardo estudo;
Mas o vulgo no belico ameaço (braço.
Não tem mais q̃ unha ou dente, ou punho ou

XXIV.

XXIV.

Deſta arte armada a multidão confuſa
Inveſte o naufragante enfraquecido,
Que ao ver-ſe deſpojar, nada recuſa;
Porque ſe enxugue o madido veſtido:
Tanto mais pelo mimo, que ſe lhe uſa,
Quando a barbara gente o vê rendido:
Trouxerão-lhe a batata, o coco, o inhame; (7)
Mas o que crem piedade he gula infame.

XXV.

Cevavão deſta fórma os deſditoſos
Das fadigas maritimas desfeitos;
Por pingues ter os paſtos horroroſos,
Sendo nas carnes miſeras refeitos:
Feras! mas feras não; que mais monſtruoſos
São da noſſa alma os barbaros effeitos;
E em corrupta razão mais furor cabe,
Que tanto hum bruto imaginar não ſabe.

XXVI.

Não mui longe do mar na penha dura
A boca eſtá de hum antro mal aberta,
Que horrivel dentro pela ſombra eſcura,
Toda he fóra de ramas encuberta:
Alli com guarda á viſta ſe clauſura
A infeliz companhia, eſtando alerta,
E por cevallos mais, dáo-lhe o recreio
De ir pela praia em placido paſſeio.

XXVII.

Diogo então, que á gente miſeranda,
Por ſer de nobre ſangue precedia,
Vendo que nada entende a turba infanda,
Nem do ferreo moſquete uſar ſabia;
Da rota náo, que ſe deſcobre á banda,
Polvora, e bala em copia recolhia;
E como enfermo, que no paſſo tarda,
Servio-ſe por baſtáo de huma eſpingarda.

XXVIII.

Forte ſim, mas de tempra delicada,
Aguda febre traz deſde a tormenta;
Pállido o roſto, e a côr toda mudada;
A carne ſobre os oſſos macilenta:
Mas foi-lhe aquella doença affortunada,
Porque a gente cruel guardallo intenta,
Até que ſendo a ſi reſtituido,
Como os mais vão comer, ſeja comido.

XXIX.

Barbarie foi (ſe crê) da antiga idade
A propria prole devorar naſcida;
Deſde que eſſa cruel voracidade
Fora ao velho Saturno attribuida:
Fingimento por fim, mas he em verdade
Invenção do diabolico homicida,
Que huns cá ſe matáo, e outros lá ſe comem:
Tanto aborrece aquella furia ao homem.

XXX.

XXX.

Mas já tres vezes tinha a Lua enchido
Do vaſto globo o luminoſo aſpecto,
Quando o Chefe dos barbaros temido
Fulmina contra os ſeis o atroz decreto:
Ordena que no altar ſeja offrecido
O brutal ſacrificio em ſangue infecto, (8)
Sendo a cabeça ás victimas quebrada,
E a gula infanda de os comer ſaciada.

XXXI.

Em tanto que ſe ordena a brutal feſta,
Nada ſabião na marinha gruta
Os habitantes da prizão funeſta;
Que ardiloſa lho eſconde a gente bruta:
E em quanto a feral pompa já ſe apreſta,
Toda a pena em favor ſe lhe commuta;
Nem parecem ter dado a menor ordem,
Senão que comão, e comendo engordem.

XXXII.

Mimoſas carnes mandão, doces frutas
O araças, o cajú, coco, e mangaba;
Do bom maracujá lhe enchem as grutas
Sobre rimas, e rimas de Guaiaba:
Vaſilhas põem de vinho nunca enxutas,
E a immunda catimpoeira, que da baba (9)
Fazer coſtuma a barbara patrulha,
Que ſó de ouvillo o eſtomago ſe embrulha.

XXXIII.

Hum dia pois que á ſombra deſejada
Se repousão, paſſando a calma ardente,
Por dar allivio á dor reconcentrada,
De ver-ſe eſcravos de táo fera gente;
Fernando, hum delles, diz, que aos mais agrada
Por cantigas, que entoa docemente,
Que em cithara, que o mar na terra lança,
Se divirtão da funebre lembrança.

XXXIV.

Mancebo era Fernando mui polido,
Douto em Letras, e em prendas celebrado,
Que nas Ilhas do Atlantico naſcido,
Tinha muito co'as Muſas converſado:
Tinha elle os rumos do Brazil ſeguido,
Por ver o monumento celebrado
De huma Eſtatua famoſa, q̃ n'hum pico (10)
Aponta do Brazil ao Paiz rico.

XXXV.

Pedíra-lhe Luiz, que iſto eſcutára,
Da profetica Eſtatua o conto inteiro,
Se foi verdade, ſe invenção foi clara
De gente rude, ou povo noveleiro:
Fernando então, que em metro já cantára
O ſucceſſo, que atteſta verdadeiro,
Toma nas mãos a cithara ſuave,
E entoando, começa em canto grave.

XXXVI.

XXXVI.

Occulto o tempo foi, incerta a éra,
Em que o grão caſo contão ſuccedido;
Mas em parte he ſem dúvida ſincera
A bella Hiſtoria, que a eſcutar convido;
Felis foi o ditoſo, e feliz era,
Quem tanto foi do Ceo favorecido,
Pois em meio ao corrupto Gentiliſmo
Merecer ſoube a Deos o ſeu Baptiſmo.

XXXVII.

Incerto pelas brenhas caminhava
Hum Varão ſanto, que perdêra a via,
Quando pelos cabellos o elevava
O Anjo, adonde o Sol já ſe eſcondia;
E hum ſalvagem lhe moſtra, q̃ ſe achava, (11)
Quaſi luctando em ultima agonia:
Ouve (lhe diz) o juſto agonizante,
E huma eſtrada de luz tomou brilhante.

XXXVIII.

Auréo (que aſſim ſe chama o Sacro Enviado)
Encoſtando-ſe ao Velho titubante,
Por ignorar-lhe o idioma não fallado,
No ſeu diz, de que o enfermo era ignorante:
E ouve-ſe reſponder (caſo admirado!)
N'huma lingua de todo eſtravagante,
Que ſendo em tudo extraordinaria, e bruta,
Faz-ſe entender, e entende-o no que eſcuta.

XXXIX.

XXXIX.

Do grande Creador por menſageiro
A benção (diz) te offreço, homem ditoſo;
Neſte Mundo ignorado em o primeiro,
Quer que o ſeu Nome eſcutes glorioſo:
Do Eterno Pai, de hum Filho verdadeiro,
Do Eſpirito tambem, laço amoroſo,
Quer que o Myſterio ſaibas da Verdade:
São tres Peſſoas n'huma ſó Unidade.

XL.

Hum ſó Senhor, que todo o ſer governa,
Que ſó com dizer *ſeja* o fez de nada;
Que á Natureza deſde a idade eterna,
Certa época fixou de ſer ercada:
Que abrindo liberal a mão paterna,
Toda a couſa abençoa, que he animada:
Que ſua imagem nos fez; e ſem ſegundo,
Quer q̃ o homem reine ſobre o vaſto Mundo.

XLI.

Que havendo em mil delicias collocado
Noſſos primeiros Pais n'hum Paraiſo,
Por homenagem deſſe Imperio dado,
Privou de hum pomo com ſevero aviſo:
Que vendo o ſeu reſpeito profanado,
E igual ſatisfação ſendo preciſo,
No duro lenho a poz, no ferreo cravo,
E deo o Filho por ſalvar o eſcravo.

XLII.

XLII.

Eſte do ſeio pois de Virgem pura,
Invocada no nome de Maria,
Redemptor, Meſtre, e Luz da Creatura,
Naſceo, prégou, morreo na Cruz impía:
Rompeo do abyſmo a immovel fechadura;
Depois reſurge no terceiro dia;
E ao Ceo ſubindo em fim, donde commanda,
Aos fins da Terra os menſageiros manda.

XLIII.

Hum deſtes venho a ti: lavar-te intento,
Se queres aceitar meu Cateciſmo;
E ſervindo de porta o Sacramento,
Incorporar-te ao ſanto Chriſtianiſmo.
Purga o teu coração, teu penſamento,
Por chegar puro ás aguas do Baptiſmo,
Onde ſe entras com dor do mal primeiro,
De Jeſus Chriſto morrerás coherdeiro.

XLIV.

Aos primeiros accentos, que eſcutára,
Guaçú (q̃ eſte he ſeu nome) a frente empena;
Attenta ao que ouve a orelha, e fixa a cara,
Senão que co'a cabeça a tudo acena:
Dos olhos mal ſe ſerve, que cegára,
Bem que a viſta pareça ter ſerena;
As máos de quando em quando eſtende, e to-
E pende attento da Sagrada boca. (ca,

XLV.

XLV.

Bom Miniſtro (reſponde) do Piedoſo
Excelſo grão Tupá, que o Ceo modera, (12)
Não me vens novo, não: que tive o goſo
De ouvir-te em ſonho já; quem ver pudera!
Se a imagem tens, que o ſono fabuloſo
Ha muito, que de ti na mente gera!
Serás, diſſe, (e na barba o vai tocando)
Homem com barbas, branco, e venerando.

XLVI.

Louvores a Tupá, que em fim chegaſte;
Que o caminho me enſinas, donde elejo
Buſcar logo o Graõ Deos, que m'annunciaſte,
Que deſde a infancia com ardor deſejo:
Nunca ſoube, aſſim he, quanto contaſte;
Mas não ſei, como o que ouço, e quaſi vejo
Sentia, como em ſombra mal formada;
Não que o creſſe ainda aſſim, mas por toada.

XLVII.

Vendo deſſe Univerſo a mole immenſa,
Sem ſer de ainda maior entendimento
Fabricada a não cri: que elle o diſpenſa,
Tem, rege, e guarda, infere o penſamento:
Que repugna á creatura eſtar ſuſpenſa,
Sem ultimo fim ter notava attento:
E eſte Ente, que me fez hum Deos ſegundo,
He o grão Tupá, fabricador do Mundo.

XLVIII.

XLVIII.

Vi as chagas da propria Natureza,
A ignorancia, a malicia, a variedade,
E bem reconheci, que eſta torpeza
Naſcer não pode da eternal bondade.
Onde, ſem o ſaber, cri, que era acceza
Neſte incendio commum da humanidade
Antiga chamma, donde o mal nos veio;
Crer que taes nos fez Deos.. eu tal não creio.

XLIX.

Tambem vi q̃ o Grão Deos, q̃ o Mundo cria,
Deixar nunca quizera em tanto eſtrago
A humana Natureza; e que a mão pia
De taes miſerias ao profundo lago
Havia de eſtender; como o faria?
Suſpenſo fiquei ſempre incerto, e vago;
Mas nunca duvidei que alguem ſe viſſe,
Que de tantas miſerias nos remiſſe.

L.

E como era a maior, que exprimentava,
O ver que livremente o mal ſeguia;
Que a Suprema Bondade ſe aggravava,
Donde hum homem de bem ſe aggravaria:
Vendo que a affronta, que eſta acção cauſava,
Só ſe houvera outro Deos, ſe pagaria;
E impoſſivel mais de hum reconhecendo...
Daqui não paſſo, e cégo me ſuſpendo. (13)

LI.

Agora ſim, que entendo a grá verdade,
Que hum ſó Deos ſe fez homem ſem defeito;
E ſendo tres Peſſoas na Unidade,
Do Filho ao Pai podia haver reſpeito:
A Peſſoa ſegunda da Trindade,
Novo homem, como nós, de terra feito,
A paz do homem com Deos fundar procura;
Redemptor pio da mortal creatura.

LII.

Eſte creio, eſte adoro, eſte confeſſo;
E eſta ſanta menſagem venerando,
Por meu Deos, e Senhor firme o conheço,
A quem da Terra, e Ceo pertence o mando:
Deſte o Baptiſmo ſanto hoje te peço,
Onde na porta Celeſtial entrando,
Suba o eſpirito á gloria que deſeja,
E com eſtes meus olhos ainda o veja.

LIII.

Diſſe o ditoſo Velho; e acompanhando
Com devoto ſuſpiro a voz que exprime,
Bem moſtra que no peito o eſtá tocando
A occulta unção do Eſpirito ſublime:
As máos ao Ceo levanta lagrimando;
E tanto ardor na face ſe lhe imprime,
Que acompanhar parece o humilde rogo
Hum diluvio de agoa, e outro de fogo.

LIV.

LIV.

Então o bom Miniſtro: He juſto, amigo,
Que chores (lhe dizia) o teu peccado;
Por não amar a Deos; ſer-lhe inimigo,
Se o blasfemaſte; de o não ter honrado;
De não ſervir teus Pais; de hum odio antigo;
E ſenão foſte honeſto, ou tens roubado;
Se em mulher, bens, ou fama em caſo feio
Fizeſte damno, ou cubiçaſte o alheio.

LV.

Eſta a Lei ſanta he, que em nós impreſſa
Ninguem offende, que mereça eſcuſa;
Onde no que faltaſte a Deos confeſſa,
Que tanto deve quem peccando abuſa:
Quer-ſe a ſatisfação com a promeſſa
De melhor vida, no que a Lei te accuſa:
Pois quem quer q̃ peccou, q̃ aſſim não faça,
Recebe o Sacramento, mas não graça.

LVI.

Eu, diſſe o Americano, antes de tudo
Amei do coração quem ſer me dera:
Seu nome ignoro, mas honrallo eſtudo;
E com fé o adorei ſempre ſincera:
Em certos dias recolhido, e mudo
Cuidava em venerar quem tudo impera,
Matar não quiz, nem morto algum comia,
Pois que a mim mo fizeſſem não queria.

LVII.

LVII.

Mulher tive, mas huma, perſuadido
Que com huma ſe póde; acção impura
Metteo-me ſempre horror; tendo entendido,
Que ſó no Matrimonio era ſegura:
Qualquer outro prazer fora prohibido,
Porque ſe em tanto abuſo ſe conjura;
Quem ſeguindo eſſe inſtincto do Demonio,
Se pudera lembrar do Matrimonio?

LVIII.

Nunca roubei, temendo ſer roubado:
Por conſervar a fama, honrei a alhea:
Não me lembra de ter calumniado,
Nem de outrem diſſe mal, que he couſa fea;
E quem houveſſe de outros murmurado,
Que outro tanto lhe façáo certo crêa;
Não tive inveja do que alguem conſiga,
Por ver que quem a tem, ſeu mal caſtiga.

LIX.

Em fim, corri meus annos deſde a infancia
Sem offender (que eu ſaiba) eſta Lei juſta,
Sem ter a couſa boa repugnancia,
Tudo mercê da máo de Deos auguſta.
Nos meus males ſómente a tolerancia
Mos fazia paſſar a menor cuſta:
Eſta a minha anſia foi, eſte o meu zelo,
Saber quem era Deos; tratallo, e velo.

LX.

LX.

Dizendo o Velho aſſim, tanto ſe accende,
Como ſe n'alma ſe lhe ateára hum fogo:
Reclina a humilde fronte, e a voz ſuſpende;
E cahindo em deliquio neſte affogo,
Corre o Miniſtro, que ao ſucceſſo attende,
E buſcando agoa, que o baptize logo;
Apenas Felis diz, eu te baptizo,
Partio feliz d'hum voo ao Paraizo.

LXI.

Cuidava em ſepultallo Auréo ſaudoſo;
Porém de eſpeſſa nevoa, que o ar condenſa,
Ouve hum coro entoando harmonioſo
Louvor eterno á Mageſtade immenſa:
E na athmosfera alli do ar nebuloſo,
Luz arraiando, que a allumia intenſa;
Vio Felis, que na gloria, que o veſtia,
A Graça Baptiſmal lhe agradecia.

LXII.

Que te conceda Deos, Miniſtro juſto,
(Diz-lhe a Alma venturoſa) o premio eterno;
Pois vens do antigo Mundo a tanto cuſto
A libertar-me do poder do Inferno.
Dos Ceos em tanto o Dominante auguſto,
Que tornes manda ao ninho teu Paterno;
E ſobre a nevoa em nuvem levantada
Vás navegando pela aeria eſtrada.

LXIII.

LXIII.

E quer na nuvem propria, que te indico,
Que esse cadaver meu vá transportado,
E na Ilha do Corvo, de alto pico
O vejão n'huma ponta collocado;
Onde acene ao paiz do metal rico,
Que o ambicioso Europeo vendo indicado,
Dará lugar, que ouvida nelle seja
A doutrina do Ceo, e a voz da Igreja.

LXIV.

Disse; e cessando a voz, e a visão bella,
Vio da nuvem Auréo, que o rodeava,
Trásformar-se a bella Alma em clara estrella,
E vio que a nuvem sobre o mar voava:
O cadaver tambem sublime nella,
Ao cume do grão pico já chegava;
Onde a nevoa, que no alto se sublima,
Depõe como huma Estatua o corpo em sima.

LXV.

Alli batido do nevado vento,
De Sol, de gelo, e chuva penetrado,
Effeito natural, e não portento
He vello, qual se vê, petrificado.
Hum arco tem por bellico instrumento, (14)
De pluma hum cinto sobre a frente ornado:
Outro onde era decente: em côr vermelho,
Sem pello a barba tem; no aspecto he velho.

LXVI.

LXVI.

Voltado eſtava ás partes do Occidente,
Donde o aureo Brazil moſtrava a dedo,
Como enſinando a Luſitana Gente,
Que alli devia navegar bem cedo:
Deſtino foi do Ceo Omnipotente,
A fim que ſèm receio, ou torpe medo
A' piedoſa empreza o povo corra;
E que quem morrer nella, alegre morra.

LXVII.

Calou então Fernando, mas não cala
Na cithara dourada outra harmonia,
Onde parece a mão, que tambem falla,
E que quanto a voz diſſe, repetia:
Sahíra em tanto hum barbaro a eſcutalla,
Que encantado da doce melodia,
Toma nas máos o Muſico Inſtrumento,
Toca-o ſem arte, e falta de contènto.

LXVIII.

Não póde ver dos noſſos o congreſſo
Tanta rudeza ſem tentar-ſe a riſo;
Que por mais q̃ hum pezar ſe tenha impreſſo,
Não dá lugar a prevenção ao ſiſo:
E ſendo inopinado algum ſucceſſo,
Onde he nos homens quaſi o rir preciſo,
Tal peſſoa ha que chora apaixonada,
E paſſa do gemido a huma riſada.

LXIX.

LXIX.

Diogo então que dentro em ſi media
Da cruel Gente a condição damnoſa,
Não ſocega de noite, nem de dia,
Antevendo a doſgraça laſtimoſa:
E vendo rir os mais com alegria,
Pela acção do ſalvagem gracioſa,
Eſtranhou-lhe o prazer mal concebido,
Arrancando do peito eſte gemido.

LXX.

Oh triſte condição da humana vida!
Que tanto em breve do ſeu mal ſe eſquece;
Pois vendo a liberdade em fim perdida,
Sentimos menos, quando a dor mais crece:
Vemos deſd'a agoa ás praias deſpedida
A infeliz gente, que no mar perece;
E que o brutal Gentio na meſm' hora,
Ainda bem os não vê, logo os devora.

LXXI.

Quem ſabe, ſe o cuidado, que deſtina
Pôr-nos aſſim mimoſos de ſuſtento,
Não he por ter de nós grata chacina
Neſſe horrivel barbarico alimento?
Tanta attenção que tem, mal ſe combina,
Sem moſtrar-ſe o maligno penſamento;
Que quem os proprios mortos brutal come,
Como he crivel que aos vivos mate a fome?

LXXII.

Tempo fora, affligidos companheiros,
De levantar dos Ceos ao Rei Supremo
Humildes vozes, votos verdadeiros,
Como quem lucta no perigo extremo:
Mas vós, que agora rides prasenteiros,
Oh quanto, amigos meus, oh quanto temo,
Que essa gente cruel só nos namore,
Por cevar mais a preza, que devore!

LXXIII.

Voltemos antes com fervor piedoso
Os tristes olhos ao ethereo espaço;
Esperando de Deos hum fim ditoso,
Onde a morte se avista a cada passo.
Contrito o peito, o coração choroso,
Implore a protecção do excelso braço;
Que o coração me diz, que por desdita
O cruel sacrificio se medita.

LXXIV.

Em quanto assim dizia o Heróe prudente,
Commovido qualquer do temor justo,
Levanta humilde as mãos ao Ceo clemente,
Vendo o futuro com prefago susto:
Já cuida a cruel morte ver presente;
Já vê sobre a cabeça o golpe injusto:
Batem no peito; e levantando as palmas,
Fazem victima a Deos das proprias almas.

LXXV.

Já numerosa turba ás praias vinha,
E os seis levão ao corro miserando,
Onde a plebe cruel formada tinha
A pompa do espectaculo execrando:
E mal a gente bruta se continha,
Que emquanto as tristes mãos lhe vão ligando
No humano corpo pelo susto exsangue
Não vão vivo sorvendo o infeliz sangue.

LXXVI.

Qual se da Libya pelo campo estende
O Mouro caçador hum leão vasto,
Em longa nuvem devorallo emprende
O sagaz corvo sempre attento ao pasto:
Negro parece o chão; negra, onde pende
A planta, em que do sangue explora o rasto;
Até que avista a preza, e em chusma voa,
Nem deixa parte, que voraz não rôa.

LXXVII.

Tal do Caboclo foi a furia infanda,
E o fanatismo, que na mente o cega,
Faz que tendo esta acção por veneranda,
Invoque o grão Tupá, que o raio emprega:
No meio vê-se que em mil voltas anda,
O eleito matador, como quem prega
A brados, exhortando o povo insano
A' ensopar toda a mão no sangue humano.

LXXVIII.

LXXVIII.

A' roda á roda a multidão fremente
Com gritos correſponde á infame idéa;
Em quanto o fero em géſto de valente
Bate o pé, fere o ar, e hum páo menea:
Ergue-ſe hum, e outro lenho, onde o paciente
Entre prizões d'embira ſe encadea;
Fogo ſe accende nos profundos foſſos,
Em que ſe torrem com a carne os oſſos.

LXXIX.

Dentro de huma eſtacada extenſa, e vaſta,
Que a numeroſa plebe em torno borda,
Entrão os Principaes de cada caſta
Com bellas plumas, onde a côr diſcorda:
Outros, que a grenha tem com feral paſta
Do ſangue humano, que ao matar trasborda,
Os Nigromantes são; que em vão conjuro
Chamão as Sombras deſde o Averno eſcuro.

LXXX.

Companheiras de officio tão nefando
Seguem de hũ cabo a turma, e de outro cabo
Seis turpiſſimas velhas, aparando
O ſangue ſem hum leve menos-cabo:
Tão feas são, que a face eſtá pintando
A imagem propriiſſima do Diabo;
Tinto o corpo em verníz todo amarello,
Roſto tal, que a Meduſa o faz ter bello.

LXXXI.

Tem no collo as crueis Sacerdotiſas,
Por conta dos funeſtos ſacrificios,
Fios de dentes, que lhe são diviſas,
De mais, ou menos tempo em taes officios:
Gratas ao Ceo ſe crem, de que indiviſas
Se inculcão por Tartareos maleficios;
E em teſtemunho do miſter nefando,
Nos ſeus cocos com facas vem tocando.

LXXXII.

Quem póde reputar, que dor traſpaſſa
A miſeranda infauſta companhia,
Vendo taes feras rodear a praça,
Que o ſangue com os olhos lhe bebia?
Ver que os dentes lhe range por negaça,
Senão he que os agita a fome impía,
E diſſer lá comſigo: *Em poucas horas*
Sou paſto deſtas féras tragadoras.

LXXXIII.

Mas põe-lhe a viſta o Padre Omnipotente,
Da deſgraça cruel compadecido;
E envia hum Anjo deſde o Ceo clemente,
Que deixe tanto horror deſvanecido;
E faça que o eſpectaculo preſente
Venha por fim a ſer ſonho fingido;
Que quem recorre ao Ceo no mal que geme,
Logo que teme a Deos, nada mais teme.

LXXXIV.

LXXXIV.

Seis então dos infames Nigromantes
Lançárão mão das victimas pacientes,
E a seis lenhos fataes, que erguêrão dantes,
Atão crueis as máos dos innocentes:
Póstos no Ceo os olhos lagrimantes
Com lembrar-se das penas vehementes,
Que soffreo Deos na Cruz, nelle fiados
Pedião-lhe o perdão dos seus peccados.

LXXXV.

Fernando alli, que em discrição precede,
Com voz sonora a companhia anima:
Cheio de viva fé soccorro pede;
E quanto a dor permitte, que se exprima:
Grá Senhor (diz) de quem tudo procede
A gloria, a pena, a confusão, e a estima,
Que justo dás as graças, e os castigos,
Na dor allivio, amparo nos perigos.

LXXXVI.

Vida não peço aqui, morte não temo,
Nem menos chóro o caso desgraçado:
O que me doe, que sinto, o que só gemo
He, piedoso Deos, o meu peccado:
Feliz serei, Grão Padre, se no extremo
For da tua bondade perdoado;
Pelo Calis amargo, que aqui bebo,
Pela morte cruel, que hoje recebo.

LXXXVII.

LXXXVII.

Mas, grande Deos, que vês noſſa fraqueza
No duro tranſe deſta cruel hora,
Não ſoffras que eſſas féras com crueza
Hajão de devorar a quem te adora:
Porque eſtremece a fragil natureza,
Vendo a gula brutal, que emprende agora
Sacrificio fazer ao torpe abyſmo
Deſtas carnes tingidas no Baptiſmo.

LXXXVIII.

Ouvio o Ceo piedoſo a infeliz gente;
E quando o fero a maça já levanta,
Que eſmague a fronte ao miſero paciente,
Trovão ſe ouve fatal, que tudo eſpanta:
Treme a montanha, e cahe a roca ingente,
E na ruina as arvores quebranta;
Mas o que mais os brutos confundia,
Era o rumor Marcial, que então ſe ouvia.

LXXXIX.

Pedras, fréchas, e dardos de arremeſſo
Cubrião todo o ar; porque o inimigo,
Que atrás ſe poz de hum proximo cabeço,
Aguarda expreſſamente aquelle artigo:
De hum lado, e outro deſde hum mato eſpeſſo
Ameaça o furor, cérca o perigo;
E a gente crua transformada a ſorte,
Quando cuidou matar, padece a morte.

XC.

XC.

Era Sergipe o Principe valente
Na eſquadra valeroſa, que atacava;
Varão entre os ſeus bom, manſo, e prudente,
Que com Juſtiça os póvos commandava:
Armava o forte Chefe de preſente
Contra Gupeva, que cruel reinava,
Sobre as aldêas, que em tal tempo havia
No reconcavo ameno da Bahia.

XCI.

Por toda a parte o Bahienſe he prezo;
He trucidado o bruto Nigromante,
Muitos lançados são no fogo accezo,
Rendem-ſe os mais ao Vencedor poſſante:
Ficára em vida, todavia illeſo
O miſero Europeo, que alli em fragante
Faz deſatar o bom Sergipe, e manda
A eſcravidão no ſeu Paiz mais branda.

XCII.

Mas a gente infeliz no Sertão vaſto
Por matos, e montanhas dividida,
He fama, que huns de tigres forão paſto;
Outra parte dos barbaros comida:
Nem mais houve noticia, ou leve raſto
Como houveſſem perdido a amada vida;
Mas ha boa ſuſpeita, e firme indicio,
Que evadirão o infame ſacrificio.

Po-

(1) *Povo convulso.* Epitheto, que dá Iſaias aos Americanos, como conjecturão os melhores Interpretes.

(2) *Serra dos orgãos.* Ramo da célebre Cordilheira, que diſcorre pelo Brazil, ſahindo das ſuas cavernas nevoas tempeſtuoſas.

(3) *Jacaré.* Huma eſpecie de Cocodrilo Brazilico.

(4) *Saturno.* Os antigos Italianos forão, como ſe collige de Homero, Antropofagos: taes erão os Leſtrigões, e os Liparitanos. Os Fenicios, e os Carthaginezes uſárão de Victimas humanas, e Roma propria nos ſeus maiores apertos. São eſpecies vulgares na Hiſtoria.

(5) *Embiras.* Eſpecie de cordão feito da caſca interior de algumas arvores.

(6) *Tatú.* Eſpecie de animal cuberto de huma concha duriſſima, e impenetravel. Os Salvagens tingem-ſe com varias reſinas, ſenão com o fim, ao menos com o effeito de os livrar das mordeduras dos Inſectos; ainda que alguns ſe tinjão com hervas inuteis para eſſe uſo.

(7) *Batata, Coco. Inhame.* Frutos bem conhecidos ainda na noſſa Europa.

(8) *Sacrificio.* He certo que os Brazilienſes não tinhão fórma alguma expreſſa de Sacrificio; mas a ſolemne função, e ritos, com que matavão os ſeus prizioneiros, parece com razão ao Padre Simão de Vaſconcellos na ſua Hiſtoria do Brazil, que erão hum veſtigio dos antigos Sacrificios uſados dos Fenicios, de que aſſima fallámos em outra Nota.

(9) *Vinho.* Vem da America debaixo deſte nome

me varios extractos de cajú, coco, e de outros frutos conhecidos, que podem competir com os noſſos vinhos.

Catimpoeira. Immunda bebida dos Salvagens, que maſtigando o milho, fazem da ſaliva, e do ſucco meſmo do grão huma potagem abominavel.

(10) *Eſtatua.* He eſtimada por prodigioſa a Eſtatua, que ſe vê ainda na Ilha do Corvo, huma das Açores, achada no deſcubrimento daquella Ilha ſobre hum pico, apontando para America. Foi achada ſem veſtigios, de que já mais alli habitaſſe peſſoa humana. Devo a hum Grande do noſſo Reino, Fidalgo eruditiſſimo, a eſpecie de que ſe conſerva huma Hiſtoria deſta Eſtatua manuſcripta, obra do noſſo immortal João de Barros.

(11) *Salvagem.* Não ſuppomos unico o Salvagem, que o Padre Anxieta achou em o Eſtado, que aqui ſe deſcreve. Muitos Theologos ſe perſuadem, que Deos por meios extraordinarios inſtruira a quem viveſſe na obſervancia da Lei Natural.

(12) *Tupá.* Os Salvagens do Brazil tem expreſſa noção de Deos na palavra *Tupá*, que vale entre elles *excellencia ſuperior, couſa grande que nos domina.*

(13) *Suſpendo.* Até aqui são os limites do Lume natural, e com elle ſómente o alcança a Filoſofia: porém o remedio da Natureza humana, ferida pela culpa, não póde conſtar-nos ſenão pela Revelação.

(14) *Hum arco.* As memorias deſta Eſtatua concordão em ſer o ſeu traje deſconhecido: toma daqui occaſião o Poeta para o repreſentar arbitrariamente.

CAN-

CANTO II.

I.

ERa a hora, em que o Sol na grá carreira
Do torrido Zenith vibra igualmente,
E que a ſombra dos corpos companheira
Na terra extingue, com o raio ardente;
Quando ao partir a turba carniceira,
Se vio Diogo ſó na praia ingente,
Entre mil penſamentos, mil terrores,
Que a dor faz grandes, e o temor maiores.

II.

Parecia-lhe ver da gente inſana
O barbaro furor, a fome crua,
A agonia dos ſeus na acção tyranna;
E temendo a dos mais, preſume a ſua:
Quizera oppôr-ſe á empreza deshumana;
Penſa em arbitrios mil, com que o conclua:
Se fugirá? mas donde? ſe os invada?
Porém enfermo, e ſó não vale a nada.

III.

III.

Oh! mil vezes (dizia) affortunados,
Os que entregues á furia do elemento
Acabárão seus dias socegados,
Nem virão tanta dor, como exprimento!
Que estavão finalmente a mim guardados
Este espanto, este horror, este tormento!
Que escapei (Santos Ceos!) desse mar vasto
Para a féras servir de horrivel pasto!

IV.

E hei de agora (infeliz!) ver fraco, e inerme,
Que dos meus vá fazer hum pasto horrendo
Essa patrulha vil! que agora enferme!
Que me veja sem força em febre ardendo!
Ah! se pudéra em meu vigor já ver-me!
Que ardor sinto em meu peito de ir rompen-
E a turba vil fazendo em mil pedaços, (do,
Truncar pescoços, máos, cabeças, braços.

V.

Não póde (he certo) a debil natureza;
Porém que esperas mais, mísero Diogo?
Que póde resultar da forte empreza?
Será mal morrer já, se ha de ser logo?
Faltão-me as forças sim; sinto a fraqueza:
Mas o espirito o suppre, e neste affogo
Tira forças occultas da nossa alma,
Que ella não mostra ter, vivendo em calma.

VI.

VI.

E como quer em fim que o mande a ſorte;
Morra-ſe, que talvez ſe não deſuna
O ſucceſſo feliz, de huma acção forte;
Que acaſo hum temerario achou fortuna;
E quando irado o Ceo me envie a morte,
E que a Mão do Senhor meus erros puna,
Recebo o golpe, que me for mandado;
Morrerei, aſſim he, porém vingado.

VII.

Nem deixo de eſperar que a gente bruta,
Vendo o eſtrago da eſpada, e do moſquete,
Não ſe encha de pavor na eſtranha luta,
E força maior creia que a accommette:
Se tomo as armas, que ſalvei na gruta,
Eſcudo, cota, malha, e capacete,
Poſſo eſperar que hum ſó me não reſiſta;
E antes que o ferro, mos ſometta a viſta.

VIII.

Diſſe; e entrando na ſolita caverna,
Cobre de ferro a valeroſa fronte;
Hum peito d'aço de firmeza eterna,
E o eſcudo, onde a frécha ſe deſponte.
Diſpõe de modo, e em fórma tal governa,
Que nada teme já, que em campo o affronte:
Nas máos de ferro tinha huma alabarda,
A eſpada á cinta, aos hombros a eſpingarda.

IX.

IX.

Sahia aſſim da gruta, quando o monte
Cuberto vê da barbara caterva;
E no que infere da turbada fronte,
Sinaes de fuga, e de derrota obſerva:
A algum obriga o medo, a que traſmonte;
Outros ſe eſcondem pelo mato, ou herva;
Muitos fugindo vem com medo á morte,
Crendo achar na caverna hum lugar forte.

X.

Mas o prudente Diogo, que entendia
Não pouca parte do Idioma eſcuro,
Por alguns mezes, em que attento o ouvia,
Elege hum poſto a combater ſeguro:
Attento a toda a voz, que ouvir podia,
Por eſcutar dos ſeus o caſo duro,
Entre eſperanças, e receio intenſo
Sem ſuſto eſtava ſim, porém ſuſpenſo.

XI.

Gupeva então, que aos mais ſe adiantava,
Vendo das armas o medonho vulto,
Incerto do que vê, ſuſpenſo eſtava,
Nem mais ſe lembra do inimigo inſulto;
Algum dos Anhangás imaginava, (1)
Que dentro ao grão fantaſma vinha occulto,
E á viſta do eſpectaculo eſtupendo
Cahio por terra o miſero tremendo.

XII.

XII.

Cahio com elle junta a brutal gente,
Nem ſabe o que imagine da figura,
Vendo-a brandir com a alabarda ingente,
E olhando ao morrião, que o transfigura:
Ouve-ſe hum rouco tom de voz fremente,
Com que eſpantallos mais o Heróe procura;
E porque temão de maior ruina,
Faz-lhes a voz mais horrenda huma boſina.

XIII.

Em tanto a gente barbara proſtrada,
Táo fóra de ſi eſtá por cobardia,
Que ſem ſentido eſtúpida, aſſombrada,
Só moſtra viva eſtar, porque tremia:
Quaes verdes varas de arvore copada,
Se aſſopra a viração do meio dia,
De huma parte á outra parte ſe maneão;
Aſſim de medo os vís no chão perneão.

XIV.

Mas Diogo naquelles intervallos,
Suſpendendo o furor do duro Marte,
Eſperança concebe de amanſallos,
Huma vez com terror, outra com arte:
A viſeira levanta, e vai buſcallos,
Moſtrando-ſe riſonho em toda a parte:
Levantai-vos (lhe diz) e aſſim dizendo,
Hia-os co'a propria mão da terra erguendo.

XV.

XV.

Gupeva, que no traje mais diſtincto
Parecia na turba do ſeu Povo,
O Principal no mando, meio extincto,
Pelo horror de eſpectaculo tão novo;
Tremendo em pé ficou, ſem voz, e inſtincto,
E cahíra ſem dúvida de novo,
Se nos braços Diogo o não tomára,
E d'agua alli corrente o borrifára.

XVI.

Não temas (diſſe affavel) cobra alento;
E ſupprindo-lhe acenos o idioma,
Dá-lhe a entender, que todo eſſe armamento
Protege amigos, ſe inimigos doma:
Que os não offende o bellico inſtrumento,
Quando de humana carne algum não coma;
Que ſe a comerdes, tudo em cinza ponho...
E iſto dizendo, bate o pé, medonho.

XVII.

Toma nas máos (lhe diz) verás que nada
Te hão de fazer de mal; e aſſim fallando,
Põe-lhe na mão a partaſana, e eſpada,
E vai-lhe á fronte o morrião lançando.
Diminue-ſe o horror na alma aſſombrada,
E vai-ſe pouco a pouco recobrando,
Até que a ſi tornando reconhece
Donde eſtá, com quê falla, e o q̃ lhe offrece.

XVIII.

XVIII.

Se d'além das montanhas cá t'envia (2)
O Grão Tupá (lhe diz) que em nuvem negra
Eſcurece com ſombra o claro dia,
E manda o claro Sol, que o Mundo alegra;
Se vens d'onde o Sol dorme, e ſe à Bahia
De alguma nova Lei trazes a regra;
Acharás, ſe goſtares, na cabana,
Mulheres, caça, peixe, e carne humana.

XIX.

A carne humana! (replicou Diogo,
E como pode, explica em voz, e aceno)
Se vir que come algum, botarei fogo;
Farei que inunde em ſangue eſſe terreno.
Pois ſe os bichos nos devem comer logo,
(O Barbaro lhe oppõe com deſempeno)
A nós faz-nos horror, ſe elles nos comem;
E he menos triſte q̃ nos trague hum homem.

XX.

O corpo humano (diſſe o Heróe prudente) (3)
Como o brutal não he: deſde que nace,
He morada do Eſpirito eminente,
Em quem do Grão Tupá ſe imita a face.
Sepulta-ſe na terra, qual ſemente,
Que ſenão apodrece, não renace;
Tempo virá, que aos corpos reunida,
Torne a noſs' alma a reſpirar com vida.

XXI.

XXI.

O Lume da razão condemna a empreza,
Pois ſe o infando appetite o goſto adula,
Para extinguir a humana Natureza,
Sem mais contrarios, baſtaria a gula.
Que ſe a malicia em vós, ou ſe a rudeza,
O inſtincto univerſal de todo annula,
He com tudo entre os mais couſa temida,
Que outrem por vos comer, vos tire a vida.

XXII.

Diſſe Diogo, e conduzia á gruta,
O Principal da barbara caterva,
Que alli ſeguido pela gente bruta,
O lugar conhecido attento obſerva:
Cupeva a tudo attende, e tudo eſcuta;
Mas ſempre o horror, q̃ concebeo, conſerva;
E olhando ás armas, ſem q̃ a mais ſe arroje,
Chega com mão furtiva, apalpa, e foge.

XXIII.

Vinha a noite já então ſeu negro manto
Deſpregando na lucida Athmoſféra,
Quando buſcão ſocego ao ſeu quebranto
No ninho as aves, e na toca a féra:
E quando o Somno com ſuave encanto
Aos miſeros mortaes a dor modera;
Mas não modera em Diogo a mordaz cura
De amanſar o furor da Gente dura.

XXIV.

Por diſſipar na gruta a ſombra fria,
Toma o ferreo fuzil, que o fogo atêa;
E vendo a rude gente, que o accendia,
E brilhar de improviſo huma candêa;
Notando a prompta luz, que no oleo ardia,
Não acaba de o crer de aſſombro chea:
Crem por tanto que o fogo do Ceo naſça,
Ou que Diogo nas mãos naſcello faça.

XXV.

Era coſtume do Selvagem rude
Roſſar hum lenho n'outro com tal geito,
Que vinha por eletrica virtude
A accender lume, mas com tardo effeito.
Mas obſervando, ſem que o lenho o ajude,
Em menos de hum momento o fogo feito;
O meſmo imaginou, que a Grecia creo,
Quando vio ferir fogo a Prometheo.

XXVI.

Acceza luz na lóbrega caverna,
Vê-ſe o que Diogo alli da náo levára;
Roupas, armas, e em parte mais interna,
A polvora em barríz, que tranſportára:
Tudo vão vendo á luz de huma lanterna,
Sem que o appeteça a gente nada avara,
Ouro, e prata, que a inveja não lhe atiça:
Nação feliz! que ignora o que he cubiça.

XXVII.

XXVII.

Mas entre objectos varios a que attende,
Nota Gupeva extatico a Pintura,
Que n'hum precioso quadro, que alli pende,
Representava a Mãi da formosura:
Se seja cousa viva, não entende;
Mas suspeitava bem pela figura,
Digna a pessoa, de que a Imagem era,
De ser mãi de Tupá, se elle a tivera.

XXVIII.

Esta (pergunta o Barbaro) tão bella,
Tão linda face, acaso representa
Alguma formosissima Donzella,
Que Esposa o Grão Tupá fazer intenta?
Ou por ventura que nascesse della,
Esse, que sobre os Ceos no Sol se assenta?
Quem póde geração saber tão alta?
Mas se ha Mãi, q̃ o gerasse, esta he sem falta.

XXIX.

Encantado está o pio Lusitano
De ouvir em rude boca tal verdade;
E adorando o Mysterio soberano,
Mãi ter não póde (disse) a Divindade.
Mas sendo Deos eterno, fez-se humano,
E sem lesão da propria Virgindade,
A Donzella o gerou, que piza a Lua,
Digna Mãi de Tupá, Mãi minha, e tua.

XXX.

Peçamos pois, que he Mái, que nos defenda;
Que te dê para ouvir docil orelha;
E comtigo o teu Povo recommenda,
Dizendo o Heróe aſſim, devoto ajoelha.
Gupeva o meſmo faz com fé eſtupenda;
E pendente de Diogo, que o aconſelha,
Levanta as mãos, como elle levantava;
E vendo-o lagrimar, tambem chorava.

XXXI.

Mas crendo rude, como então vivia,
Que foſſe couſa viva a Imagem Santa;
Que por mái de Tupá tudo ſabia,
Tendo poder conforme a gloria tanta;
Repete o que houve a Diogo com voz pia,
E á Mái de Deos o coração levanta:
E encoſtando entre os rogos a cabeça,
Faz a noite, e o deſvelo que adormeça.

XXXII.

Já no purpureo, e tremulo Horizonte,
Roſas parece que eſpalhava a Aurora;
E o Sol que naſce ſobre o oppoſto monte,
A bella luz derrama creadora:
Ouvem-ſe as avezinhas junto á fonte,
Saudando a manhã com voz ſonora;
E os mortaes já do ſomno deſatados
Tornavão novamente aos ſeus cuidados.

XXXIII.

Quando Gupeva manſo, e differente,
Do que antes fora na fereza bruta,
Convoca a ouvillo a multidão fremente,
Que á roda eſtava da profunda gruta:
Poſto no meio da confuſa gente,
Que toda delle pende, e attenta eſcuta:
Valentes Paiaiás (diz deſta ſorte) (4)
Que herdais o brio da proſapia forte.

XXXIV.

Se hontem do vil Sergipe ſurprendidos,
Vimos o grão terreiro poſto a ſaco;
Fomos cercados ſim, mas não vencidos;
Não foi victoria, foi traição de hum fraco.
Sabia bem por golpes repetidos,
Com quanto eſforço na peleija ataco;
E como ſem traição faria nada,
Não tendo eu armas, vem com mão armada.

XXXV.

Sombra do Grão Tatú, de quem me ferve
Neſtas veias o ſangue; de quem trago
A invicta geração, que em guerra ſerve
De eſpanto a todos, de terror, de eſtrago:
Porque a gloria a teu nome ſe conſerve,
E porque a cante da Bahia o lago,
Mandas de lá de donde o Mundo acaba
Para o noſſo ſoccorro eſte *Imboába*. (5)

XXXVI.

XXXVI.

Tu lhe mudaſte em ferro a carne branda;
Tu fazes que na mão ſe accenda, e lhe arda
A viva chamma, que Tupá nos manda;
Tupá, que rege o Ceo, que o Mundo guarda.
Com elle hei de vencer por qualquer banda;
Com elle em campo armado, já me tarda
O cobarde inimigo, que a encontrallo,
Vivo, vivo me animo a devorallo.

XXXVII.

Sabeis, Tapuias meus, como morrendo
Noſſos Irmãos, e Pais, que elles matavão,
Poſtos debaixo já do golpe horrendo,
Voſſo nome aos vingar triſtes chamavão.
Tambem viſtes na guerra combatendo,
Que eſtrago nelles eſtas mãos cauſavão,
E as vezes que vos dei no campo vaſto,
Mil e mil delles por ſabroſo paſto.

XXXVIII.

Mas não come o Eſtrangeiro, nem conſente
Comer-ſe carne humana; e ſó teria
Outra carne qualquer por innocente,
Aves, féras, Tatús, Paca, ou Cotia;
Receba pois de nós grato preſente,
De quanto houver nos matos da Bahia;
Saia-ſe á caça; e como lhe compete,
Prepare-ſe a hoſpedagem de hum banquete.

XXXIX.

XXXIX.

Separa-ſe o Congreſſo em breve eſpaço,
Diſpõe-ſe em alas numeroſa Tropa:
Quem com taquáras donde pende o laço,
Onde a avezinha cahe, ſe incauta o topa:
Quem dos hombros ſuſpende, e quem do braço
Armadilhas diffrentes; outro enſopa
Em vilgo as longas ramas do palmito,
Onde improvido caia o Periquito.

XL.

Os mais com frécha vão, que a hum tempo ſeja
Tiro, que offenda a fugitiva caça;
Ou armas (ſe occorreſſe) na peleija,
Quando o inimigo de emboſcada a faça:
E porque aos mais preſida, e tudo veja,
A' frente do Eſquadrão Gupeva paſſa;
Nem fica Diogo ſó, que tudo via,
Mas ſegue armado a forte companhia.

XLI.

Mais arma não levou, que huma eſpingarda;
E poſto ao lado de Gupeva amigo,
Prompto a todo o accidente, e poſto em guarda,
Trás na cautela o eſcudo ao ſeu perigo.
Em tanto a deſtra gente a caça aguarda,
E algum ſe affouta a penetrar no abrigo,
Onde eſconde a Panthera os ſeus cachorros,
Outro a ſegue por brenhas, e por morros.

XLII.

XLII.

Até que de Gupeva commandada,
Em circulo ſe fórma a linha unido,
Onde quanto ha de caça já eſpantada,
Fique no meio de hum cordão cingido:
A rez alli do eſtrondo amedrentada,
N'hum centro eſtá de eſpaço reduzido:
A' mão meſmo ſe colhe: couſa bella!
Que dá mais goſto ver, do que comella.

XLIII.

Não era aſſim nas aves fugitivas,
Que humas fréchava no ar, e outras em laços
Com arte o Caçador tomava vivas:
Huma porém nos liquidos eſpaços
Faz com a pluma as ſettas pouco activas,
Deixando a liza penna os golpes laços.
Toma-a de mira Diogo, e o ponto aguarda:
Dá-lhe hum tiro, e derriba-a co'a eſpingarda.

XLIV.

Eſtando a turba longe de cuidalo,
Fica o barbaro ao golpe eſtremecido,
E cahe por terra no tremendo abalo
Da chamma, do fracaço, e do eſtampido:
Qual do horrido trovão com raio, e eſtalo
Algum junto áquem cahe, fica aturdido:
Tal Gupeva ficou, crendo formada
No arcabuz de Diogo huma trovoada.

XLV.

XLV.

Toda em terra proſtrada exclama, e grita
A turba rude em miſero deſmaio,
E faz o horror, que eſtupida repita
Tupd, *Caramurú*, temendo hum raio.
Pertendem ter por Deos, quando o permitta,
O que eſtáo vendo em pavoroſo enſaio,
Entre horriveis trovões do Marcio jogo,
Vomitar chammas, e abrazar com fogo.

XLVI.

Deſde eſſe dia he fama, que por nome
Do Grão Caramurú foi celebrado
O forte Diogo; e que eſcutado dome
Eſte appellido o Barbaro eſpantado:
Indicava o Brazil no ſobrenome,
Que era hum dragão dos mares vomitado:
Nem d'outra arte entre nós a antiga idade
Tem Jove, Apollo, e Marte por Deidade.

XLVII.

Forão qual hoje o rude Americano,
O valente Romano, o ſabio Argivo;
Nẽ foi de Salmoneo mais torpe o engano, (6)
Do que outro Rei fizera em Creta altivo.
Nós que zombamos deſte Povo inſano,
Se bem cavarmos no ſolar nativo,
Dos antigos Heróes dentro ás imagens,
Náo acharemos mais, que outros Salvagens.

XLVIII.

XLVIII.

He facil propensão na brutal gente,
Quando em vida ferina admira huma arte,
Chamar hum fabro o Deos da forja ingente;
Dar ao guerreiro a fama de hum Deos Marte:
Ou talvez por sulfureo fogo ardente,
Tanto Jove se ouvio por toda a parte:
Hercules, e Theseos, Jasões no Ponto (7)
Seriáo cousas taes, como as que eu conto.

XLIX.

Quanto merece mais, que em douta Lyra
Se cante por Heróe, quem pio, e justo,
Onde a cega Nação tanto delira,
Reduz á humanidade hum Povo injusto?
Se por Heróe no Mundo só se admira,
Quem tyranno ganhava hum nome Augusto;
Quanto o será maior, que o vil tyranno,
Quem nas féras infunde hum peito humano?

L.

Tal pensamento então n'alma volvia
O Grão Caramurú, vendo prostrada
A rude multidáo, que Deos o cria,
E que espera d'esta arte achar domada:
Politica infeliz da Idolatria,
Donde a antiga cegueira foi causada; (8)
Mas Diogo, que abomina o feio insulto,
Quando augmenta o terror, recusa o culto.

LI.

LI.

De Tupá ſou (lhe diſſe) Omnipotente
Humilde eſcravo, e como vós me humilho;
Mas do horrendo trovão, que arrojo ardente,
Eſte raio vos moſtra, que eu ſou filho.
(Diſſe, e outra vez diſpara em continente)
Do meio do relampago, em que brilho,
Abrazarei qualquer, que ainda ſe atreva
A negar a obediencia ao Grão Gupeva.

LII.

Deo logo a amiga mão com grato aſpecto
Ao miſero Gupeva, que convulſo
No horror daquelle ignivomo proſpecto,
Jazia ſem ſentido, e já ſem pulſo:
Não temas (diz-lhe) amigo, que eu prometto,
Que de meu braço ſe não mova impulſo,
Senão contra quem for tão temerario,
Que ſendo-te eu amigo, he teu contrario.

LIII.

Recobra o bom Gupeva hum novo alento,
Sentindo a grata mão, que á vida o chama;
Nem póde duvidar pelo exprimento,
De quanto Diogo com fineza o ama;
Mas ſempre com receio do inſtrumento
Teme q̃ outra vez lance a horrivel chamma;
E deixa-o no erro Diogo, a fim que incerto,
Nenhum pelo pavor ſe chegue ao perto.

LIV.

Mas por deixar incerta a gente infida,
Dá-lhe aſtuto o arcabuz, que não tem carga;
E quem (diz) he fiel, póde com vida
Tello na mão ſem horrida deſcarga;
Porém ſe algum faltaſſe á fé devida,
Sentirá da traição por pena amarga,
Com proprio damno ſeu, com mortal riſco,
Relampago, e trovão, fogo, e coriſco.

LV.

Que eu acordado eſteja, ou que adormeça,
Vigia em guarda minha o fogo occulto,
E a traição pagará com a cabeça,
Quem tentaſſe fazer-me hum leve inſulto.
Porém ſe eu mal não quero, que aconteça,
Póde hum menino, como póde o adulto,
E o mais fraco, que houver na voſſa gente,
Ter o trovão nas mãos, ſem que arrebente.

LVI.

Porém guardai-vos vós, que ſó no peito,
Só n'alma, que tenhais tenção malina,
Vereis que trovão faz por meu reſpeito,
E que vem no eſtampido a voſſa ruina.
Treme Gupeva, ouvindo eſte conceito,
E humilde a fronte ao Grão Diogo inclina:
Certo de não faltar na fé que rende,
Donde o raio, e trovão crê que depende.

LVII.

LVII.

Convoca em tanto o Principal temido
As esquadras da turba, então dispersa;
E ao Grão Caramurú pede rendido
Que eleja casa no Paiz diversa:
E que a gruta deixando, suba unido,
Onde em vasta cabana o Povo versa;
Nem duvide que a gente féra, e brava
O sirva humilde, e se sujeite escrava.

LVIII.

No Reconcavo ameno hum posto havia
De troncos immortaes cercado á roda,
Trincheira natural, com que impedia,
A quem quer penetrallo, a entrada toda:
Hum plano vasto no seu centro abria, (9)
Aonde edificando á patria moda,
De troncos, varas, ramos, vimes, canas
Formárão, como em quadro, oito cabanas.

LIX.

Qualquer dellas com mole volumosa
Corre direita em linhas parallelas;
E mais comprida aos lados, que espaçosa,
Não tem paredes, ou columnas bellas:
Hum angulo no cume a faz vistosa,
E coberta de palmas amarellas,
Sobre arvores se estriba, altas, e boas,
De seiscentas capaz, ou mil pessoas.

LX.

LX.

Qual o velho Noé na immenſa barca,
Que a barbara cabana em tudo imita,
Ferozes animaes próvido embarca,
Onde a turba brutal tranquilla habita:
Tal o rude Tapuia na grand' arca;
Alli dorme, alli come, alli medita;
Alli ſe faz humano, e de amor molle,
Alimenta a mulher, e affaga a prole.

LXI.

Dentro da grã choupana a cada paſſo (10)
Pende de lenho a lenho a rede extenſa:
Alli deſcanço toma o corpo laço;
Alli ſe eſconde a marital licença:
Repouſa a filha no materno abraço
Em rede eſpecial, que tem ſuſpenſa:
Nenhum ſe vê (que he raro) em tal vivenda,
Que a mulher de outrem, nem q̃ á filha offen-
(da.

LXII.

Alli chegando a Eſpoſa fecundada
A termo já feliz, nunca ſe omite
De pôr na rede o Pai a prole amada,
Onde o amigo, e parente o felicite:
E como ſe a mulher ſoffrêra nada,
Tudo ao Pai reclinado então ſe admite,
Qual fora, tendo ſido em modo ſerio
Seu proprio, e não das Máis o puerperio.

LXIII.

LXIII.

Quando na rede encoſta o tenro infante,
Pinta-o de negro todo, e de vermelho;
Hum pequeno arco põe, frécha volante,
E hum bom cutelo ao lado; e em tom de ve-
Com diſcurſo patetico, e zelante, (lho
Vai-lhe inſpirando o paternal conſelho;
Que ſeja forte diz, (como ſe o ouviſſe)
Que ſe ſaiba vingar, que não fugiſſe.

LXIV.

Dá-lhe depois o nome, que apropria
Por ſimilhança que ao Infante iguala,
Ou com que o eſpera célebre algum dia;
Senão he por defeito que o aſſinala:
A algum na fronte o nome ſe imprimia,
Ou pintão no verniz, que tem por gala;
E ſegundo a figura ſe lhe obſerva,
Dão-lhe o nome de féra, fruto, ou herva.

LXV.

Trabalha em tanto a Mãi ſem nova cura,
Quando o parto conclue, e em tempo breve,
Sem mais arte que a próvida natura,
Sente-ſe leſta, e ſã, robuſta, e leve:
Feliz gente, ſe uniſſe com fé pura
A ſóbria educação, que ſimples teve!
Que o q̃ a nós nos faz fracos, ſempre eſtimo,
Q̃ he mais q̃ pena, ou dor, melindre, e mimo.

LXVI.

LXVI.

Vai com o adulto filho á caça, ou peſca
O ſolícito Pai pelo alimento:
O peixe á mulher traz, e a carne freſca,
E á tenra prole a fruta por ſuſtento:
A nova provisão ſempre refreſca,
E dá neſta fadiga hum documento,
Que quem nega o ſuſtento a quem deo vida,
Quiz ſer Pai, por fazer-ſe hum parricida.

LXVII.

Que ſe acontece que a enfermar ſe venha,
Concorre com piedade a turba amiga;
E por dar-lhe hum remedio, que convenha,
Conſultão-no entre ſi com gente antiga:
Buſcão quem de herva ſaiba, ou cura tenha,
Que poſſa dar allivio ao que periga,
Ou talvez ſangrão n'huma febre ardente,
Servindo de lanceta hum fino dente.

LXVIII.

Mas vendo-ſe o mortal já na agonia,
Sem ter para o remedio outra eſperança,
Eſtima a bruta gente; acção mui pia,
Tirar-lhe a vida com a maça, ou lança:
Se morre o tenro filho, a Mãi ſería
Eſtimada cruel, quando a criança,
Que pouco antes ao Mundo della veio,
Não torna ao ſeu lugar no proprio ſeio.

LXIX.

Tal era o Povo rude, e tal uſança
Se lhe vê praticar no vicio illuſo:
Tudo nota Diogo, na eſperança
De corrigir por fim tão cego abuſo.
No lugar da cabana, em que deſcança
Menos da gente, e multidão confuſo,
Põe-lhe a rede Gupeva, que o convida
De rica, e mole pluma entre tecida.

LXX.

Mas eis-que hum grande número o rodea
De emplumados feiſſimos Salvagens:
Ouve-ſe a caſa de clamores chea;
Coſtume antigo ſeu nas hoſpedagens.
Qualquer chegar-ſe a Diogo ainda recea,
Por ter viſto as horrificas paſſagens;
Mas *mair ma apadu* de longe explicão, (11)
E *bem vindo o eſtrangeiro* ſignificão.

LXXI.

Por coſtumado obſequio os mais luzidos
Tomão Diogo nos braços; e no peito
A frente lhe apertavão comedidos:
Sinal entr'elles do hoſpital reſpeito.
Tirão-lhe em preſſa as roupas, e veſtidos;
E pondo-o ſobre a rede, como em leito,
Sem mais dizer-lhe nada, e ſem ouvillo,
Tudo ſe affaſta, e deixão-no tranquillo.

LXXII.

Com maior ceremonia outra viſita
Feſtiva celebrava o ſeu cortejo;
Feminea turba, que o coſtume incita
A offerecer-ſe honeſta ao ſeu deſejo;
Senta-ſe ſobre os pés, e felicita,
Cobrindo o roſto a mão, como por pejo;
Veſtidas vem de folhas tão brilhantes,
Que o que falta ao valor, tem de galantes.

LXXIII.

Parece ſer da meza o diſpenſeiro
Hum Salvagem, que o nome lhe pergunta:
Se tem fome, lhe diz; ou ſe primeiro
Quereria beber? e logo ajunta,
Sem mais reſpoſta ouvir, ſobre o terreiro
A comida que trouxe em cópia munta:
Pôe-ſe-lhe Uiçu de peixe, e carne crua, (12)
E o mimoſo Cauin, que he paixão ſua.

LXXIV.

Todos com gula comem furioſa,
Sem olhar, ſem fallar, nem diſtrahir-ſe:
Tanto ſe abſorbem na paixão guloſa,
Que mal pudéra ao vellos diſtinguir-ſe,
Se são féras, ou homens. Vergonhoſa,
Triſte miſeria humana! confundir-ſe
Hum peito racional c'hum bruto feio
No horrendo vicio, donde o mal nos veio.

LXXV.

LXXV.

Acabada a comida, a turba bruta
O eſtrangeiro bem vindo outra vez grita;
E a tropa feminina, que iſto eſcuta,
Cobre a face co-as mãos, e o pranto imita:
Gupeva pois que o hoſpede reputa,
Cauſa do ſeu prazer, e author da dita;
O Sacro fogo a roda lhe ateava,
Ceremonia hoſpital, que o povo uſava. (13)

LXXVI.

Bem preſumia Diogo, no que explora,
Que algum myſterio ſe occultava interno;
Lembra-lhe a chamma, que o Caldeo adora;
O fogo das Veſtaes recorda eterno;
Nem duvidava que de origem fora
Coſtume da Nação, rito paterno;
Trazido, ſe he poſſivel que ſe crêa,
Na diſperſão das gentes, da Caldêa.

LXXVII.

Perguntallo dos barbaros quizera;
Mas como o acceno, e lingua muito engana,
Acaſo ſoube que á Gupeva viera
Certa Dama gentil Braziliana:
Que em Taparica hum dia comprendêra
Boa parte da lingua Luſitana;
Que Portuguez eſcravo alli tratára, (14)
De quem a lingua, pelo ouvir, tomára.

LXXVIII.

Paraguaçú gentil (tal nome teve)
Bem diverſa de gente tão nojoſa;
De côr tão alva, como a branca neve;
E donde não he neve, era de roſa:
O nariz natural, boca mui breve,
Olhos de bella luz, teſta eſpaçoſa:
De algodão tudo o mais, com manto eſpeſſo,
Quãto honeſta encobrio, fez ver-lhe o preço.

LXXIX.

Hum Principal das terras do contorno
A bella Americana tem por filha;
Nobre ſem falto, amavel ſem adorno;
Sem gala encanta, e ſem concerto brilha:
Servia aos Carijós, que tinha em torno,
Mais que de amor, de objecto a maravilha:
De hum deſdem tão gentil, q̃ a quem olhava,
Se mirava immodeſto, horror cauſava.

LXXX.

Foi deſtinada de ſeus Pais valentes,
Eſpoſa de Gupeva; mas a Dama
Fugia de ſeus olhos impacientes,
Nem prenda lhe acceitou, porque o não ama:
Nada ſabem de amor barbaras gentes,
Nem arde em peito rude a amante chama;
Gupeva, que não ſente o ſeu deſpeito,
Tratava-a ſem amor; mas com reſpeito.

LXXXI.

LXXXI.

Deſeja vella o forte Luſitano;
Porque interprete a lingua, que entendia;
E toma por mercê do Ceo ſobrano
Ter como entenda o idioma da Bahia:
Mas quando eſſe prodigio aviſta humano,
Contempla no ſemblante a louçania:
Pára hum, vendo o outro; mudo, e quedo,
Qual junto de hum penedo outro penedo.

LXXXII.

Só tu, Tutelar Anjo, que o acompanhas,
Sabes quanto a virtude alli ſe arriſca,
E as furias da paixão, que accende eſtranhas
Eſſa de inſano amor doce faiſca:
Anſias no coração ſentio tamanhas,
(Anſias, que nem na morte o tempo riſca)
Que houvera de perder-ſe naquell' ora,
Senão fora Chriſtão, ſe Heróe não fora.

LXXXIII.

Mas deſde o Ceo a Santa Intelligencia
Com doce inſpiração mitiga a chamma;
Onde a amante paixão ceda á prudencia,
E a razão póde mais, que a ardente flamma:
Em Deos na natureza, e na conſciencia
Conhece, que quer mal quem aſſim ama;
E que fora ſacrilego epiſodio
Chamar á culpa amor, não chamar-lhe odio.

LXXXIV.

LXXXIV.

No raio deſte heróico penſamento
Em tanto Diogo reflectio comſigo,
Ser para a lingua hum cómmodo inſtrumento
Do Ceo mandado na donzella amigo:
E por ſer neceſſario ao Santo intento,
Eſtuda no remedio do perigo,
Que póde ſer? ſou fraco: ella he formoſa...
Eu livre... ella donzella... ſerá eſpoſa.

LXXXV.

Bella (lhe diſſe então) gentil Menina,
(Tornando a ſi do paſmo, em que eſtivera)
Sorte humana não he, mas he Divina,
Ver-me a mim; ver-te a ti na nova eſféra:
Ella a fraſe, em que fallo, aqui te enſina;
Ella, ſenão me engana o que alma eſpera,
Hũm fogo em nós accende, que de reſto
Eterno haja de arder, ſe arder honeſto.

LXXXVI.

Deſde hoje ſe a meus olhos correſponde
O meigo olhar das lucidas pupilas;
Se amor he.. porq̃ amor quẽ he q̃ o eſconde,
Se por elle eſſas lagrimas diſtillas:
Com que chammas meu peito te reſponde,
Com mão de Eſpoſa poderás ſentillas;
Diſſe; e eſtendendo a mão, offereceo-lha;
Ella que nada diz, ſorrio-ſe, e deo-lha.

LXXXVII.

LXXXVII.

Põe-lhe de fuga os olhos, que abaixára;
E ou de amante, ou tambem de vergonhoſa,
Hum tão bello rubor lhe tinge a cara,
Como quando entre os lirios naſce a roſa:
Tres vezes quiz fallar, tres ſe calára;
E ficou do ſoçobro tão formoſa,
Quanto elle ficou cégo; e em tal porfia,
Nem hum, nem outro então de ſi ſabía.

LXXXVIII.

Mas reflectindo logo o Heróe prudente,
Fixou no coração com fé ſegura,
Não cumprir as promeſſas de preſente,
Antes que lhe entre n'alma a formoſura:
Rende-lhe o ſeu amor, mas innocente,
E faz-lhe prometter, que com fé pura,
Em quanto ſe não lava, e regenéra,
Em continencia vivirão ſincera.

LXXXIX.

E eſta fé (diz-lhe) Eſpoſa em Deos querida,
Guardar-te hoje prometto em laço eterno,
Até banhar-te n'agua promettida,
Por candida affeição de amor fraterno:
Amor, que ſobreviva á propria vida;
Amor, que prezo em laço ſempiterno,
Arda depois da morte em maior chamma;
Que aſſim trata de amor, quẽ por Deos ama.

XC.

Eſpoſo (a bella diz) teu nome ignoro;
Mas não teu coração, que no meu peito
Deſde o momento, em q̃ te vi, que o adoro:
Não ſei ſe era amor já, ſe era reſpeito:
Mas ſei do que então vi, do que hoje exploro,
Que de dous corações hum ſó foi feito.
Quero o Baptiſmo teu, quero a tua Igreja,
Meu Povo ſeja o teu, teu Deos meu ſeja.

XCI.

Terme-has, caro, terme-has ſempre a teu lado:
Vigia tua, ſe te occupa o ſomno;
Armada ſahirei, vendo-ſe armado;
Tão fiel nas prizões, como n'hum throno:
Outrem não temas, que me ſeja amado:
Tu ſó ſerás, Senhor, tu ſó meu dono:
Tanto lhe diz Diogo, e ambos jurárão;
E em fé do juramento, as mãos tocárão.

(1) *Anhangá.* Nome do Demonio, em lingua Brazilica, conhecido daquelles Barbaros pelo uſo da Nigromancia.

(2) *Montanhas.* Perſuadem-ſe os Brazilienſes, que além das montanhas, que dividem o Brazil do Perú, ſeja o Paraiſo. Vide *Martiniere Diccionario Geografico* verb. *Brazil*, onde ſe lerá a maior parte da Hiſtoria dos ritos, e coſtumes do Brazil, que aqui, e na ſerie do Poema eſcrevemos.

(3) *O corpo humano.* Razão ſufficiente, por que he illicito comer a carne humana por principios Theologicos na preſente Oitava, e na ſeguinte pelos Naturaes.

(4) *Paiaiás.* Nome honorifico em lingua Brazilica, equivalente a *Nobres*, ou *Senhores*. O Poeta conforma-ſe ao coſtume deſtas gentes, entre as quaes os Principes fazem longas fallas aos ſeus Compatriotas, exhortando-os pelos principios, que aqui ſe tocão.

(5) *Imboába.* Voz, com que os Barbaros nomeão os Europeos.

(6) *Salmoneo.* Eſte Principe pertendia imitar o raio para eſpantar os Gregos, então barbaros, e ſimilhantes aos noſſos Brazilienſes. Tanto ſe póde crer do Rei de Creta, que aquelles Inſulares chamárão Jupiter.

(7) *Hercules.* Os Heróes dos tempos fabulares forão ſem dúvida ſimilhantes aos noſſos primeiros Deſcubridores, feitos celebres pela rudeza, e ignorancia dos ſeus tempos. Obſervamos eſte parallelo para preoccupar a cenſura de quem acaſo eſtimaſſe a materia, e objecto deſta Epopeia, indigna de comparar-ſe á que eſcolhérão os antigos Poetas Epicos.

Cau-

(8) *Cauſada.* He certo que a Idolatria dos Gregos teve grande occaſião nos Inventores das Artes; e vimos outro tanto nos Americanos, diſpoſtos a crer immortaes os Europeos.

(9) *Hum plano.* Deſcripção das Tabas, ou Aldéas Brazilicas.

(10) *Dentro.* O Padre Martiniere, célebre Critico, e teſtemunha ocular, atteſta parte deſtes coſtumes; outros. Ozorio, Vaſconcellos, Pitta, que não citamos, por ſerem eſpecies vulgares.

(11) *Mas mair.* Nas hoſpedagens coſtumão aſſim os Brazilianos: e do Padre Martiniere copiámos as palavras, que então proferem, e a ſua interpretação.

(12) *Uiçu.* Farinha, a que reduzem a carne torrada, ou o peixe. *Cauin*, bebida ſimilhante á que já diſſemos da Catimpoeira.

(13) *Ceremonia.* Tinhão eſta ceremonia como Religioſa, perſuadidos que faz fugir o Demonio.

(14) *Portuguez eſcravo.* Ficção Poetica ſobre o veroſimil, não ſendo difficil que algum dos Portuguezes deixados por Cabral, ou por outros Capitães na coſta, para aprenderem a lingua, communicaſſem parte della aos habitantes.

CANTO III.

I.

JA' nos confins extremos do Horizonte
Dourava o Sol no occaſo rubicundo
Com tibio raio aſſima do alto monte;
E as ſombras cahem ſobre o valle fundo:
Hia morrendo a côr no prado, e fonte;
E a noite, que voava ao novo Mundo,
Nas azas traz com viração ſuave
O deſcanço aos mortaes no ſomno grave.

II.

Só com Gupeva a Dama, e com Diogo
Goſtoſa aos dous de interprete ſervia;
E perguntado ſobre o Sacro fogo,
A qual fim ſe inventára? a que ſervia?
Deo-lhe ſimples razão Gupeva logo:
Suppre de noite (diſſe) a luz do dia;
E como Tupá ao Mundo a luz accende,
Tanto fazer-ſe aos hoſpedes emprende.

III.

III.

Se peccando o máo eſpirito ſolevas,
Succede que talvez cruel ſe enoje;
E como he Pai da noite, e Author das trévas,
Tanto aborrece a luz, que em vendo-a foge:
Porém ſe á Luz eterna o peito elevas,
Não ha furia do Averno que ſe arroje;
Talvez por lhe excitar triſtes idéas,
Das chammas, que tiverão por cadeas.

IV.

Admira o pio Heróe, que aſſim conheça
A Nação rude as legiões do Averno; (1)
Nem já duvída que do Ceo lhe deſça
Clara luz de hum Principio ſempiterno.
Diſſe-me, Hoſpede amigo, ſe profeſſa
Eſte teu Povo, diz, com culto externo
Adorar algum Deos? qual he? onde ande?
Se ſeja hũ Deos ſómente, ou q̃ outros mande?

V.

Hum Deos (diz) hũ Tupá, hũ ſer poſſante (2)
Quem poderá negar que reja o Mundo,
Ou vendo a nuvem fulminar tonante;
Ou vendo enfurecer-ſe o mar profundo?
Quem enche o Ceo de tanta Luz brilhante?
Quem borda a Terra de hum matiz fecundo?
E aquella ſala azul, vaſta, infinita,
Senão eſtá lá Tupá, quem he que a habita?

VI.

VI.

A chuva, a neve, o vento, a tempeſtade
Quẽ a rege? a quẽ ſegue? ou quem a move?
Quem nos derrama a bella claridade?
Quem tantas trévas ſobre o Mundo chove?
E eſte eſpirito amante da verdade,
Inimigo do mal, qué o bem promove,
Couſa tão grande, como fora obrada,
Senão lhe dera o ſer, quem vence o nada?

VII.

Quem ſeja eſte grande Ente, e qual ſeu nome,
(Feliz quem ſaber póde) eu cego o ignoro;
E ſem que a empreza de ſabello tome,
Sei que he qué tudo faz, e humilde o adoro:
Nem duvido que os Ceos, e Terra dome,
Quando nas nuvens com terror o exploro,
Deixando o mortal peito em vil deſmaio,
Ameaçar no trovão, punir no raio.

VIII.

Só paſmo ſe nos fez, como não veio,
Devendo amar o que obra de mão ſua,
Ao Mundo de Anhangás cercado, e cheio
A livrar o Homem deſſa beſta crua!
Como he poſſivel que não déſſe hum meio,
Com que a mente ignorante, enferma, e nua
Tratar com elle poſſa, quando he claro
Que o Pai não deixa o filho em deſamparo?

IX.

IX.

Sinto bem remorder dentro em meu peito
Lembrança, que me accuſa: por mim fiz
Se mais bem do que faz, me não tem feito;
Que he neſcio quem o ingrato benefica.
Outro Povo talvez mereça eleito
A aſſiſtencia dos Ceos de graças rica;
Nem contra Deos ſe juſtifica a queixa,
Que coſtume deixar, quem o não deixa.

X.

Mas ſe do Throno Celeſtial, e Eterno
A pezar da malicia nos viſita;
Quem ſabe ſe por zelo hoje paterno
A noſſo bem mandar-te aqui medita.
Pois creio bem que contra o fogo Averno
Trazes a chamma, que a do raio imita,
Ou que vens como luz, do Ethereo aſſento,
Por levar-nos comtigo ao Firmamento.

XI.

Paſmava o Luſitano da eloquencia
Com tão alto penſar n'huma alma rude;
Notando como a Eterna Sapiencia
A face a todos moſtra da virtude.
E reputava por maior clemencia,
Que a quẽ, ſe a fé conhece, ingrato a illude;
Negaſſe Deos a luz, que os outros vião;
Porque tendo-a maior, mais cegarião.

XII.

XII.

Não deixa nunca os ſeus o Ceo piedoſo
(Diogo reſpondeo) que á terra indigna
Manda o ſeu Unigenito glorioſo,
Que offreça, a quê o invoca, a mão benigna:
Mas ſe anteviſſe no Homem pernicioſo (3)
Huma livre eleição ſempre maligna,
Por dar-lhe menos pena em menor falta
Em ſombra, como á voz, deixa tão alta.

XIII.

Tendes em tanto hum claro ſentimento,
Que eſpirito immortal ſe nos concede.. (4)
Sim, diz Gupeva, que o decide attento,
Quem tudo quanto ſente parte, ou mede:
Mas mirando ao ſeu proprio penſamento,
Vê que a medida ſempre intacto excede;
E ſendo indiviſivel deſta ſorte,
Como póde a razão ſoffrer a morte?

XIV.

Quantas vezes em mim, ſe ſer pudeſſe,
Hum penſamento d'alma eu dividira;
Que todo o mal em fim que o homem padece,
Vem d'imagem cruel, que dentro gyra.
Mas a interna impreſsão tanto mais creſce,
Quanto o peito anſiado mais ſuſpira:
E vejo q̃ ha em mim meſmo occulto, e interno
Entre a mẽte, e a verdade hũ laço eterno. (5)

XV.

XV.

Sendo a mente mortal, tornára ao nada,
Ao apagar-se a luz no extremo dia;
E antes de ser punida, ou premiada,
Huma alma juſta, ou ré pereceria;
Sempre em deſejos, nunca ſaciada;
Má ſem caſtigo; e ſem fortuna pia;
Sem chegar ao ſeu fim perder a eſſencia...
Como he crivel, que Deos tem Providen-
(cia? (6)

XVI.

Se o fim do inerte bruto ſe inquiriſſe,
No contexto das obras reſpondêra,
Que fora feito, porque nos ſerviſſe,
E que eterno deſtino não tivera:
Onde era bem que a morte deſtruiſſe
Quem para immortal fim nunca naſcêra;
Porque lhe dera, a tello, o Ceo Divino
Outro corpo, outra fórma, outro deſtino. (7)

XVII.

Que o bruto elege, penſa, que diſcorre
Do que o vemos obrar fica evidente;
Mas cada eſpecie a hum curto fim concorre,
Sem orgãos, e aptidão com q̃ outro intente.
O homem tudo quer, por tudo corre,
Tem orgãos para tudo, e tudo ſente;
Infinito em penſar, e no que vejo
Maior que no penſar no ſeu deſejo.

XVIII.

XVIII.

Tudo domina só, tudo governa,
Sem que a outro animal servir costume;
Toda outra especie á sua he subalterna,
E se immortal nascêra, fora hum Nume: (8)
Arbitrio Universal, Razão Eterna,
Capaz de receber o immenso lume,
E fora mais, se a morte o dissipára,
Que se Ceo, Terra, e Inferno anniquilára.

XIX.

Pasmado Diogo do que attento escuta,
Não crê que a singular Filosofia
Possa ser da invenção da gente bruta;
Mas a interprete bella lhe advertia,
Que a antiga Tradição nunca interrupta
Em cantigas, que o Povo repetia,
Desde a idade infantil todos comprendem,
E que dos Pais, e Máis cantando o aprendem.

XX.

Que erão pedaços das Canções, que entoão (9)
As que ouvia a Gupeva (e talvez tudo)
Que em Poetico estilo doces soão
Feitas por Sabios de sublime estudo.
Que alguns entre elles com tal estro voão,
Que involvendo-se o harmonico no agudo,
Parece que lhe inflamma a fantasia
Algum Nume, se o ha, da Poesia.

XXI.

Tendo Paraguaçú dito discreta,
Prosegue então Gupeva os seus assumptos:
Que se as almas morressem, que indiscreta
A memoria sería dos defuntos?
A que servíra a Lei, que nos decreta, (10)
Que no sepulchro se lhe ponhão juntos
Comidas, arcos, frechas? quem resiste
A quem depois da morte não subsiste?

XXII.

O inimigo Anhangá, logo que deixa
A nossa alma esta carne, em furia a invade,
E do mal, que cá fez, cruel se queixa,
Até que em sombras entre, ou claridade:
O Rito do Sepulchro expresso deixa,
Que enterrando-se em pé, na Eternidade
O fim buscamos, a que Deos nos cria;
E que antes de o alcançar, se segue a via.

XXIII.

Deste principio nasce, que com prantos
Noite, e dia se chora o seu decesso;
Louvão-se nos Congressos como Santos,
E põe-se no sepulchro hum marco expresso:
Tantas memorias pois, officios tantos
A que fim se a alma acaba, eu não conheço:
A expiação, e obsequio era frustrado,
Se ella não vive, ou purga algum peccado.

XXIV.

XXIV.

Coſtumes são da occulta Antiguidade,
Que o Grão Tamandaré deſde alta origẽ (11)
A's gentes enſinou, com que á piedade
Todas no Mundo as almas ſe dirigem:
E quando algum conteſte eſta verdade,
Provão-na os Anhangás, que nos affligem,
Pedindo aos Nigromantes q̃ a alma vendão,
No q̃ huma alma immortal nos recommendão.

XXV.

Que he deſde noſſos Pais fama conſtante,
Que a onde o Sol ſe põe neſſas mõtanhas (12)
Ha hum fundo lugar, de que he habitante
O perfido Anhangá com crueis ſanhas:
Alli de enxofre a eſcuridão fumante
Com portas encerrou Tupá tamanhas,
Que as não póde forçar, nem todo o Inferno:
A morte he a chave; e o cadeado he eterno.

XXVI.

Dentro nada ſe vê na ſombra eſcura;
Mas no vislumbre funebre, e tremendo
Diſtingue-ſe com viſta mal ſegura,
Hum Antro vaſto, tenebroſo, e horrendo:
Ordem nenhuma tem: tudo conjura
Ao ſempiterno horror, que alli comprendo:
Mutuamente mordendo-ſe de envolta,
Hum n'outro agarra, ſe o primeiro o ſolta.

XXVII.

Se viſte onda ſobre onda procelloſa,
Quando bate eſcumando a arêa funda,
Como eſta aquella engole; e mais furioſa
Montanha d'agua vem, que ambas affunda:
Tal na caverna lobrega horroroſa
Onda, e onda de fogo os máos inunda:
Eſte ſóbe; eſte deſce; e hum cataclifmo
Alaga as nuvens, e deſcobre o abyſmo.

XXVIII.

Aqui o fero Anhangá cahio, (ſe conta)
Quando do Grão Tupá rompia o jugo;
E vem dos Aſtros, que ſoberbo monta,
A ſer em pena vil, do homem verdugo:
Alli com mão cruel, com furia prompta
Pune da noſſa eſpecie o vil refugo;
E em vez de máos as miſerandas gentes,
Enroſca em laços de crueis ſerpentes.

XXIX.

Alli do Grão Tupá por Lei ſevera,
No incendio eſtá, que o tempo não apaga,
Quem torpe inceſto faz; quem adultera;
Quem he réo da laſcivia infame, e vaga:
Cada hum, como a culpa commettêra,
Tanto, e no proprio membro o crime paga:
Fere-ſe a quem ferio; mas o homicida
Só porque morra mais, não perde a vida.

XXX.

XXX.

Sentada em meio da morada horrenda,
Branca de cans, e immovel na manobra,
Immenſa ſombra faz, que a cauda prenda
Dentro na boca horrivel huma cobra:
Com rouca voz, e intimação tremenda
Ao tempo prezo na viperea dobra
Diz, retumbando em éco a cavidade:
Oh vida! oh tẽpo! oh morte! oh eternidade!

XXXI.

Além da grã montanha, em que ſe occulta (13)
O carcere das ſombras horroroſo;
De mil delicias n'hum terreno exulta
Quem vive juſto, ou quem morreo piedoſo:
Não ſe acha imagem neſta terra inculta,
Que ſeja ſombra do Paiz ditoſo:
O Templo alli da Paz foi levantado,
Sempre aberto ao prazer, e á dor fechado.

XXXII.

Ha do ameno jardim na vaſta entrada
Huma grã porta de ſafiras bellas,
Onde da etherea Luz reverberada,
Se pinta em vaſto fundo hũ mar de eſtrellas;
Toda ella em torno, em torno decorada
De floridas belliſſimas capellas:
Junto voragem ha de hum precipicio,
Que ſorve a quẽ ſe encoſta infecto em vicio.

XXXIII.

XXXIII.

Vem-se dentro campinas deleitosas,
Geladas fontes, arvores copadas;
Outeiros de crystal, campos de rosas,
Mil fructiferas plantas delicadas:
Cuberto o chão das frutas mais mimosas,
Com mil formosas cores matizadas,
E á maneira, entre as flores, de serpentes
Vão volteando as liquidas correntes.

XXXIV.

Latadas de martyrios ha sombrias,
Que com a rama, e flor formão passeios;
Onde passão sem calma os claros dias,
Gozando sem temor de mil recreios:
Chuvas alli não ha, nem brumas frias,
Nem das procellas horridas receios;
Nem ha na Primavera, e verdes Maios
Quem receie o trovão, nem tema os raios.

XXXV.

Entre o sussurro alli das fontezinhas,
Harmonica se escuta a voz sonora,
Com que mil innocentes avezinhas
Entoão a alvorada á fresca Aurora:
Muitas com vôos vão ao Ceo vizinhas;
Outra segue o Consorte, a quem namora,
E mil doces requebros gorgeando,
De raminho em raminho vai saltando.

XXXVI.

XXXVI.

Huma ave entre outras ha que ſe diſcorre, (14)
Ou fama certa ſeja, ou voz fingida,
Que do jardim a nós, de nós lá corre,
Como fiel correio da outra vida:
Dizem que vôa, quando algum cá morre,
E exprime no ſeu canto enternecida
O que alma paſſa nas eternidades,
E que nos leva, e traz doces ſaudades.

XXXVII.

Neſte ameno jardim vivem contentes
As almas, que no Mundo valeroſas
A Santa Lei guardárão diligentes,
Obrando acções na vida glorioſas:
Os que forão na guerra mais valentes,
E a Patria com acções guardão honroſas;
E os que em bellico horror com peito forte
Temem mais huma affronta, do que a morte.

XXXVIII.

Aqui do Grão Tupá no amado ſeio
Conversão, dançáo, jogáo ſem faſtio;
Huns dos males paſſados ſem receio
Contão da crua guerra o caſo impío:
Outros da propria morte o golpe feio,
Recordão ſem pavor, contão com brio,
Que o recordar hum mal, que he já paſſado,
Dá depois mais prazer, que então cuidado.

XXXIX.

XXXIX.

Alli dos Pais as almas venturoſas
Unidas ſempre eſtão ao Filho amado;
E o premio das fadigas laborioſas
Gozão no ſeio hum d'outro ſem cuidado:
A Mãi abraça as filhas amoroſas;
Como o Eſpoſo a Conſorte em puro agrado;
Sem guerra, ſem contenda, ſem porfia
Paſsão tranquilla a noite, e alegre o dia.

XL.

Mas o que he mais ſuave, o que he mais doce,
He gozar-ſe entre tanta amenidade
De todo o bom deſejo a inteira poſſe;
Nem ter de couſa vã neceſſidade:
Oh quem de tanto bem poſſeſſor foſſe!
Grato Paiz! amavel liberdade!
Onde por graça de Tupá infinita
Ninguem padece, teme, ou neceſſita.

XLI.

Dizendo aſſim, Gupeva enterneceo-ſe,
Sentindo a força, que o mortal levanta
A' Bemaventurança: commoveo-ſe
Tambem Diogo, vendo que em luz tanta
Táo pouco de Deos ſabe: a todos deo-ſe
O eterno lume, copia da Lei ſanta;
Mas bem que de eſplendor inunde hũ pégo,
Quem he indigno de Deos, fica mais cégo.

XLII.

XLII.

Que valem (diſſe ao barbaro ignorante)
Jardins, flores, delicias, e prazeres,
Faltando o Objecto em fim mais importante,
Que he a face de Tupá? pois de a não veres,
Todo outro bem, que gozes por brilhante,
Por bello, por maior, que o conceberes,
Para a noſſa cubiça mal ſaciada,
He vil, he vão, he pouco, he fumo, he nada.

XLIII.

Finge que poſſa o Homem gozar junto
Deſtes bens cá da terra hum vaſto rio;
Quanto Deos crear póde, tudo e munto;
Quem delle não gozar, fica vaſio:
Se o Mundo a húa alma baſta, eu não pergunto;
Que ella goze infinitos, ſempre eu fio;
Que qual hydropeſia verdadeira,
Quantos mais poſſuir, tantos mais queira.

XLIV.

Toda eſſa gloria, que me tens pintado,
Sem mais q̃ hum bẽ do Mundo circumſcrito,
Não he, Gupeva meu, mais q̃ hum bocado,
Para quem ſó ſe farta do infinito:
E quando tudo o mais ſe haja logrado,
Se he hum bem tranſitorio, ſe he finito,
Em breve has de ſentir, e ſem remedio
Do futuro anſia, e do paſſado tedio.

XLV.

XLV.

Deos, caro amigo meu, he Deos ſómente
Quem póde ſaciar noſſa vontade:
Chegar á parte a onde o ver contente,
E vello alli por toda a eternidade:
Todo o bem nelle eſtá ſummo, e eminente,
Honra, gloria, grandeza, mageſtade:
Eſta he, ſe diſcorreres em bom ſiſo,
A idéa, que has de ter de hum Paraiſo.

XLVI.

Porém narra-me em tanto o que ſe penſa
Entre vós dos principios deſte Mundo:
Quando? como? por quem na idéa immenſa
Se tomou a medida ao Ceo profundo?
Qual foi o Homem primeiro, e de qual crença?
Ou ſe noticia tens do Adão ſegundo?
De qual origem ſois, ou de qual gente?
Ou quem veio a povoar tal Continente?

XLVII.

Memoria nunca ouvi (Gupeva diſſe) (15)
Onde o Homem naſceſſe; mas comprendo,
Que houve principio em fim q̃ o produziſſe,
Que ſem fim, e principio eu nada entendo.
Como o creou não ſei: e bem que o viſſe,
Não pudéra entendello; conhecendo
Que entre o nada, e o ſer ha tal diſtancia,
Que a ti te creio igual neſta ignorancia.

XLVIII.

XLVIII.

O primeiro Homem na geral lembrança,
A Tradição dos velhos mais antigos,
Antes do grão Diluvio não alcança:
Sabemos só que huns homens inimigos,
Do forte braço na fallaz confiança,
Enchêrão todo o Mundo de perigos,
E derão cauſa, que o Diluvio extenſo
N'hum pégo ſepultaſſe a terra immenſo.

XLIX.

Do renovado Mundo o Patriarca
Deſde o alto monte, onde eſcapou, deſcendo,
Depois que a grá canoa, e immenſa barca,
Em que ao alto ſubio, foi fundo tendo;
Na prole immenſa dominou Monarca,
E as varias Tribus dividido havendo
Por Continentes, e Ilhas do mar fundo,
De toda a gente he Pai, q̃ habita o Mundo.

L.

Prediſſe o Juſto Velho o grão caſtigo,
E os Homens exhortando á penitencia;
Nem á viſta do proximo perigo
Chamallos pôde á juſta obediencia:
Cançado então Tupá da paz amigo
Do cruel latrocinio, e da violencia,
Quiz por vingar-ſe o Padre Omnipotente
Com aguas apagar a chamma ardente.

LI.

LI.

Faz que ſe abrão do Ceo, que aguas encerra,
As catadupas, como immenſos rios,
E que a face inundando-ſe da terra,
Se affoguem bons, e máos, juſtos, e ímpios:
Os elementos em desfeita guerra
Confundem-ſe em medonhos deſafios;
Cahe hũ mar deſde o Ceo, e na meſma hora
Manda a terra do centro outro mar fóra.

LII.

Já rota a margem, que nas brancas praias
A's ondas poſto tinha o Grão Sobrano,
Paſsão as aguas das extremas raias,
Onde ſe ajunta com o monte o plano:
O peixe nadador nas altas faias
No ninho eſtá do aligero tucano:
E em ſeios as balêas ver puderas,
Covis dos Tigres, e antros de Pantheras.

LIII.

Hião em tanto os Homens miſerandos
De hum monte a outro por fugir das aguas,
E ſem deſtino algum bandos, e bandos
Correndo gritão com piedoſas magoas:
E os Ceos deprecão, que os eſcutem brandos;
Mas a ira de Tupá com juſtas fragoas
Fulminando ſentelhas, e coriſcos,
Faz maiores os damnos, do que os riſcos.

LIV.

LIV.

Via-ſe em longa taboa mal ſegura
Nadar ſobr'agua a Mãi deſventurada;
E tendo ao collo appenſa a creatura,
Ora he n'agua abatida, ora elevada
Quem deſde o alto das caſas ſe pendura;
Quem fabríca de lenhos a jangada;
Qual da fome mortal horror concebe,
E crê que he menos mal, ſe a morte bebe.

LV.

Tamandaré porém de Tupá amigo,
Em quanto a grã procella horrivel ſoa,
Salva o naufrago Mundo pelo abrigo,
Que aos filhos procurou na grã canoa:
E a barca por memoria do caſtigo
Elevada deixou ſobre a coroa
Das altas ſerras, que na fama claras,
Tem nome ſimilhante ao das Araras. (16)

LVI.

Daqui por varias terras eſpalhados
Os Homens forão, que ſeus netos cremos;
Huns que a fronte de nós deixou queimados,
O claro Sol, q̃ naſce em ſeus extremos: (17)
Outros, que habitão climas apartados,
Deſſa cor branca, que em teu roſto vemos;
Divididos do mar, por onde as proas
Endireitão a nós voſſas canoas.

LVII.

LVII.

Se ſois de nós, ſe nós das voſſas gentes,
São couſas, que nós todos ignoramos;
Pois do paterno cháo ſempre contentes,
D'outras terras, e tempos não cuidamos:
Mas vós, que os mares paſſeais ingentes,
Podereis inferir, ſe os que aqui eſtamos,
Depois que de hum Pai ſó todos naſcemos,
Com alguns entre vós nos parecemos.

LVIII.

Qũ ſe em vós houve, ou ha quẽ aſſim trate; (18)
Quem ſe governe aſſim, quem edifique,
Ou quem com armas, como nos combate,
Quem todo á caça, como nós ſe applique:
Se ha quem devore os Homens, quando os mate;
A quem o feroz vulto imberbe fique,
Deſde Tamandaré, que he Pai das gentes,
Podemos crer que são noſſos Parentes.

LIX.

Conſerva-ſe n'hum Povo o antigo rito,
Se o não altera o rito do eſtrangeiro;
E ſempre algum veſtigio fica eſcrito
Por Tradição do ſeculo primeiro.
Vós ſabereis, ſe a Hiſtoria tenha dito,
Que houve tempo, em q̃ o Mũdo quaſi inteiro,
Sem ſabermos huns d'outros ſe habitaſſe;
E como nós erramos, tudo erraſſe.

LX.

LX.

Se os mares nunca d'antes navegados
Diſcorreſtes por climas differentes;
Sabereis d'outros Homens ſeparados,
Deſcubertos talvez das voſſas gentes:
Que por eſtreitos, póde ſer, gelados,
Tranſitárão nos noſſos Continentes:
Vós direis, ſe Homens ha na roxa Aurora
Nús, e pintados, como nós agora?

LXI.

E porque ſaibas mais noſſo coſtume,
Onde julgues melhor da antiga origem,
Dirte-hei como, ſeguindo o impreſſo lume,
As prudentes Nações cá ſe dirigem:
Nem do vicio de muitas ſe preſume
Contra aquellas, que ſábias ſe corrigem;
Que tambem entre vós creio ſe eſcuta,
Quem tendo boas leis, tem má conducta.

LXII.

De Tupá, que o trovão com fogo manda,
Trememos, como vês, eſpavoridos;
Mas quando vemos que a procella abranda,
Ficão os homens de Tupá eſquecidos:
E bem ſuſpeito que neſs'outra banda
Succeda aſſim, ſe o horror vem dos ſentidos;
E que entre vós tambem gente ſe veja,
Que não temem Tupá, ſenão troveja.

LXIII.

Quem o blasfeme, affronte, ou quem o chame
A ser-lhe testemunha, quando mente,
Núca se ouve entre nós có furia infame, (19)
E só de o imaginar se assombra a gente.
He raro quem o adore, ou quem o ame;
Mas mais raro será quem insolente
Tenha do Summo Ser tão céga incuria,
Que trate o nome seu com tanta injuria.

LXIV.

De externo culto a Deos ha pouco indicio;
Senão he no que estimas bruto engano
De fazermos cruento sacrificio,
Não do sangue brutal, porém do humano. (20)
Vejo á luz da razão, que he feio vicio,
Que ao instincto repugna por tyranno;
Mas matar quem nos mais o crime atiça,
Não he victima digna da Justiça?

LXV.

A Justiça do Ceo reconhecemos
Contra quem delinquente a profanasse;
Pondo supplicios contra os máos extremos,
E em justo sacrificio a pena dá-se.
O malfeitor, o réo, quando o prendemos,
Com sacro rito a ceremonia faz-se:
Que quem no sangue impio a Deos vindica,
Este o aplaca sómente, e sacrifica. (21)

LXVI.

LXVI.

A fórma do governo por abuſo
Anarquico entre nós ſem lei ſe offrece;
Mas nos que fazem da razão bom uſo,
Juſta Legislação reinar parece:
Nem nos tomes por Povo tão confuſo,
Que hum público poder não conheceſſe;
Ha Senado entre nós ſabio, e prudente, (22)
A quem o Nobre cede, e a humilde gente.

LXVII.

Vagamos ſempre, e nunca hum firme aſſento
Nos deixão ter da caça os exercicios:
Buſcamos nella os proprios alimentos,
E habitamos onde a ha, ou della indicios:
E eſtes são de ordinario os fundamentos
De occupar-nos em bellicos officios:
Verás as gentes em continuo choque
Sobre a quem o terreno, ou praia toque.

LXVIII.

Em varias caſtas, e Nações diverſas
Dividido o Sertão vagar coſtuma;
E bem que vagabundas, e diſperſas,
Confederão-ſe as Tabas de cada huma: (23)
Em guerra, e paz, e em ſedições perverſas
Ao Patrio nome não ſe nega alguma;
E ſe o Senado o quer, por juſtos modos
Põem-ſe todos em paz, e armão-ſe todos.

LXIX.

São nos Senados membros, e cabeças
Os Velhos Sabios, Capitães valentes;
Os que tem ſoccorrido em grandes preſſas
Com conſelhos á Patria mais prudentes:
Deſtes as ordens dimanando expreſſas,
Hum ſó ſe não verá nas noſſas gentes,
Que rompa, não cedendo a Poteſtade,
Eſte laço da humana ſociedade.

LXX.

Deſtes huns da Suprema Divindade
Miniſtros são, que nos feſtivos dias, (24)
Fazendo-ſe qualquer ſolemnidade,
O Povo exhortão com lembranças pias:
Honrão cantando a eterna Mageſtade,
Com ſons, que para nós são melodias:
Couſas, que ſe Anhangá corrompeo tanto,
Vê-ſe que naſcem de Principio Santo.

LXXI.

Eſtes Chefes do culto venerando
Mantem-nos a oblação do Povo crente:
São Meſtres ſantos, e por nós orando,
O lume da razão moſtra evidente,
Que em tão ſublime officio miniſtrando,
Tem direito a que o Público os ſuſtente:
Pois nelles he mais juſto que a lei valha
De comer cada hum donde trabalha.

LXXII.

LXXII.

Punimos o homicidio: quem mutila,
Quem bate, ou fere, não evita a pena:
A ſentença elle a dá. Deve ſubila (25)
Qual foi a culpa, com juſtiça plena:
Quem matou, morrer deve: aſſim ſe eſtila
Por Lei Sagrada, que a Equidade ordena:
Quem cortou pé, ou mão, braço, ou cabeça,
No pé, no braço, e mão tanto padeça.

LXXIII.

A fé do matrimonio bem declara, (26)
Que o vago amor a Lei offenderia,
Se ſe pudera uſar ſem que hum caſára,
Quem he que neſte Mundo caſaria?
Deve morrer quem quer que adulterára;
Sem iſſo quem ſeu Pai conheceria?
E o que extermina a Patria Poteſtade,
Quem não vê que repugna a Humanidade.

LXXIV.

Quem Pai, ou Mái conhece com inceſto,
Ou quem corrompe a Irmá, padece a morte:
Nos officios dos Pais he manifeſto, (27)
Que confuſão naſcêra deſta ſorte:
Ser a filha mulher, não fora honeſto,
Dominando em ſeu Pai, como conſorte:
Se o Irmão no Matrimonio á Irmá ſeguíra,
Sempre o Genero Humano mal ſe unira.

LXXV.

Deve a humana geral ſociedade,
Para gozar da paz com doce laço,
Vincular dos mortaes a variedade (28)
De hum conſorcio feliz no caro abraço:
Deo-nos o Ceo por orgão da amizade,
Deo-nos como outra mão, como outro braço
A conſorte, em que o amor com fé ſe excite;
Não por paſto brutal de hum appetite.

LXXVI.

E houvera ſem prizão, que he tão ſuave,
Dominando entre os homens deſde o Averno
A diſcordia cruel, e a inveja grave,
A conter-ſe o hymeneo no amor fraterno:
Naſce do amor a paz; o amor he a chave,
He o doce grilhão, vinculo eterno,
Que ſe o vil intereſſe algum deſune,
Os peitos abre, e os corações nos une.

LXXVII.

Movidos deſte fim por são coſtume
Julgárão noſſos Pais na antiga idade,
Que ſe offende no inceſto o impreſſo lume,
Como contrario á paz da ſociedade:
E ſe do Ceo preſide o Santo Nume,
Ao ſocego da triſte Humanidade;
Quem duvída que eſtime pouco honeſto
Conhecer-ſe os Irmãos com feio inceſto?

LXXVIII.

LXXVIII.

Entre nós quem elege a Eſpoſa amada,
Pede ao Pai, ou Parente; e ſem pedilla,
Não ſe julgára a femea deſpoſada,
Por deixar a familia aſſim tranquilla:
Que ſe orfã foſſe acaſo abandonada,
Só pertence ao vizinho o permitilla;
E convindo ou ſeu Pai, ou ſeu Parente,
He ſem mais matrimonio de preſente.

LXXIX.

Furto entre nós não ha: de que ha de havello?
O que ha, come-ſe logo; e ſem que o enfade,
Hum tira d'outro o que acha, por comello;
E anda ao pé da pobreza a caridade:
A calúmnia, a traição, o amargo zelo
Tem por pena a commua inimizade:
Nem ha, ſe o entendo bem, maior caſtigo,
Que o Mundo todo ter por inimigo.

LXXX.

Outra Lei depois deſta he fama antiga,
Que obſervada já foi das noſſas gentes;
Mas ignoramos hoje a que ella obriga,
Porque os noſſos Maiores pouco crentes,
Achando-a de ſeus vicios inimiga,
Recuſárão guardalla, mal contentes:
Mas na memoria o tempo não acaba,
Que a prégára Sumé Santo Imboaba. (29)

LXXXI.

LXXXI.

Homem foi de ſemblante reverendo,
Branco de côr, e como tu, barbado,
Que deſde donde o Sol nos vem naſcendo,
De hum Filho de Tupá vinha mandado:
A pé ſem ſe affundar (caſo eſtupendo!)
Por eſſe vaſto mar tinha chegado;
E na ſanta doutrina, que enſinava,
Ao caminho dos Ceos todos chamava.

LXXXII.

Com grande mágoa ignora-ſe o que diſſe;
Mas não ſe ignora, que da ſanta boca
Hum conſelho utiliſſimo ſe ouviſſe
De plantar, e moer a mandioca:
Que havia de tornar, tambem prediſſe,
Deſde o Ceo, a que amigo nos convoca,
E na Terra, ou no Ceo, que elle eſtivera,
Eu o iria a encontrar, ſe elle não viera.

LXXXIII.

Contão que quando aos noſſos cá prégava,
Poder moſtrára tal nos Elementos,
Que ás ondas punha lei, ſe o Mar ſe irava,
E de hum aceno ſó domava os ventos:
Os matos ſe lhe abriáo, quando entrava,
E os Tigres feros a ſeus pés attentos;
Parecião ouvir, como a outra gente,
Feſtejando-o co'a cauda brandamente.

LXXXIV.

LXXXIV.

As aguas donde quer, em rio, ou lago,
Se as chegava a tocar com pé ligeiro,
Não parecião do elemento vago,
Mas pedra dura, ou sólido terreiro:
Só com chamar seu nome, cessa o estrago,
Se o furacão com horrido choveiro,
Quando na nuvem negra se levanta,
Ou derriba a cabana, ou quebra a planta.

LXXXV.

Porém negando ás prégações o ouvido,
Vinha o Caboclo do Sertão mais bruto
Contra o justo Sumé de Deos querido
A matallo, e comello resoluto:
Pudéra elle fazer, sendo offendido,
Que elles colhessem da cegueira o fruto;
Mas pede só prostrado a Deos que o croe,
E que a ignorancia aos miseros perdoe.

LXXXVI.

Os féros pois na furia contumazes
Tomão as fréchas, e bramindo atirão;
(Mas quanto pelos teus, Tupá, não fazes!)
Contra quem atirou pelo ar se vírão:
E nem assim se mostrão mais capazes
Dos annuncios de paz, que em tanto ouvírão,
Deixa-os Sumé, e hum rio aborda cheio,
E só com pôr-lhe hum pé, partio-o ao meio.

LXXXVII.

LXXXVII.

Contão (e á viſta faz que a gente o crêa)
Que onde as correntes d'agoa arrebatadas,
Se vão bordando com a branca arêa,
Ficárão de ſeus pés quatro pégadas:
Vem-ſe claras, patentes, ſem que a vêa
As tenha d'agua no ſeu ſer mudadas:
E enxerga-ſe mui bem ſobre os penedos
Toda a forma do pé com planta, e dedos.

LXXXVIII.

Aſſim Gupeva concluio, dizendo,
Nem mais tempo ao diſcurſo haver podia
Por aviſo, que os campos vem batendo
Turba inimiga em vaſta companhia:
A's armas, grita, ás armas, e o éco horrendo,
Retumbando nas arvores ſombrias
Fez que as máis, eſcutando os murmurinhos,
Apertaſſem no peito os ſeus filhinhos.

LXXXIX.

Não te eſpantes, diz Diogo; não alteres
A paz dentro as cabanas bellicoſas;
Em quanto novas certas não ſouberes,
Baſta pôr guardas nos confins forçoſas:
De noite não te empenhes, ſe temeres
Que te invadão com tropas numeroſas,
Põe-te na defenſiva; e bem que freme,
Quem te buſca de noite, he quem te teme.

XC.

XC.

Quanto mais que o trovão nas máos preparo
Contra teus inimigos neſte affogo;
Nem duvides que logo que o diſparo,
Tudo em chammas não vá, tudo arda em fogo:
Diſſe, e ao favor ſahio de hum luar claro,
Diſparando o moſquete em marcio jogo;
E em quanto atira, todo o boſque atroa
Pelo horror da bozina, com que ſoa.

XCI.

Qual dos monos talvez tropa nojoſa
Sahio do intrior mato em negro bando;
E ſe a frécha hum derriba, vai medroſa
Em fuga pelas arvores ſaltando:
Tal ouvindo a bozina pavoroſa,
E o arcabuz com trovão relampagueando,
Correm, cahem, deſpenhão-ſe na eſtima
De que o Ceo todo lhe cahia em ſima.

(1) *Legiões do Averno.* He conſtante o conhecimento que tem os Barbaros da America dos eſpiritos infernaes. De quem o aprendêrão? Quem lhes inſpirou eſtes ſentimentos? Reſpondão os Materialiſtas, e Libertinos? Como era poſſivel que concordaſſem com as outras gentes eſtas Nações ferinas, e ſem algum commercio? Como era factivel que conſervaſſem depois de tantos ſeculos tão clara noção de eſpiritos ſeparados?

(2) *Hum Deos.* He injúria que ſe faz por alguns Authores aos Brazilienſes, ſuppondo-os ſem conhecimento de Deos, Lei, e Rei. Elles tem a voz *Tupá* com eſpecial ſignificação de hum Ente Supremo, como ſabemos dos Miſſionarios, e dos peritos dos ſeus Idiomas.

(3) *Mas ſe anteviſſe.* Não admittimos em Deos ſciencia condicionada, e exploratoria; mas he certo que com determinado conhecimento conhece nos objectos as ſuas condições, e que na execução ao menos priva da ſua Graça alguns, que antevê que abuſárão livremente della.

(4) *Eſpirito immortal.* Os Barbaros Americanos tem diſtincta idéa da Immortalidade da alma, do Paraiſo, do Inferno, da Lei, &c. Veja-ſe o Martiniere, Ozorio *de rebus Emmanuelis*, e outros. Grande argumento contra os Libertinos, e Materialiſtas. Pois quem lhes transfundio eſtes conhecimentos, ſenão a antiga Tradição dos tempos Diluvianos, e a harmonia, que eſtas Tradições tem com a natureza?

(5) *Laço eterno.* A verdade, e indelevel impreſsão que della ſentimos no eſpirito, he hum grande argumento da Immortalidade, a que recorrêrão maiormen-

nente Platão, Santo Agoſtinho, &c. Convence-ſe dos coſtumes, e ritos dos Brazilienſes a antiga perſuasão, que tem da Immortalidade da alma.

(6) *Providencia.* O argumento da pena, e caſtigo, que ſe deve aos injuſtos, e do premio, que ſe concede aos bons, he prova innegavel da Immortalidade da alma, ſuppoſta a Divina Providencia, porque vemos morrer ſem premio a piedade de muitos, e ſem caſtigo a injuſtiça.

(7) *Deſtino.* He eſta a invencivel, e univerſal prova de ſer mortal a alma do bruto: porque por experiencia, e pela ſua organização vemos que tem hum fim limitado, temporal, e ordenado a ſervir o Homem na vida mortal. Tudo ao contrario o Homem meſmo.

(8) *E ſe immortal naſcêra.* A Immortalidade por natureza, e eſſencia he privilegio da Divindade. Adão naſceo immortal por graça.

(9) *Canções.* Sei que Martiniere affirma não ter ouvido nas Canções Brazilienſes indicios de Religião. Mas ſupponho bem que não veria todas: e creio que ſeja impoſſivel terem elles conſervado as Tradições, que o meſmo Author confeſſa, ſem eſte, ou igual meio.

(10) *Que nos decreta.* Todos eſtes ritos, que ſubſiſtem nos Americanos, convencem que as almas ſobrevivem aos córpos, e que são por tanto immortaes.

(11) *Tamandaré.* Noé, ſegundo as noções do Diluvio, que depois veremos.

(12) *Montanhas.* Crem os Brazilienſes que no meio das montanhas, que dividem o Brazil do Perú, ha

ha valles profundiſſimos, aonde são punidos os ímpios. Idéa expreſſa do Inferno, em que concordão com todas as gentes, e dão claro ſinal neſta perſuasão de ſaberem-no por Tradição original dos primeiros, que povoárão a America. Não póde haver argumento mais convincente para encher de confuſão os Deiſtas, Libertinos, e Materialiſtas. Huma Tradição tão antiga, tão firme neſtes barbaros, he ella huma invenção por ventura de alguns homens ſuperſticioſos, e impoſtores das nações d'Aſia, ou da noſſa Europa?

(13) *Além da grã montanha.* Os Barbaros crem que haja lugar deſtinado para premio dos bons, e collocão-no além das montanhas do Perú.

(14) *Huma ave.* Perſuadem-ſe os Brazilienſes haver huma ave, que chamão Colibri, a qual leva, e traz noticia do outro Mundo. Argumento innegavel da ſua crença ſobre a Immortalidade da alma.

(15) *Memoria.* Não tem os Indigenas do Brazil idéa da Creação, mas ſó de Noé, e do Diluvio, e mui confuſa dos homens ante-diluvianos. Tudo argumento para convencer os Incredulos da Hiſtoria Sagrada, e do Diluvio univerſal nella referido. Veja-ſe Sebaſtião da Rocha Pitta, e Franciſco de Brito Freire na Hiſtoria Brazilica.

(16) *Araras.* Entende o Poeta os montes Ararat, onde ficou a Arca.

(17) *O claro Sol.* Entende os Africanos, que ficão ao Oriente da America.

(18) *Que ſe em vós houve.* A maior parte deſtes ſinaes ſe achão nos Tartaros da Coréa, e em outros Salvagens fronteiros a California. Nem duvida-

mos

nos que eſtes, gelando-ſe alli os mares, paſſaſſem o continente da America pela parte mais Septentrional.

(19) *Nunca ſe ouve.* O juramento, blasfemia, e imprecação são vicios ignorados entre os noſſos ſalvagens; e rariſſimos entre os Tartaros.

(20) *Do humano.* Não ha indicio de Sacrificio nos Indigenas Brazilienſes: mas ſendo as victimas humanas praticadas no Mexico, Perú, e em outras Nações da America, perſuadimo-nos que a ſolemnidade dos homicidios nos habitantes do Sertão he hum veſtigio dos Sacrificios coſtumados entre os mais Americanos.

(21) *Sacrifica.* O Sacrificio he com effeito huma deſtruição da victima, e, como expiatorio, ſatisfazia á juſtiça com o ſangue.

(22) *Ha Senado.* Todos os que eſcrevem os coſtumes dos Brazilianos, confeſsão que preſidem ao ſeu governo os Anciãos, e os Principes das Tabas, ou Aldêas: e que outra couſa he o Senado?

(23) *Tabas.* Aſſim chamão os Brazilienſes ás ſuas Aldêas. Veja-ſe o Diccionario da Grammatica, e lingua Brazilica na voz *Taba.*

(24) *Miniſtros são.* Eſpecie de Sacerdocio nos Brazilianos; e conſta que os Póvos concorrem para o ſeu ſuſtento com offertas.

(25) *A ſentença elle a dá.* Os Authores da Hiſtoria Brazilica deſcobrem nos Barbaros do Sertão a Lei célebre de Talião. Da meſma ſorte lhes attribuem Leis para punir o adulterio, e o inceſto em primeiro, e ſegundo gráo.

(26) *A fé do matrimonio.* Martiniere affirma que os

os Brazilienſes Celibes não guardão alguma honeſtidade. Será diſſolução da gente barbara; mas a conſtante Tradição de conjugarem-ſe em matrimonio he argumento, de que repugna aos ſeus coſtumes a Venus vaga, e ſem freio.

(27) *Nos officios dos Pais.* He a razão ſufficiente por onde ſe faz illicito o inceſto. Repugna á Patria Poteſtade ſervir á Eſpoſa, e entregar-lhe o poder ſobre o ſeu corpo, ſendo ella ſua Filha: iſto he, inteiramente ſujeita ao ſeu dominio.

(28) *Dos mortaes a variedade.* Razão ſufficiente, por onde repugna aos Direitos da Sociedade o inceſto em ſegundo gráo. Impediria o commercio, e confederação do Genero Humano o reſtringirem-ſe os matrimonios aos irmãos: e naturalmente ſe reſtringirião pela occaſião, ſe foſſem licitos.

(29) *Sumé.* O Padre Nobrega, primeiro, e inſigne Miſſionario do Brazil, refere quanto aqui dizemos do Apoſtolo S. Thomé. Veja-ſe o Padre Antonio Franco na *Imagem da Virtude*, eſcrevendo a vida do meſmo Nobrega.

CANTO IV.

I.

ERa o Invaſor nocturno hum Chefe errante,
Terror do Sertão vaſto, e da marinha,
Principe dos Caetés, Nação poſſante,
Que do Grão Jararáca o nome tinha:
Eſte de Paraguaçú perdido amante,
Com ciumes da donzella, ardendo vinha:
Impeto que á razão, batendo as azas,
Apaga o claro lume, e accende as brazas.

II.

Dormindo eſtava Praguaçú formoſa,
Onde hum claro ribeiro á ſombra corre;
Languida eſtá, como ella, a branca roſa,
E nas plantas com calma o vigor morre:
Mas buſcando a freſcura deleitoſa
De hum grão maracujá, que alli diſcorre,
Recoſtava-ſe a bella ſobre hum poſto,
Que encobrindo-lhe o mais, deſcobre o roſto.

III.

III.

Reſpira tão tranquilla, tão ſerena,
E em languor tão ſuave adormecida,
Como quem livre de temor, ou pena,
Ropouſa, dando pauſa á doce vida:
Alli paſſar a ardente féſta ordena,
O bravo Jararáca a quem convida,
A freſcura do ſitio, e ſombra amada,
E dentro d'agua a imagem da latada.

IV.

No diafano reflexo da onda pura
Aviſtou dentro d'agua buliçoſa,
Tremulando a belliſſima figura,
Paſma, nem crê que imagem tão formoſa
Seja cópia de humana Creatura;
E remirando a face prodigioſa,
Olha de hum lado, e d'outro, e buſca attento,
Quem ſeja Original deſte portento.

V.

Em quanto tudo explora com cuidado,
Vai dar co's olhos na gentil donzella;
Fica ſem uſo d'alma arrebatado,
Que toda quanta tem ſe occupa em vella:
Ambos fóra de ſi, deſacordado
Elle mais, de obſervar couſa tão bella,
Ella abſorta no ſomno, em que pegára,
Elle encantado a contemplar-lhe a cara.

VI.

VI.

Quizera bem fallar, mas não acerta,
Por mais que dentro em ſi fazia eſtudo:
Ella de hum ſeu ſuſpiro olhou, deſperta;
Elle daquelle olhar ficou mais mudo:
Levanta-ſe a donzella mal cuberta;
Tomando a rama por modeſto eſcudo;
Poz-lhe os olhos então, porém tão féra,
Como nunca a belleza ſer pudéra.

VII.

Voa, não corre pelo denſo mato
A buſcar na cabana o ſeu retiro;
E indo elle a ſuſpirar, vê que n'hum acto,
Em meio ella fugio do ſeu ſuſpiro:
Nem torna o triſte a ſi por longo trato,
Até que dando á magoa algum reſpiro,
Por ſaber donde habite, ou quem ſeja ella,
Seguio, voando, os paſſos da donzella.

VIII.

De Taparica hum Principe poſſante,
Que domina, e dá nome á fertil Ilha,
Veio em breve a ſaber o cégo amante
Ter naſcido a formoſa maravilha:
Pedio-lha Jararáca, vendo diante,
Ao lado de ſeus Pais, a bella filha:
Convem todos; mas ella não conſente;
Porque a mais aguardava o Ceo potente.

IX.

Ardendo, parte o bravo Jararáca
D'anſia, de dor, de raiva, de deſpeito;
E quanto encontra, embravecido ataca
Com ſombras na razão, fúrias no peito:
E vendo a chamma, o Pai, que não ſe aplaca,
Por dar-lhe Eſpoſo de maior conceito,
Por Conſorte Gupeva lhe deſtina,
Com quem no ſangue, e eſtado mais confina.

X.

Logo que por cem bocas vaga a fama
Do Eſpoſo eleito a condição divulga,
Irado o Caeté, raivando brama;
Arma todo o Sertão, guerra promulga,
Tudo accendendo em bellicoſa chamma,
Inveſtir por ſorpreza aſtuto julga,
Com que a cauſa da guerra ſe conclua,
Ficando Praguaçú ou morta, ou ſua.

XI.

Mas ſendo de improviſo em terror poſto,
E ouvindo do arcabuz a fama, e effeito,
Não permitte que o ſuſto aſſome ao roſto,
Mas reprime o temor dentro em ſeu peito:
Convoca hum campo das Nações compoſto,
Com quem tinha alliança em guerra feito;
E excitando na plebe a voraz ſanha,
Cobre de Legiões toda a campanha.

XII.

XII.

Em ſeis brigadas da vanguarda armados,
Trinta mil Caetés vinhão raivoſos, (1)
Com mil talhos horrendos deformados,
No nariz, face, e boca monſtruoſos:
Cuidava a bruta gente que eſpantados
Todos de vellos, fugírão medroſos;
Feios como Demonios nos accenos,
Que certo ſe o não são, são pouco menos.

XIII.

Da gente féra, e do brutal commando
Capitão Jararáca eleito veio;
Porque na catadura, e géſto infando
Entre outros mil horrendos he o mais feio:
Que huma horrivel figura peleijando,
He nos ſeus bravos militar aceio;
E traz entre elles gala de valente,
Quem ſó co'a cara faz fugir a gente.

XIV.

Dez mil a negra côr trazem no aſpecto,
Tinta de eſcura noite a fronte impura;
Negreja-lhe na teſta hum cinto preto,
Negras as armas são, negra a figura.
São os feros Margates, em que Alecto
O Averno pinta ſobre a ſombra eſcura;
Por timbre nacional cada peſſoa
Rapa no meio do cabello a coroa.

XV.

Cupaiba, que empunha a feral maça,
Guia o bruto Esquadrão da crua gente;
Cupaiba, que os miseros que abraça,
Devora vivos na batalha ardente:
A' roda do pescoço hum fio enlaça,
Onde, de quantos come, enfia hum dente;
Cordão, que em tantas voltas traz cingido,
Que he já mais que cordão longo vestido.

XVI.

Urubú, monstro horrendo, e cabelludo,
Vinte mil Ovecates fero doma; (2)
Por toda a parte lhe encubria tudo
Com terrivel figura a hirsuta coma:
Monstro disforme, horrendo, alto, e membru-
Que a imagem do Leão rugindo toma, (do,
Tão feio, tão horrivel por extremo,
Que he formoso a par delle hum Polyfemo.

XVII.

Fogem todo o commercio da mais gente;
Ou se se vissem a tratar forçados,
Que lhe possão chegar nenhum consente,
Senão trinta, ou mais passos apartados:
Se alguns se chegão mais, por imprudentes,
Como Leões, ou Tigres esfaimados,
Mordendo investem os que incautos forão,
E a carne crua, crua lhe devorão.

XVIII.

XVIII.

Sambambaia outra turma conduzia,
Que as aves no fréchar tão certa vexa,
Que nem voando pela etherea via
Lhe erravão tiro da volante frécha:
Era de pluma o manto, que o cubria;
De pluma hum cinto, que ao redor ſe fecha;
E até grudando as plumas pela cara,
Nova eſpecie de monſtro excogitára.

XIX.

Seguem-no dez mil Maques, gente dura,
Que em cultivar mandioca exercitada,
Não menos util he na agricultura,
Que valente em batalhas com a eſpada:
Tomárão eſtes, como proprio cura,
De viveres prover a gente armada;
Quaes torravão o Aipí; quem mandiocas; (3)
Outros na cinza as candidas pipocas.

XX.

O bom Sergipe aos mais confederado
Comſigo conduzia os Petiguares;
Que havendo pouco d'antes triunfado,
Tem do dente inimigo amplos collares:
Seguem ſeu nome em guerras decantado
De gentes valeroſas dez milhares,
Que do ferreo madeiro uſando o eſtoque,
Diſparavão com balas o bodoque.

XXI.

XXI.

Nem tu faltaſte alli, Grão Pecicava,
Guiando o Carijo das aureas terras;
Tu que as folhetas do ouro, que te ornava,
Nas margens do teu rio deſenterras:
Torrão, que do ſeu ouro ſe nomeava,
Por crear do mais fino ao pé das ſerras;
Mas que feito em fim baixo, e mal prezado,
O nome teve de ouro inficionado. (4)

XXII.

Muitos deſtes he fama que traziáo
Deſde alto cerro, que habitavão d'antes,
Com pedras, que nos beiços embotião
Formoſos, e belliſſimos diamantes:
Outros aureos topaſios lhe ingeriáo;
Alguns ſafiras, e rubins flammantes;
Pedras, que elles deſprezáo, nós amamos:
Nem direi quaes de nós nos enganamos.

XXIII.

O feroz Sabará move animoſo
Dos de Agirapiranga ſeis mil arcos;
Homens de peito em armas valeroſo,
Que de ſangue em batalhas nada parcos,
Deixárão ſeu terreno deleitoſo,
Por matos denſos, pantanoſos charcos;
E ouvindo dos canhões o horrendo eſtouro,
Paſſarão deſde o mar ás minas do ouro.

XXIV.

XXIV.

Seguia-ſe nas forças tão robuſto,
Quanto no aſpecto feio, e em traje horrendo,
Hum, que com fogo ſobre o torpe buſto
Dous Tigres eſculpíra combatendo:
Eſte he o bravo Tatú, que enche de ſuſto (5)
Tudo, c'o Grão Tacápe accommettendo:
E que mil cutiladas dando eſpeſſas,
Derriba troncos, braços, e cabeças.

XXV.

Debaixo do ſeu mando em dez fileiras
Doze mil Itatís formados hião;
Surdos, porque habitando as cachoeiras,
Com o grão rumor d'agua enſurdeciáo:
Pendem os ſeus marraques por bandeiras (6)
De longas aſtes, que pelo ar batião,
Supprindo nos inconditos rumores
O ruido dos bellicos tambores.

XXVI.

Em guerreiras columnas, feroz gente,
Que no horror da figura aſſombra tudo,
Trazem por armas huma maſſa ingente,
Tendo de duro lenho hum forte eſcudo:
Frechas, e arco no braço armipotente;
Nas mãos hum dardo de páo ſanto agudo;
Sobre os hombros a rede, á cinta as cuias,
Tal era a imagem dos crueis Tapuias.

XXVII.

XXVII.

Quarenta mil de côr todos vermelha,
Conduz ao campo o forte Sapucaia:
Dez mil que tem furada a longa orelha,
São Amazonas de feminea laia:
He o amor conjugal que lhe aconſelha
A deſcer dos Sertões á vaſta praia,
Por achar-ſe nos lances mais temidos,
Ao lado ſem temor dos ſeus maridos.

XXVIII.

Brava matrona de córagem cheia,
A quem o marcio jogo não perturba,
Na fórma bella, mas por arte feia,
Vai commandando na feminea turba:
Derão-lhe o nome os ſeus da Grã Baleia;
Nome, que ouvido os barbaros diſturba;
De namorados huns, que a tem por bella;
Mas outros com mais cauſa por temella.

XXIX.

Ouve-ſe rouco ſom, que o ouvido atroa,
Retumbando com éco a voz horrenda
De hum groſſeiro inſtrumento, q̄ a arma ſoa,
Com que ſe inflamma entre elles a contenda:
E quando o horrivel ſom mais deſentoa,
Faz que no peito mais furor ſe accenda;
De retrocidos páos são as cornetas;
De oſſos humanos frautas, e trombetas.

XXX.

XXX.

Com batalhões a eſpaços ſeparados
Triplicado cordão ſe vê compoſto;
E em ſilencio admiravel ordenados,
Ao redor vão do outeiro em meio poſto;
Coſtuma hum Orador fallar-lhe a brados,
E ardendo-lhe mil furias ſobre o roſto,
O ar co-a eſpada furibundo corta,
E a combater valente a turba exhorta.

XXXI.

Jararáca no mando então primeiro,
Ao Sacro, e Civil rito preſidia,
E no mais alto do ſublime outeiro
Entre hum Senado anciáo ſe diſtinguia:
Aos outros na eſtatura ſobranceiro
A's coſtas de hum Tapuia, que o trazia,
De hum lado a outro mageſtoſo corre,
E com geral ſilencio aſſim diſcorre.

XXXII.

Paiaias generoſos, hoje he o dia,
Que aos vindouros devemos mais honrado;
Em que moſtreis que a voſſa valentia
Não receia o trovão, ſubjuga o fado:
Sabeis que de Gupeva a cobardia
Por Filho do trovão tem acclamado,
Hum Imboaba, que do mar viera, (7)
Por hum pouco de fogo que accendêra.

XXXIII.

XXXIII.

Poſtrado o vil aos pés deſſe Eſtrangeiro,
Rende as armas com fuga vergonhoſa,
E corre voz que o adora liſongeiro;
E até lhe cede com o ſceptro a Eſpoſa:
E que póde naſcer do erro groſſeiro,
Senão que em companhia numeroſa
As noſſas gentes o Eſtrangeiro aterre,
E que a huns nos devore, outros deſterre?

XXXIV.

Se o Sacro ardor, que ferve no meu peito,
Não me deixa enganar, vereis que hum dia
(Vivendo eſſe impoſtor) por ſeu reſpeito
Se enchêra de Imboabas a Bahia:
Pagárão os Tupis o inſano feito,
E vereis entre a bellica porfia
Tomar-lhe eſſes eſtranhos já vizinhos,
Eſcravas as mulheres c'os filhinhos.

XXXV.

Vereis as noſſas gentes deſterradas
Entre os Tigres viver no Sertão fundo,
Cativa a plebe, as Tabas arrombadas;
Levando para além do mar profundo
Noſſos filhos, e filhas deſgraçadas;
Ou quando as deixem cá no noſſo Mundo,
Poderemos ſoffrer Paiaias bravos,
Ver filhos, máis, e pais feitos eſcravos?

XXXVI.

XXXVI.

Mas teme o ſeu trovão: e tanto opprime
O medo áquelle vil, que não pondera
Que por eſſe trovão, que não reprime,
Ha de ver cheia de trovões a eſfera?
Que grande mal ſerá, ſe o raio imprime?
Se o Mundo por hum raio ſe perdêra,
Suſto pudera ter, cobrar eſpanto:
Porém morre de medo, que he outro tanto.

XXXVII.

Eu ſó, eu proprio no geral deſmaio
Ao relampago irei ſem mais ſoccorro;
E quando elle diſpare o falſo raio,
Ou deſcubro a impoſtura, ou forte morro:
Será de nigromancia hum torpe enſaio,
Com que o aſtuto pertende, ao que diſcorro,
Fazer que a noſſa tropa desfalleça,
Antes que a cauſa do terror conheça.

XXXVIII.

Que ſe for (que o não creio) o eſtrondo infando
Do ſublime Tupá triſte ameaça,
Fará como coſtuma, trovejando,
Que matando hũ, ou outro a mais não paſſa:
Se eu vir que o raio horrivel vai vibrando,
A hum homem como eu, nada embaraça:
Se for mortal quem cauſa tanto aballo,
Por meio ao proprio raio irei matallo.

XXXIX.

XXXIX.

Sú, valentes; sú, bravos companheiros,
Tomai córagem: que será no extremo?
Embora seja hum raio verdadeiro:
Senão he Deos que o lança, eu nada temo.
Seja quem quer que for o author primeiro,
Como não seja o Creador Supremo,
Não ha forças creadas que nos domem;
Que sobre tudo o mais domina o Homem.

XL.

Disse o Grão Chefe assim, e entre os furores,
Com a mão, que já tinha levantada,
Bate na espadoa aos Principes maiores,
E dá-lhes *Orsú* dizendo, huma palmada: (8)
Huns nos outros as derão não menores,
Que assim se incita a multidão armada:
Vinguemo-nos, (gritando) companheiros,
Bem que forão seus raios verdadeiros.

XLI.

Jararáca depois (que he Sacro Rito)
Lança furioso as mãos a quanto abrange;
E abrindo a enorme boca em fero grito,
E escuma, e freme, e ruge, e os dentes range;
Como do mal Herculeo o enfermo afflicto
A convulsão a retrocer constrange:
Depois fallando aos Principes, bafeja,
E o espirito de força lhe deseja.

XLII.

XLII.

Ceremonia eſta foi do patrio uſo,
Veſtigio nacional da antiga idade;
Que acaſo corrompeo magico abuſo,
Tendo talvez principio na piedade:
Retumba do marraque o ſom confuſo;
E pondo em alto o ſeu, com gravidade,
A' inſignia, no chão tudo ſe inclina,
Como a final de couſa mais Divina. (9)

XLIII.

Correſponde o belligero inſtrumento
Da feral frauta ao barbaro marraque;
E promulgando a marcha áquelle accento,
Tudo em ordem ſe poz ao fero ataque:
Marchão contra Gupeva, com intento
De metter nas cabanas tudo a ſaque;
E porque tudo aſſombrem com terrores,
Rompem o ar com bellicos clamores.

XLIV.

Em tanto no arraial do bom Gupeva,
Sendo a invasão nocturna rechaçada,
Convocão-ſe reclutas, fazem leva
De Tropa nacional, e da alliada.
Em quanto Diogo, a quem a acção releva,
Toma na gruta a polvora guardada,
E em varios fogos, que arrojou volantes,
Imita o raio em bombas fulminantes.

XLV.

XLV.

Era a Bahia então, donde imperava
O bom Gupeva, povoada em roda,
Pelos Tupinambás, de quem contava
Trinta mil arcos, brava gente toda:
Taparica seis mil valente armava;
E por cumprir-se a promettida boda,
Mil Amazonas mais á guerra manda:
Paraguaçú gentil todas commanda.

XLVI.

Paraguaçú, que de Diogo Esposa
(Porque mais Jararáca se confunda)
Hia a seu lado a combater briosa,
Nem teme a multidão, que o campo inunda:
Usa com ella a Tropa bellicosa
Da vulgar setta, do bodoque, e funda;
Leva a Amazona hum rigido colete,
E co'a espada de ferro o capacete.

XLVII.

Com estas forças só (que mais recusa)
Sahe Diogo á campanha guarnecido,
Nem soffre a fórma do marchar confusa;
Mas tudo tem com ordem repartido:
Outro corpo maior de que não usa
Deixa em guarda das Tabas prevenido;
Tupinaquis, Viatanos, Poquiguaras, (10)
Tumimvís, Tamviás, Canucajaras.

XLVIII.

XLVIII.

Não mais de duas leguas adiantando,
O arraial ſe alojava de Diogo;
Quando o ardente Planeta vai queimando
A torrida região com vivo fogo;
E em quanto eſpira no ar Zefyro brando,
Buſcando n'huma ſombra o deſaffogo,
Medita a grande acção, mede o perigo,
Nem deſpreza por barbaro o inimigo.

XLIX.

Vê bem que eſpanto cauſa a invenção nova;
Mas que o tempo conſome a novidade;
Tem ſim hum peito d'aço feito á prova;
Mas vendo do inimigo a immenſidade,
Por mais que balas o moſquete chova,
Reconhece em vencer difficuldade;
Tendo notado já na bruta gente,
Que era tão contumaz, como valente.

L.

Penſava aſſim com reflexão madura,
Quando á roda do outeiro diviſava
Denſa nuvem de pó, que em ſombra eſcura
A multidão confuſa levantava:
Não ceſſa hum ponto mais: tudo aſſegura,
E ſem temer a turba que obſervava,
Marcha a ganhar o alto; e poſto á fronte,
Deo á Tropa em cordão por centro o monte.

LI.

Já ſe aviſtava o barbaro tumulto
Das inimigas Tropas em redondo;
E antes que emprendão o primeiro inſulto,
Levanta-ſe o infernal medonho eſtrondo:
Os marraques, uapis, e o brado inculto (11)
Todos hum ſó rumor, juntos compondo,
Fazem tamanha bulha na eſplanada,
Como faz na tormenta huma trovoada.

LII.

Tu, rápido Pagé, foſte o primeiro,
De quem o negro ſangue o campo inunda;
Que com ſeres no ſalto o mais ligeiro,
Mais ligeira te colhe a cruel funda:
Paraguaçú lh'atira deſde o outeiro;
Chovem as pedras, de que o monte abunda;
E do lado, e de cima do cabeço,
Tudo abatem com tiros de arremeço.

LIII.

Não ficou no combate em tanto ociôſa
A frécha do inimigo, que o ar encobre;
Começa Jararáca a acção furioſa,
Dando eſtimulo ouſado ao valor nobre:
E a turba de Diogo receoſa
Foge do Grão Tacápe, onde o deſcobre:
Que tanto eſtrago faz, que qualquer féra
Maior entre cordeiros não fizera.

LIV.

LIV.

Mas quando tudo com terror fugia,
O bravo Jacaré ſe lhe põe diante:
Jacaré, que ſe os Tigres combatia,
Tigre não ha, que lhe eſtiveſſe avante.
Treme de Jararáca a companhia,
Vendo a fórma do barbaro arrogante,
Que com pele cuberto de panthera,
Ruge com mais furor, que a propria fera.

LV.

Aviſta-ſe hum co' outro: a maſſa ardente
Deixão cahir com barbaro alarido;
Correſponde o clamor da bruta gente,
E treme a terra em roda do mugido:
Aparou Jacaré no eſcudo ingente
Hum duro golpe, que o deixou partido;
E em quanto Jararáca ſe deſvia,
Quebra a maſſa no chão, com que o batia.

LVI.

Nem mais eſpera o Caeté furioſo;
E qual Onça no ar, quando deſtaca,
Arroja-ſe ao contrario impetuoſo,
E hum ſobr'outro co'as mãos peleja ataca:
Não póde diſcernir-ſe o mais forçoſo;
E ſem mover-ſe em torno a gente fraca,
Olhão luctando os dous no fero abraço,
Pé com pé, mão com mão, braço com braço.

LVII.

Porém em quanto a lucta perſiſtia,
No ſangue em terra lubrico eſcorrega
O infeliz Jacaré; mas na porfia
Nem aſſim do adverſario ſe deſpega:
Sobre o chão hum com outro ás voltas hia;
E qual o dente, qual o punho emprega,
Até que Jararáca hum golpe atira,
Com que rota a cabeça o triſte eſpira.

LVIII.

Nem mais eſpera de Gupeva a gente;
Porque voltando em rapida fugida,
Deixão nas mãos do barbaro potente
Toda a batalha n'huma acção vencida:
Não tarda mais Diogo já preſente;
E tendo ao lado a Eſpoſa protegida,
Do outeiro deſce, donde tudo obſerva;
E invade armado a barbara caterva.

LIX.

Quem poderá dizer da turba imbelle
Quantos a forte mão talha em pedaços?
Paraguaçú valente ao lado delle,
Muitos mandava aos lugubres eſpaços:
Semeando por donde o golpe impelle
Troncos, buſtos, cabeças, pernas, braços;
Nem hum momento a fraca gente aguarda,
Vendo-a brandir a lucida alabarda.

LX.

LX.

O membrudo Pai com tres potentes
Robuſtos filhos degollou co'a eſpada;
E a dous nobres Caetés dos mais valentes,
Tendo a mão para o golpe levantada,
Com dous revézes, que lhe atira ardentes,
Deixou pendentes no ar co'a mão cortada;
Babú de hum talho que a aſſaltalla veio,
Co'a cabeça ficou partida ao meio.

LXI.

Muitos ſem nome deſpojou da vida,
E a quanto encontra o ferro não perdoa:
Qual ſe os cachorros perde embravecida,
No caçador ſe arroja a fera Leoa;
E entre mil dardos, de que a tem cingida,
Dando-lhe azas a dor, ſaltando voa,
E ruge, e morde, e no q̃ encontra embarra;
E onde não póde o dente, imprime a garra.

LXII.

Tal a forte donzella move a eſpada,
Ou talvez lança mão do dardo agudo,
E de mil, e mil golpes fulminada,
Rebate todos no colete, e eſcudo:
As Amazonas, de que vem rodeada,
Vendo ſobre a Heroina correr tudo;
Onde quer que os contrarios ſe apreſentão,
Accommettem, degollão, e affugentão.

LXIII.

Por outro lado o valeroſo Diogo
A multidão dos barbaros ſubjuga,
E huns precipita no tartareo fogo,
Outros obriga com terror á fuga:
Mas huns detem co'a eſpada, outros com rogo
Urubú, que do ſangue a fronte enxuga;
E oppondo-ſe entre os mais a Diogo ardente,
Reſtitue a batalha, e anima a gente.

LXIV.

Urubú que na brenha exercitado
Hum Tigre, que na caça á mãi roubára,
Tendo-o junto de ſi domeſticado,
A combater comſigo acoſtumára:
Lança-o a Diogo: o monſtro arrebatado
Entre as prezas crueis, que arreganhára,
Hia a pezar dos ferreos embaraços,
Com garra, e dente a pollo em mil pedaços.

LXV.

Mas o Heróe bem que de outros inveſtido,
Em quanto a fera no ar ſaltando tarda,
Tendo-ſe ao fero aſſalto prevenido,
Diſpara-lhe na fronte huma eſpingarda:
E qual raio da nuvem deſpedido,
Quando a fera que o impeto retarda,
Tremula ao golpe a vacillar começa,
Salta-lhe em ſima, e corta-lhe a cabeça.

LXVI.

LXVI.

Ao eſtrepito, ao fogo, ao golpe horrendo,
A' fumaça do tiro occaſionada;
Ao ver o buſto ſobre o chão tremendo,
E a terrivel cabeça ſobre a eſpada;
A immenſa multidão que o eſtava vendo,
Cahe por terra ſem animo aſſombrada;
E alguns, que em pé tremendo ſe ſuſpendem,
Ao Grão Caramurú todos ſe rendem.

LXVII.

Jararáca entre tanto que ſeguíra
Os que fugírão no primeiro inſulto,
Por encontrar Gupeva tudo gyra,
Que nas cabanas ſe emboſcára occulto:
Hia-o buſcando o barbaro, que ouvíra
D'aquella parte o bellico tumulto,
Com tenção de expugnar a Taba ingente,
Matar Gupeva, e cativar-lhe a gente.

LXVIII.

Na toca algum das arvores immenſas,
Algum em meio as ramas ſe eſcondia;
Muitos ſe emboſcão pelas ſelvas denſas,
Outro em covas profundas que ſabia:
Porque andando em contínuas deſavenſas,
Qualquer ao noto aſylo recorria;
Onde entrando o inimigo, ſem prevello,
Sahem de toda a parte a accommettello.

LXIX.

LXIX.

Em quanto a ſelva paſſeava eſcura
De immortaes arvoredos rodeada,
Foi Jararáca que a cuidou ſegura,
Ferido ſobre o pé de huma frechada:
Ficou-lhe a planta ſobre a terra dura,
Em tal maneira com o chão cravada,
Que por mais que arrancalla dalli prove,
Deſpedaça-ſe o pé, mas não ſe move.

LXX.

Corre a turba a ſalvallo, e em continente
Voão mil ſettas deſde a eſpeſſa rama,
E cad'arvore alli do boſque ingente
Hum chuveiro de tiros lhe derrama:
Cada tronco he hum caſtello: ao lado, e frente
A occulta multidão bramindo clama;
E o reſto, que em cavernas ſe eſcondia,
Ao rumor da victoria concorria.

LXXI.

Já mal reſiſte o Caeté cercado;
E o bom Gupeva, que ao rumor concorre,
Hum corpo de reſervà trouxe armado,
Que á inclinada batalha invicto corre.
Jararáca, que o pé tinha encravado,
Vendo que outro remedio o não ſoccorre,
Por ter a vida, e liberdade franca,
Deixa parte do pé, e a ſetta arranca.

LXXII.

LXXII.

Nos braços vai dos ſeus mal defendido;
Mas com a maſſa, que menea horrenda,
Reprime forte o barbaro atrevido,
Porque náo haja quem ſe acoſte, e o prenda:
E tendo a ſorte o caſo decidido,
Cede raivoſo da cruel contenda;
E ao Sertáo retirado náo deſcança,
Maquinando em furor nova vingança.

LXXIII.

Paraguaçú porém de gloria avara
Seguia na victoria o genio activo;
E incauta de Diogo ſe apartára,
Cortando a retirada ao fugitivo:
Anima a multidáo, que ſe emboſcára,
Peſſicava potente, por motivo,
Se prevaleſce a força do contrario,
De acudir ao ſoccorro neceſſario.

LXXIV.

Eſte vendo a donzella valeroſa
Turbar com furia a gente amedrentada,
Deſde o alto lança de arvore frondoſa
Groſſo ramo, que cahe de huma pancada.
Debaixo delle a Heroina valeroſa,
Co' grande pezo pelo chão proſtrada,
Ficou falta de alento, e ſemiviva,
Nas máos do cruel barbaro cativa.

LXXV.

LXXV.

Corre a turba feroz contra a donzella,
Que depois que das armas deixa o pezo,
Descobre a todos a presença bella,
E fica quem a prende ainda mais prezo.
Da rude multidão, que corre a vella,
Ha quem de a ver tão linda fica accezo,
Outro que de a ter visto em guerra armada,
Ainda a teme com vella desmaiada.

LXXVI.

Logo que respirou, novo ar tomando,
Sente no coração mais desaffogo,
E alento pouco a pouco vai cobrando,
Até que entrando em si, chama o seu Diogo:
Mas na turba que a cérca reparando,
Conhece-se cativa, e desde logo
N'outro fero desmaio fica absorta,
E cuida quem a vê que ficou morta.

LXXVI.

Salvagem ha que cuida de comella,
Nem muito se está morta se assegura;
E com furia voraz contra a donzella,
A gula accende com a chamma impura:
Nem prezar-se costuma a fórma bella
No fero coração da gente dura;
E em morrendo qualquer mulher, ou homem,
Chorão muito, e depois assão-no, e comem.

LXXVIII.

LXXVIII.

Paté com eſte intento a degollára,
Se a bella Mangarita que iſto via
Deſde o mato eſcondida o não frechára,
Deixando-lhe ſuſpenſa a mão que erguia;
Hum troço de Amazonas volta a cara,
E a peleja de novo ſe accendia;
Sendo Paraguaçú, que jaz no meio,
O preço da victoria neſte enleio.

LXXIX.

Cotia, que marchára ſempre ao lado
Da deſmaiada Heroina em paz, ou guerra,
Por vingar, ou remir o corpo amado,
Co' fulmineo Tacape o campo aterra:
Piâ, Cipô, Açû deixou proſtrado,
E faz que a Grá Balêa morda a terra;
Balêa, que accommette vingativa,
Por guardar a donzella ſemiviva.

LXXX.

Nem tu, Guarapiranga, á mão formoſa
Pudeſte evadir na horrivel lucta,
Que em quanto a Inubia ſoas horroroſa, (12)
Com que ás armas ſe accende a gente bruta.
Cotia com a eſpada valeroſa,
A muſica feral que ſe te eſcuta,
Nos Antros retumbar te faz do Averno;
Melodia, que he digna ſó do inferno.

LXXXI.

LXXXI.

Tudo cede a Amazona, e já salvava
Paraguaçú mortal da gente fera,
Quando o Grão Pessicava, que observava
O estrago, que a Amazona alli fizera:
Accommette o esquadrão com furia brava,
E tudo affugentando o tempo espera,
Em que a impulso do braço alcance forte
Degollar a Cotia de hum só córte.

LXXXII.

Espera ella sem medo, apenas víra
Do barbaro feroz o golpe incerto;
E veloz a huma toca se retira,
Que tinha em duro tronco o tempo aberto:
Porém repete alli com maior ira
Pessicava outro golpe, e por acerto
Na valerosa Paca imprime o tiro,
Que tomou com Cotia este retiro.

LXXXIII.

Em quanto entrava o barbaro, e na lucta
Hum, e outro se abraça; o forte Diogo
Que o caso da sua bella infausto escuta,
Toma a espingarda, e parte em furia logo:
Qual polvora encerrada dentro á gruta,
Quando na occulta mina se deo fogo,
Arroja penha, e monte, e o que tem diante;
Tal se envia em furor o afflicto amante.

LXXXIV.

LXXXIV.

Tinha affogado Peſſicava em tanto
A Amazona infeliz, e a mão lançava
Já de Paraguaçú, que no quebranto
Apenas levemente reſpirava:
E eis-que inventando Diogo hum novo eſpanto,
Traz hum tambor, que horriſono ſoava;
E logo que o arcabuz com bala atira,
Cahe Peſſicava, e morde o chão com ira.

LXXXV.

Mais não eſpera a tímida manada,
Ouvindo o eſtrondo, e os horridos effeitos:
Quem parte logo em furia declarada;
E quem lhe rende humilde os ſeus reſpeitos:
Paraguaçú porém deſaſſombrada,
Sendo os contrarios com terror desfeitos,
Acordou n'hum ſuſpiro, e ſolta vio-ſe;
E conhecendo Diogo, olhou-o, e rio-ſe.

(1) *Caetés.* Gentio ferociſſimo, que infeſtava o Sertão da Bahia.

(2) *Ovecates.* Nação feriſſima.

(3) *Aipí.* Raiz de que ſe faz huma eſpecie de farinha. *Mandioca*, outra ſimilhante. *Pipocas* chamão o milho, que lançado na cinza quente, rebenta como em flores brancas.

(4) *Inficionado.* Povo importante das Minas do Mato dentro: chamado aſſim, porque o ouro, que tinha mui ſubido, perdeo os quilates mais altos, e ficou chamando-ſe ouro inficionado. Aſſim o ſoube o Poeta dos antigos daquella Paroquia, de que elle he natural.

(5) *Tacápe.* Eſpada de páo ferro, ou ſimilhante, de que uſão os Barbaros.

(6) *Marraque.* He huma haſte, de que pende hum cabaço, ou coco cheio de pedras miudas, que ſacudindo-o, fazem rumor. He inſignia Sacerdotal, e Militar entre eſtes Barbaros.

(7) *Imboaba.* Nome, que dão aquelles Barbaros aos noſſos Europeos.

(8) *Palmada.* Rito Militar, com que ſe exhortão á guerra.

(9) *Divina.* Uſão nas ſuas ſolemnidades os Barbaros de hum marraque, ou haſte (já em outra parte deſcripta) que pelas circumſtancias parece inſignia religioſa.

(10) *Tupinaquis*, &c. Nomes das Nações do Sertão.

(11) *Uapis.* Inſtrumento, que tocão nas batalhas.

(12) *Inubia.* Eſpecie de corneta uſada dos Brazilienſes.

CAN-

CANTO V.

I.

Debil em tanto a luz ſobre o Horizonte,
Os ſeus tremulos raios apagava,
E deſde o Occidental immenſo monte,
A noite pelas terras ſe eſpalhava:
Morfeo deixando os antros de Aqueronte,
No ſeio dos mortaes ſe derramava;
Mas da barbara gente que fugia,
Só s'entregava ao ſomno a que morria.

II.

Fatigado Diogo ao lado eſtava
Da bella Eſpoſa n'huma grá floreſta;
Nem ao preciſo ſomno lugar dava
Na attenção de a guardar da gente infeſta:
Hum do outro os ſucceſſos eſcutava,
Nutrindo em novo fogo a chamma honeſta;
Que depois que hum triunfa do inimigo,
Faz-ſe doce a memoria do perigo.

III.

III.

Ao reſplendor da Lua que ſahia,
Miſturava-ſe o horror com a piedade,
Porque em lagos de ſangue ſó ſe via
Sanguinolenta horrivel mortandade:
O valle igual ao monte parecia,
E do eſtrago na vaſta immenſidade,
O outeiro eſtava, donde foi o aſſalto,
Com montes de cadaveres mais alto.

IV.

Não póde vello a bella Americana,
Sem que a tocaſſe hum triſte ſentimento;
E ou foſſe condição da gente Humana,
Ou do ſeu ſexo hum proprio movimento:
Chorou piedoſa a ſorte deshumana,
Dos que apartados do terreno aſſento
Jazião, como ouvíra de Diogo,
Nas lavaredas de hum eterno fogo.

V.

E como (compaſſiva diſſe) he crivel (vel,
Que hũ Deos, como me pintas, bom, e ama-
Sabendo o que ha de ſer, e o que he poſſivel,
Nos crie para fim tão miſeravel?
Antevendo hum ſucceſſo tão terrivel,
Não parece crueldade inexcuſavel
Dar-lhe o ſer, dar-lhe a vida, dar-lhe a men-
Para vellos arder eternamente? (te

VI.

Quantos crear pudéra que o ſerviſſem,
Deixando de crear quem o aggravaſſe;
Onde todos a vello ao Ceo ſubiſſem,
E as obras que produz todas ſalvaſſe?
Noſſos pais ſe dos filhos tal previſſem,
Quanto fora cruel quem os geraſſe?
E creremos da excelſa Grá Bondade
Que ceda a noſſos Pais na humanidade?

VII.

Segredos são (diz Diogo) da inſcrutavel
Mageſtade de Deos: que ſaberemos
Do ſeu modo de obrar ſempre ineffavel,
Se o que ſomos, e obramos não ſabemos?
Faltando-nos razáo clara, e provavel
Nos conſelhos de Deos, que occultos vemos,
He bem que toda a dúvida ſe acabe,
Porque elle póde mais, do q̃ o Homem ſabe.

VIII.

Mas ſe ha lugar á humana conjectura
Dos poſſiveis na longa immenſidade,
Não ſe podia achar huma creatura,
Que goze d'impeccavel liberdade:
Huma firme innocencia he graça pura;
He mercê liberal da Divindade;
E quem em tanto a perguntar ſe atreve,
Porque lha não quiz dar, quem lha não deve?

VIII.

IX.

Deſde a Origem da immenſa Eternidade,
Que tudo ſem principio ordena, e rege,
Devemos préſumir da Divindade, (ge:
Que onde o Optimo encontra, em tudo o ele-
E ſendo em nós tão grande a iniquidade,
Não temos couſa, que a qualquer ſe inveje;
Onde ſe os mais poſſiveis vendo fores,
Nós fomos os eleitos por melhores.

X.

Embora ſeja aſſim; (diſſe a donzella)
Mas que culpa tem eſtes, que o ignoravão?
Não cuida acaſo Deos, ou pouco zela
As almas, que entre nós ſe condemnavão?
E ſenão, porque cauſa aos mais revela
As doutrinas, que aos noſſos ſe occultavão?
Diſtava mais do Ceo a noſſa gente,
Porque medea o mar d'Eſte a Poente?

XI.

Tornai a culpa a vós; e a vós ſómente
(o Heróe reſponde aſſim) Se com eſtudo
Procurais ſobre a Terra o bem preſente,
Porque não procurais o Author de tudo?
Para o mais tendes lume, inſtincto, e mente;
Sómente contra Deos buſcais o eſcudo
Em a voſſa ignorancia á brutal culpa!
Eſſa ignorancia he crime, e não deſculpa.

XII.

XII.

Porém já da fadiga desvelada
Cerrava Praguaçú seus olhos claros,
Tendo-a Diogo na fé mais confirmada;
Com responder prudente aos seus reparos:
Em quanto a bruta gente aprizionada,
Mostrando-se da vida nada avaros,
Dançáo, e bebem com tripudio forte,
E esperão, como boda, a cruel morte.

XIII.

Gupeva triunfante na Grã Taba
O infausto prizioneiro á morte guia,
E antevendo que a vida se lhe acaba,
A mulher cada hum lhe offerecia:
Trazem-lhe o peixe, as carnes, a mangaba,
Brindando-lhe o licor, que a taça enchia,
Até que quando menos se recorda,
Dous Salvagens o prendem n'huma corda.

XIV.

Soltas as mãos lhe ficão, que manêa,
Nem o tem mais que em meio da cintura
A soga de algodão, como cadêa,
Que de huma parte, e de outra os assegura:
Qual Leoa feroz na Maura arêa,
Quando o laço no ventre a tem segura,
Toda da fronte a cauda se retorce,
E ruge, e vibra a garra, e o corpo torce.

XV.

Muitos então da furibunda gente
Dizem-lhe injúrias mil, com mil insultos,
Que elle se esforça a rebater valente,
Sem que recee os barbaros tumultos:
Algum alli chegando ao paciente
(Que tem por cousa vil morrer inultos)
Dá-lhe hum cesto de pedras recalcado,
Com que atirando aos mais, morra vingado.

XVI.

Embiára, e Mexira, dous possantes
Mancebos Caetes de hum parto vindos,
Que Ainubá dera á luz tão similhantes,
Como tenros na idade, e em gésto lindos:
Muitas donzellas, que os amárão d'antes,
Os bellos dias seus choravão findos;
Mitigando o desgosto de perdellos
Com a intenção, que tinhão de comellos.

XVII.

Estes na corda tem os da Bahia,
Dispostos a morrer no torpe abuso,
De celebrar com sangue o fausto dia
Das victimas triunfaes ao Patrio uso:
Embiára, que com arte a pedra envia,
Muitas no Povo disparou confuso,
E a pezar dos escudos, que põe diante,
Alguns ferio da turba circumstante.

XVIII.

XVIII.

Huma grá pedra ao ar nas máos levanta;
E erguendo os braços sobre a fronte a atira:
Lança por terra alguns, outros quebranta,
E esmaga com o pezo o grão Tapira:
Outras tres arrojou com furia tanta,
Que se d'atorno a gente não fugira,
Com os tiros, que o bravo lhe dispara,
Em vingança cruel no chão ficára.

XIX.

Mexira n'outro lado era detido
Com o duro cordão; porém sem medo,
Ao barbaro Pyri, que o tem cingido,
Esmigalha a cabeça c'hum penedo:
Foge o Povo com pedras rebatido;
Mas Mexira na corda atado, e quedo,
Com tres pedaços de huma ingente roca,
Huns derriba no chão, e outros provoca.

XX.

Sahe então Tojucáne em campo ardente,
E ao som dos seus marraques applaudido,
Hum cinto tem de plumas sobre a frente,
Manto ao hombro de pluma entretecido:
Tinto de negro todo, a côr sómente
Traz natural no vulto enfurecido;
E por metter no horror maior respeito,
Com o beiço infrior varria o peito.

XXI.

A cara, peito, braços (viſta horrenda!)
Traz com golpes crueis acutilados:
Golpes, com que o valor ſe recommenda,
Feitos da propria mão com talhos dados:
Onde ſe a chaga apodreceo tremenda,
Em meio do aſco, e horror desfigurados,
Vendo a gente brutal que hum não ſe doe,
Eſte então (que ignorancia!) he o ſeu Heróe.

XXII.

Deſta arte Tojucáne armado vinha,
Poſto ao vello em ſilencio, em paſmo tudo;
Atira-lhe Embiára (que ainda o tinha)
Hum penedo, que rompe o forte eſcudo:
O Tacápe elle então deſembainha,
Que de plumas ornou com bello eſtudo,
E encoſtando-ſe ouſado á longa corda,
Aos dous fortes irmãos fallando aborda.

XXIII.

Não ſois vós (diſſe o barbaro) traidores,
Os que a matar-nos com furor vieſtes,
E ſem reſpeito aos miſeros clamores,
Os noſſos tenros filhos já comeſtes?
Somos (diſſerão) nós: os teus furores
Sem o laço, em que agora nos prendeſtes,
Souberamos domar: e aſſim cativo,
A ver-me ſolto, te comêra vivo.

XXIV.

XXIV.

Vivo, nem morto a mim me não tocáras,
Porque ſe braço a braço te medíras,
Ou immovel de eſpanto em pé ficáras,
Ou de hum ſó golpe (diz) no chão cahíras:
Verias bem, ſe agora nos ſoltáras,
Como logo (reſponde) me fugíras:
Não queira de valente ſer louvado,
Quem pertende triunfar de hum deſarmado.

XXV.

Eſſe vão penſamento melhor fora
Que o tiveras, como eu, no campo, bravo;
Mas tu (diz Tojucâne) na meſma hora
Te viſte combatido, e foſte eſcravo:
Como te atreves a gloriar-te agora
Com vil jactancia, com ſoberbo gavo?
A quem de reſiſtir falta a conſtancia,
Não fica mais lugar para a jactancia.

XXVI.

Dizendo aſſim na fronte a eſpada ingente,
Deixa o fero cahir com golpe horrendo;
Cahe por terra Embiára, ainda vivente;
Mexira morto já, porém tremendo:
Mordeo aquelle o chão com furia ardente,
E em ſima o matador co-pé batendo:
Morre, ſoberbo, diz, e ſerás vaſto
Para noſſo troféo vingança, e paſto.

XXVII.

XXVII.

Qual se diz que a Tifeo subjuga hum monte;
Tal a planta cruel Embiára opprime;
E como a cobra faz, se junto á fonte
Toda em nós quebrantada se comprime:
Retorcendo em mil voltas cauda, e fronte,
Que ergue, vibrando a lingua, no ar sublime,
Tal o infeliz morrendo em voltas anda,
E o espirito exhalado ás sombras manda.

XXVIII.

Chega ás cruentas victimas chorosa
Feminea tropa, que com dor lamenta;
E urlando todas com a voz maviosa,
Tudo vai repetindo a plebe attenta:
Depois d'aquella lastima enganosa,
Qualquer junto aos cadaveres se assenta,
E vão talhando pés, cabeças, braços,
E as victimas fazendo em mil pedaços.

XXIX.

Chamão *moquem* as carnes, que se cobrem,
E a fogo lento sepultadas assão;
Tudo em sima com terra, e rama encobrem,
Onde o fogo depois com lenha fação:
Em tanto as voltão, cobrem, e descobrem,
Até que do calor se lhe repassão:
Detestavel empreza, que escondião
Da indignação de Diogo, a quem temião.

XXX.

XXX.

Foi aviſado o Heróe do acto execrando,
Horrivel paſto da nação perverſa,
E a maneira opportuna meditando
Da barbara função deixar diſperſa:
Mil fogos de artificio hia eſpalhando,
De horrivel fórma, e de invenção diverſa:
Treme a vil turba, e ſem que a mais ſe arroje,
Deixa o paſto cruel, e ao mato foge.

XXXI.

Confuſa a inſana gente do ſucceſſo,
Do Grão Caramurú temia a viſta,
Foge Gupeva de terror oppreſſo,
Nem ſabe, em que maneira ao mal reſiſta:
Mas o novo pavor na gente impreſſo
Mitiga Praguaçú, que o damno aviſta,
Se, como teme, o Povo de eſpantado,
O terreno deixaſſe abandonado.

XXXII.

Jararáca entre tanto conduzido
Dos bravos Caetés á Taba nota,
Diligente curava o pé ferido,
E em reparar cuidava a grá derrota:
E havendo no conſelho a liga unido,
As forças repreſenta, os meios nota,
E Nigromante crê por perda tanta
O Grão Caramurú, que o fogo encanta.

XXXIII.

XXXIII.

Já na grá Taba os barbaros ſe ajuntão,
Onde contra Diogo arte ſe eſtude,
E por Magos famoſos, que perguntão,
Recorrião de encantos á virtude:
Os Nigromantes vem que os corpos untão,
E nos ſuſurros do ſeu canto rude
Eſperão que tambem ao forte Diogo,
Matando privem do temido fogo.

XXXIV.

Hum delles, que por ſabio ſe acredita,
Não ha (diſſe) quem poſſa a ardente fragoa
Apagar no trovão, que o raio excita,
Laſtimoſa occaſião da noſſa mágoa:
Que ſe o antidoto ao fogo ſe medita,
Mais natural não ha que lançar-lhe agoa:
Dentro n'agua ſe apaga o fogo ardente;
E eſte he o meio, que occorre de preſente.

XXXV.

Contra as voſſas canoas não ſe atreve
O Filho do Trovão, ſe deſce ao porto;
Vós o vereis ſem força em tempo breve
Sahir, qual já ſahio das aguas morto:
Ninguem ha, que não ſaiba como eſteve,
Quando o encontrámos naufrago no porto:
Nem uſou do trovão, que eſpanta em terra,
Nem fez com fogo n'agua a horrivel guerra.

XXXVI.

XXXVI.

São n'agua, terra, e mar mui differentes
Os Anhangás, que reinão divididos:
Huns, que só no ar, e fogo são potentes,
Causão ventos, trovões, raios temidos;
O terremoto, e peſtes ſobre as gentes
Movem outros na terra conhecidos:
Eſte porém, que ao eſtrangeiro acode,
N'agua não poderá, ſe em fogo póde.

XXXVII.

Parece á rude gente eſte diſcurſo,
Segundo os ſeus principios concludente;
E ouvido com applauſo no concurſo,
Votão na execução concordemente.
Toma a guerra por tanto hum novo curſo,
E ao mar ſe envia a bellicoſa gente;
Nem Capitão ha mais, nem ha peſſoa,
Que não ſe embarque em rápida canoa.

XXXVIII.

Chamão canoa os noſſos neſſes mares
Batel de hum vaſto lenho conſtruido,
Que excavado no meio, por dez pares
De remos, ou de mais voa impellido:
Com tropas, e petrechos militares,
Vai de impulſo tão rápido movido,
Que ou fuja da batalha, ou a accommetta,
Parece mais ligeiro que huma ſetta.

XXXIX.

XXXIX.

Concorrendo as Nações do Sertão junto,
Trezentas, ou mais arma Jararáca;
E tendo eſcolha, porque o Povo he munto,
Deixa em terra das gentes a mais fraca.
E ſendo da Bahia tão conjuncto
O ilheo de Taparica, eſte ſe ataca,
Na eſperança que Diogo acudiria,
Vendo ó ſogro em perigo, que o regia.

XL.

Repouſava ſem ſuſto Taparica;
E confiado em Diogo, e na victoria,
Gozava de huma paz tranquilla, e rica,
Depois que a guerra terminou com gloria;
E quando a rouca Inubia arma publica,
Tão longe tinha as armas da memoria,
Que ignorando em ſocego os ſeus perigos,
Nas mãos ſe foi metter dos inimigos.

XLI.

Prendem o inerme Chefe de improviſo,
Accommettendo a Taba deſcuidada:
A chamma, e fumo dão infauſto aviſo
Ao bom Diogo da barbara aſſaltada:
Nem impulſo maior lhe era preciſo,
Vendo a Ilha dos Barbaros tomada:
Occupa em preſſa as armas, e as canoas,
Sem mais que Praguaçú com cem peſſoas.

XLII.

XLII.

Vinte bombas de polvora tem cheas,
De que huma parte já das náos salvára;
Quatro ferreos canhões, que entre as arêas
Por nadadores bons do mar tirára:
Metralhas, palanquetas, e cadeas,
Piſtolas, e fuſis, que preparára;
Canoas tres de polvora, e reſina,
Que lançar nas contrarias determina.

XLIII.

Forma-ſe em meia Lua a vaſta armada,
Cuidando de encerrar Diogo em meio,
E com nuvem de fréchas condenſada
A aurea luz do Sol a impedir veio:
Firme eſtava do Heróe a turba irada;
E coalhando-ſe o mar de lenhos cheio,
Retumba o éco na Bahia toda
Pela gente brutal, que urlava em roda.

XLIV.

Até que a tiro os vê do bronze horrendo;
E ſem mais eſperar, diſpara fogo,
Que tudo com metralha hia varrendo,
E a pique dez canoas metteo logo:
Saltão muitos de horror no mar, tremendo:
Alguns deixando o remo, as máos de Diogo
Com bombas ardem, que feroz lhe lança,
Outros a eſpada de vizinho alcança.

XLV.

XLV.

Confuſas entre ſi vão fluctuando
As canoas, que a gente não regia;
E huma vai ſobr'outras embarrando
Na deſordem, que todas confundia:
As tres incendiarias arrojando,
Hum diluvio de fogo n'agua ardia,
Com tal fumaça nas ardentes fragoas,
Que cubrindo-ſe o ar, fervem as aguas.

XLVI.

Qual, ſe na Selva denſa o fogo atêa,
Em columnas de fumo voa a chamma,
E a lavareda, que pelo ar ondêa,
Traſpaſſando ſe vai de rama em rama:
Tal na Bahia de canoas chea
Hum diluvio de fogo ſe derrama;
E o Barbaro de horror, de eſpanto, e mágoa
Foge á morte do fogo, e eſcolhe a d'agua.

XLVII.

Jararáca entretanto em terra eſtava,
Donde prendêra o incauto Taparica,
E raivoſo das praias obſervava
Toda a frota naval, que em cinzas fica:
Foge diſperſa a tropa, que levava;
E logo que a victoria ſe publica,
Toda a Ilha, que as armas arrebata,
O timido Caeté ſubjuga, ou mata.

XLVIII.

XLVIII.

Nem já dos inimigos ſe deſcobre
Huma canoa ſó no lago ingente;
E o mar de mil cadaveres ſe cobre,
Sem que ſaiba aonde fuja a infeliz gente.
Que Gupeva entre tanto a praia encobre,
Embaraçando a fuga ao Continente;
Grande parte deſde a agua o braço eſtende,
E a liberdade com a vida rende.

XLIX.

Não aſſim Jararáca, que na praia
Póe por eſcudo o infauſto Taparica;
E ameaça matallo, quando ſaia
Em terra Diogo, que ſuſpenſo fica.
Vê o tranſe a filha, e ſobre as máos deſmaia
Do caro Eſpoſo, e pelo Pai ſupplica:
E vê-ſe Diogo em lance embaraçado,
Sem ſaber como ſalve o deſgraçado.

L.

Atirar-lhe quizera; mas duvída,
Na intenção de matallo vacillante;
Vendo do ſogro ameaçada a vida,
E quaſi ſem alento a Eſpoſa amante:
Tres vezes poz a mira dirigida;
Tres vezes ſe deteve a mão conſtante;
E em terra, e mar a hú tempo a acção retarda,
Jararáca ao baſtão; elle á eſpingarda.

LI.

LI.

Que mais eſpero (diz) ferillo he incerto;
Mas he claro na mão deſſe inimigo,
Que em qualquer caſo em fim o damno he certo,
E creſce na tardança o ſeu perigo:
Diſſe, e toma por alvo deſcuberto,
A fronte do contrario, e neſte artigo
Diſpara o tiro, e a bala lhe atraveſſa
De huma parte á outra parte da cabeça.

LII.

Cahe Jararáca em terra ao meſmo inſtante,
Qual penhaſco, que do alto ſe derroca,
Quando o raio, que o arroja fulminante,
Deſde ſima o arrancou da excelſa roca:
N'hum rio a terra ſe banhou fumante
Do negro ſangue, donde pondo a boca,
Morde raivoſo a arêa, em que cahira,
E o torpe alento com a vida eſpira.

LIII.

Já neſte tempo ſe encontrava amigo
Taparica, e Diogo em terno abraço,
Vendo por terra o perfido inimigo,
Que tremendo occupava hum vaſto eſpaço:
Paraguaçú, que afflicta do perigo
Sem ſentido ficou no horrivel paſſo,
Torna a ſi do deſmaio, e vê piedoſo
O Pai, que a tem nos braços, com o eſpoſo.

LIV.

LIV.

Alegre vem do oppoſto Continente
Em canoas Gupeva a Taparica,
Congratular-ſe com o Heróe valente,
Que morto Jararáca, em calma fica:
Paſma de ver o eſtrago a inſana gente,
Que os arcos abatendo a paz ſupplica;
E reſpeitando a ſuprior Potencia,
Compenſavão a paz com a obediencia.

LV.

Chegárão do Sertão dez menſageiros
Em nome das Nações, que em guerra anda-
Confirmando com pactos verdadeiros (vão,
A inteira ſujeição, que ao Luſo davão:
Vem entr'elles os Principes primeiros,
E com os ritos, que na Patria uſavão,
Principe acclamão com feſtivo modo
O Filho do trovão, do Sertão todo.

LVI.

Nem duvidou Diogo imaginando,
Quanto domar importa a gente bruta,
Acceitar das Nações o excelſo mando,
E comſigo prudente os fins reputa:
Ouve-ſe em nome ſeu público bando,
Que a barbara caterva humilde eſcuta;
Em que todo o homicidio ſe prohibe,
E com pena de morte a culpa inhibe.

LVII.

LVII.

Julga porém ao ver inveterada
A barbara paixão na gente cega,
Que a grave pena ao crime decretada,
Convem diſſimular, ſe ao caſo chega:
A tudo a gente barbara humilhada,
Só na gula cruel a emenda nega,
Por barbara vingança carniceira,
Que tanto póde a educação primeira.

LVIII.

Não tardou logo a occaſião de vello,
Porque apenas deixára a companhia;
O proprio Taparica ſem temello
Ao convite cruel ſe prevenia:
Bambú, que fora ao ponto de prendello,
Quem lhe lançára as mãos com ouſadia,
Prezo em canoa o Regulo conſerva,
Por paſto infando á barbara caterva.

LIX.

Eſtava o deſditoſo encadeado,
E expoſto a mil inſectos que o mordião,
Nem ſe lhe via o corpo enſanguentado,
Que todo os *marimbondos* lhe cubrião: (1)
Corria o negro ſangue derramado
Das crueis picaduras, que lhe abrião;
E elle immovel em tanto em toſco aſſento,
Parecia inſenſivel no tormento.

LX.

LX.

Vendo Diogo o infeliz, quanto padece
No modo de penar mais deshumano;
Maior a tolerancia lhe parece,
Do que poſſa caber n'hum peito humano:
E como author do crime reconhece,
Do cruel Sogro o coração tyranno,
Offerece a Bambú, que a morte ameaça,
Soccorro amigo na cruel deſgraça.

LXI.

Perdes comigo o tempo (diſſe o Fero) (2)
Ao que vês, e ainda a mais vivo diſpoſto:
A liberdade, que me dás, não quero;
E da dor, que tolero, faço goſto:
Aſſim vingar-me do inimigo eſpero,
Diſſe; e ſem ſe mudar do antigo poſto,
As picadas crueis tão firme atura,
Como ſe penha fora, ou rócha dura.

LXII.

Se o motivo, diz Diogo, porque temes,
He porque eſcravo padecer receias;
E tens por menos mal eſte, em que gemes,
Do que huma vida em miſeras cadeias:
Depõe o ſuſto, que ſem cauſa tremes:
Penhor te poſſo dar, por onde creias,
Depondo a obſtinação do torpe medo,
Que a vida, e liberdade te concedo.

LXIII.

Aqui da fronte o barbaro deſvia
Dos inſectos co-a mão a eſpeſſa banda;
E a Diogo, que aſſim ſe condoia,
Hum ſorriſo em reſpoſta alegre manda.
De que te admiras tu? Que ſerviria
Dar ao vil corpo condição mais branda?
Corpo meu não he já, ſe anda comigo,
Elle he corpo em verdade do inimigo.

LXIV.

O eſpirito, a razão, o penſamento
Sou eu, e nada mais: a carne immunda
Forma-ſe cada dia do alimento,
E faz a nutrição, que ſe confunda:
Vês tu a carne aqui, que mal ſuſtento?
Não a reputes minha: ſó ſe funda
Na que tenho comido aos adverſarios;
Donde minha não he, mas dos contrarios.

LXV.

Da carne me paſtei continuamente
De ſeus filhos, e Pai: della he compoſto
Eſte corpo, que anímo de preſente,
Por iſſo dos tormentos faço goſto.
E quando maior pena a carne ſente,
Então mais me conſolo, no ſuppoſto
De me ver do inimigo bem vingado,
Neſte corpo, que he ſeu, tão mal tratado.

LXVI.

LXVI.

Impoſſivel parece ao Sabio Heróe
O que vê, e o que eſcuta, e que aſſim poſſa,
Quando a carne mortal tanto ſe doe,
Vencer-ſe a dor da fantaſia noſſa:
Magoado interiormente ſe condoe
De ver, que no infeliz nada faz móça;
Moſtrando na brutal rara conſtancia,
Com tal valor tão barbara ignorancia.

LXVII.

Tinhão diſpoſto em tanto no terreiro
As Nações do Sertão pompa feſtiva,
Creando Diogo Principal primeiro
Com applauſo geral da comitiva.
Vê-ſe ornado de plumas o guerreiro,
E como em triunfo a multidão cativa,
E ſobre os mais n'hum throno levantado
Cingem de pluma o vencedor croado.

LXVIII.

A roda, como em circũlo, poſtrados
Seſſenta Principaes das Nações feras
Em nome de ſeus póvos humilhados,
Submiſsões rendem com temor ſinceras:
Tujúcupápo, eſtando os mais calados,
Grão filho do trovão (diſſe) que imperas
Em terra, e mar com gloria combatendo,
Tudo domaſte com o raio horrendo.

LXIX.

Não te cedêra não dos noſſos peitos
A varonil conſtancia em guerra humana;
Nem da morte tememos os effeitos,
Se a contenda não fora ſobrehumana:
Rendemos-te fieis noſſos reſpeitos,
Depois que o teu valor nos deſengana;
Que em teus combates todo o Ceo te aſſiſte;
E a quem ſoccorre o Ceo, quem lhe reſiſte?

LXX.

As Nações do Sertão já convencidas,
Póe a teus pés os arcos, e as eſpadas:
Suſpende o raio teu; protege as vidas
Deſde hoje ao teu imperio ſujeitadas:
E ſe tens, como creio, ſubmettidas
As procellas, as chuvas, e as trovoadas,
Não eſpantes com fogo a humilde gente;
Mas faze-nos gozar da paz clemente.

LXXI.

A teu commando eſtão ſem replicar-te
Os póvos deſte vaſto Continente;
E farás com teu nome em qualquer parte,
Que te obedeça a valeroſa gente.
Faze com o favor que haja de amar-te,
Como a tens com terror feito obediente;
Que ſe troveja o Ceo na eſfera eſcura,
A Luz manda tambem formoſa, e pura.

LXXII.

Não foi acaso (disse o Heróe prudente,
Respondendo ao discurso) foi destino
Querer o Grão Tupá que a vossa gente
A mão conheça do Poder Divino:
Do Ceo, que sobre vós brilha lusente,
Se receberdes o sagrado ensino;
Livres com gloria do tyranno Averno
Sobre elle reinareis n'hum solio eterno.

LXXIII.

Porém por serdes na ignorancia rude,
Incapazes de ouvir o mais em tanto,
Buscai com a razão maior virtude,
Implorando o favor do Throno Santo:
E quando a vossa fé pedillo estude,
Vereis da antiga serpe no quebranto
Florecer nesta Patria d'improviso
Huma imagem do ameno Paraiso.

LXXIV.

Disse o Heróe generoso; a turba immensa
Em final de prazer com grata dança,
Vão em fileiras com a mão extensa,
Fazendo com os pés vária mudança:
Huma perna bailhando tem suspensa,
E turma sobre turma em modo avança,
Que idéa dão dos bellicos ataques,
Retumbando entre tanto os seus marraques.

LXXV.

LXXV.

Os Nigromantes, que o Brazil reſpeita,
Hum marraque deſcobrem venerado;
Inſignia da Nação, que ao povo acceita,
Conſiderão por Symbolo Sagrado:
O Sacerdocio, como turma eleita
No miniſterio ao culto dedicado,
Poz o barbaro termo á função toda,
Baſejando nos Principes á roda.

(1) *Marimbondos*. Eſpecie de veſpa mordaciſſima no Brazil.

(2) *Diſſe o fero*. Hum graviſſimo Aulico da noſſa Corte me aſſeverou ter ſuccedido caſo ſimilhante no Pará, em Reinado do Fideliſſimo Rei o Senhor D. Joſé I., onde elle era contemporaneamente occupado em cargo diſtinctiſſimo do Real Serviço.

CANTO VI.

I.

Descançava no seio então Diogo,
Extincta a guerra, de huma paz dourada,
E o pavor do sulfureo horrivel fogo
Trazia a gente barbara assombrada:
As remotas Nações concorrem logo,
Desde a interna região mais apartada;
E tendo-o do trovão por viva imagem,
Vinha todo o Sertão dar-lhe homenagem.

II.

Muitos delles, dos póvos subjugados,
Que o effeito vírão da terrivel chamma;
Outros vinhão sómente convocados
Das heroicas acções, que conta a Fama:
Trazem plumas, e balsamos prezados,
E outra rude opulencia, que o povo ama,
E com os dons da Americana Ceres,
Offerecem-lhe as filhas por mulheres.

III.

III.

Era antigo dos barbaros coſtume,
Quando algum Capitão foi bravo em guerra,
Ou ſe julgavão que o regía hum Nume,
Emparentallo aos Principaes da terra:
Qualquer que de nobreza então preſume,
Do Grão Caramurú, que tudo aterra,
Procura, como nobre preminencia,
Ter na ſua proſapia a deſcendencia.

IV.

Tuibaé, dos Tapuias Chefe antigo,
Tiapíra lhe offrece celebrada;
E com a mão da filha deixa amigo
Huma illuſtre alliança confirmada:
Xerenimbó trazia-lhe comſigo
A formoſa Moema já negada
A muitos Principaes, por dar-lhe eſpoſo
Digno do tronco de ſeus Pais famoſo.

V.

Muitas outras donzellas Brazilianas
A mão do claro Diogo pertendião,
Ou por prendas, que notão ſoberanas,
Ou por grandes acções, que delle ouvião:
A todos elle deo moſtras humanas
Sem a fé lhe obrigar, que pertendião;
Mas por não offender as brutas gentes,
Trata os Pais, e os Irmãos como parentes.

VI.

VI.

Paraguaçú porém com fé de Eſpoſo
Parecia eſtimar diſtinctamente,
Moſtrando-lhe no affecto carinhoſo
A ſincera affeição que n'alma ſente:
Amava nella o peito valeroſo,
E o genio docil, com que á fé conſente;
Amor que occaſionou, como he coſtume,
Em algumas inveja, e n'outras ciume.

VII.

Todas á bella Dama aborrecendo,
Conſpirão féras em tirar-lhe a vida;
Mas ella que o projecto alcança horrendo,
Deixar pertende a Patria aborrecida:
E na viagem de Europa diſcorrendo,
Deſeja renaſcer á melhor vida;
Impulſo ſanto, que com juſta idéa
Move Diogo a deixar aquella aréa.

VIII.

Agitado do vario penſamento,
Na margem ſe entranhou do vaſto rio,
Que invocando o Serafico portento,
Chama de S. Franciſco o Luſo pio:
E eſtando o Sol no ſeu maior augmento,
Quando ſitio no ardor buſca ſombrio,
N'huma lapa, que eſconde alto myſterio, (1)
Foi achar para a calma o refrigerio.

IX.

IX.

Por mil paſſos a penha milagroſa
Eſtende em roda o gyro dilatado;
Obra da Natureza prodigioſa,
Quando o Globo terraqueo foi creado:
Concavidade ha alli vaſta, eſpaçoſa,
Onde tinha o Creador delineado,
Com capella maior, nave, e cruzeiro,
Hum Templo, como os noſſos, verdadeiro.

X.

Largo trinta e tres paſſos ſe eſtendia
O grão cruzeiro: a longitud da mole
Por mais de outros oitenta diſcorria;
Lugar, que não pizára humana prole:
O proſpecto extrior de pedraria,
O interior pavimento he terra molle:
De jaſpe ſe levanta a grá portada,
Entre torres marmoreas fabricada.

XI.

Dentro vem-ſe magnificas Capellas,
Suſtentadas de eſplendidas columnas;
Pelo tecto entre nuvens gyrão eſtrellas,
E ſobre o rio a hum lado tem tribunas,
Que ſervindo-lhe a hum tempo de janellas,
Dáo luz a todo o Templo; e quando lhe unas
Quantos prodigios o lugar encerra,
Maravilha maior não cobre a Terra.

XII.

XII.

Capella alli ſe vê de entalho nobre,
Obrado com deſenho eſtranho, e vario,
Onde effigiado em marmore, ſe cobre
Hum natural belliſſimo Calvario:
Vê-ſe a baſe da Cruz, mas nada ſobre;
De jaſpe ainda melhor q̃ Egyzio, ou Pario:
E ao lado hum poſto em proporção diſtincta,
Onde a Mái, e Diſcipulo ſe pinta.

XIII.

Chegado Diogo a ver prodigio tanto,
Pelo eſtranho eſpectaculo ſuſpenſo,
Penetra-ſe no peito de horror Santo,
Por não ſei que Sagrado occulto ſenſo:
Depois rompendo n'hum devoto pranto,
Proſtrado em terra, adora o Deos immenſo,
Que quando ſer ao mar, e á terra dava,
O alicerſe á grá fábrica lançava.

XIV.

Eis-aqui preparado (diſſe) o Templo,
Falta a fé, falta o culto neceſſario;
E quanto era de Deos, feito contemplo
Tudo o que he de ſalvar meio ordinario:
Deſta intenção parece ſer exemplo
Eſte inſigne prodigio extraordinario;
Onde parece que no Templo occulto,
Tem diſpoſto o lugar, e eſpera o culto.

XV.

XV.

Quiz moſtrar neſta Imagem por ventura
Que eſta gente brutal não deſampara;
E que a qualquer humana creatura
O remedio da Cruz juſto prepara;
Que a eſtes do ſeu ſangue dera a cura,
Se aos inſtinctos, que tem, não repugnára;
Que Advogada nos deo de empreza tanta,
Preparando o lugar á Virgem Santa.

XVI.

Oh queira, Grá Senhor, voſſa bondade
Supprir nelles, e em mim tanta miſeria;
Pois de todos ſalvar tendes vontade,
Que por eſte final moſtrais tão ſéria:
Que ſe olhais para a noſſa iniquidade,
Achareis de punir tanta materia,
Que a antiga culpa pelos ſeus abrolhos
A ninguem deixa juſto aos voſſos olhos.

XVII.

Dalli ſurcando o rio caudaloſo,
Vai o noto Reconcavo buſcando,
Por ver ſe inchada véla o pégo undoſo
A rumo Oriental vai navegando:
Nem temeria o pélago eſpaçoſo
Ir na leve canoa atraveſſando;
Se o perigo, que immenſo conſidera,
Pelo damno da Eſpoſa não temêra.

XVIII.

XVIII.

Ergue-ſe ſobre o mar alto penedo,
Que huma angra á raiz tem, das náos amparo,
Onde das ramas no intrechado enredo,
Cauſa o verde proſpecto hum goſto raro:
Alli morro cuberto de arvoredo,
A quem paſſea o mar, ſerve de faro;
Dão-lhe nome da Coſta os exprientes,
Do glorioſo Apoſtolo das Gentes.

XIX.

Aqui vê Diogo hum caſco, que encalhára,
Onde n'agua ſe occulta hórrida penha,
Porque ignorando a coſta ſe arrojára,
Sem que eſperança de ſoccorro tenha:
Vê, como a chuſma em terra ſe ſalvára,
Que a brutal gente a cativar ſe empenha;
E preſumindo o que era, na canoa
A defender os ſeus remando vôa.

XX.

E temendo que cedão enganados
Ao barbaro cruel os naufragantes;
Ou que fiquem ſem armas cativados
Nas mãos deſſes penhaſcos ambulantes;
Faz-lhes ſinaes, e deixa-os aviſados,
Fazendo ver as armas rutilantes,
Da arêa infida, e do cruel perigo,
E o ſeu ſoccorro lhe offrece amigo.

XXI.

XXI.

E quando a tiro de canhão se via,
Fez que se ouvisse a formidavel tromba,
E ao éco do tambor, que lhe batia,
Dispara ao tempo mesmo a horrivel bomba:
Treme de espanto o barbaro, que ouvia;
E este pasma, outro foge, aquelle tomba;
E o Grã Caramurú já divisando,
Correm todos humildes ao seu mando.

XXII.

Unidos do bom Diogo á comitiva
Soccorrem com presteza a véla rota;
Onde a gente das aguas semiviva,
Vão leves conduzindo a praia nota:
Salvou-se-lhe a equipagem toda viva;
E para os preparar a grã derrota,
Faz que a barbara gente, dando ajuda
A' afflicta multidão piedosa, acuda.

XXIII.

Paraguaçú porém com pio aviso
Cuida em prover de roupas, e sustento;
E quanto lhe he possivel de improviso,
Restablece-lhe as forças co'alimento,
Depois que se saciárão do preciso,
Diogo que o caso seu recorda attento,
Logo que a turba vê contente, e junta,
Donde vem? aonde vão? quem são? pergunta.

XXIV.

XXIV.

Hum entre outros, que o Chefe parecia,
E ſobre os mais da chuſma dominava,
Depois de agradecer-lhe a cortezia
Na Caſtelhana lingua, em que fallava
Somos (diſſe) da nobre Andaluzia,
Onde o chão Hiſpalenſe o Betis lava,
Socios ſe ouviſte o nome de Arelhano,
E deſde o Reino viemos Peruano.

XXV.

Se a Fama a vós chegou do valeroſo
Domador das Provincias Peruanas;
E ſe Piſarro no Orbe tão famoſo
Não ſe ignora das Gentes Luſitanas:
Fomos delle mandados pelo undoſo
Grão rio, que em correntes deſce inſanas,
Deſde a grã cordilheira, que imminente
Aqui ſepara o Occaſo do Oriente.

XXVI.

Novas Ilhas buſcando, e novos mares
Depois de longos dias navegámos;
Já com procellas, já com brandos ares,
Ao conhecido Oceano chegámos:
Os perigos, os caſos ſingulares,
Que por mais de mil leguas tolerámos,
Não contára, depois que no mar erro
A ter o peito de aço, e a voz de ferro.

XXVII.

XXVII.

De ſeſſenta, e mais linguas differentes,
Vimos, deſcendo o rio, em curſo immenſo,
Incognitas Nações, barbaras gentes,
E hum Povo innumeravel, vaſto, e denſo:
Montanhas vimos, campos mil patentes,
E hum terreno nas margens tão extenſo,
Que poderá elle ſó neſte hemiſferio
Formar com tanto Povo hum vaſto Imperio.

XXVIII.

Mil vezes com canoas bellicoſas
Combatemos no rio, e mil em terra;
Perſeguidos de tropas numeroſas,
Que occupavão talvez o valle, e a ſerra:
Nem ceſſava nas margens perigoſas
De mil bravas Nações a dura guerra,
Até que entrando nas ardentes Zonas,
Chegámos á Região das Amazonas.

XXIX.

Diſcorre com furor pela ribeira,
Vaſto eſquadrão de tropa feminina,
Que em poſtura, e contenho de guerreira,
Aſſaltar noſſa frota determina
Sobre o ſexo viril, turba groſſeira,
O feminino ſexo alli domina,
Onde no rio, porque a fama o conte,
Recordamos o antigo Thermodonte.

XXX.

XXX.

E já o Hiſpano Leão domado houvera
Das Amazonas o terreno infauſto,
Se no clima infeliz nos não morrêra
De mil fadigas Arelhano exhauſto.
A gente pois que o Capitão perdêra,
Não podendo eſperar ſucceſſo fauſto,
Sobre eſte bergantim, que alli ſe adorna,
Ao Solar Patrio, navegando torna.

XXXI.

Não duvideis, reſponde, o Heróe clemente
De achar em mim ſoccorro poderoſo;
Que achais quem como vós do mar fremente
Aprendeo na deſgraça a ſer piedoſo:
Tendes amiga mão, madeira, e gente,
Com que o caſco, que vedes ruinoſo,
Reformando-ſe torne do Ceo noſſo
A' deſejada Heſpanha, e Betis voſſo.

XXXII.

Diſſe; e ordenando a turba Americana,
Aſſiſte ao fabro na naval fadiga;
E quanto lhe permitte a força humana,
Faz que em breve o baixel ſeu rumo ſiga:
Nem ſe demora mais a gente Hiſpana,
Que a convida a monção, e o vento obriga:
Soltão a branca véla ao freſco vento,
E vão raſpando o liquido elemento.

XXXIII.

Felices vós, diz Diogo, affortunados,
A quem da cara Patria he concedido
Tornar hoje aos abraços deſejados,
Depois de tanto tempo a ter perdido!
Em quanto eu neſtes climas apartados
Me vejo de ſeguir-vos impedido;
Que fiar temo de tão debil lenho
Outra vida, q̃ em mais que a propria tenho.

XXXIV.

Dizendo aſſim, com calma vê luctando
Formoſa não de Gallica bandeira,
Que a terra ao parecer vinha buſcando,
E a prôa mette ſobre a propria eſteira:
Vem ſeguindo a canoa, e ſinaes dando,
Até que aborda a embarcação veleira;
E de paz dando a moſtra conhecida,
As praias de Bahia a não convida.

XXXV.

A Gupeva entretanto, e Taparica
Dava o ultimo abraço, e á forte Eſpoſa
A intenção de levalla ſignifica,
A ver de Europa a Região famoſa:
Suſpenſa entre alvoroço, e pena fica
Paraguaçú contente, mas ſaudoſa;
E quando o pranto na ſentida fuga
Começava a ſaudade, amor lho enxuga.

XXXVI.

XXXVI.

He fama então que a multidão formoſa
Das Damas, que Diogo pertendião,
Vendo avançar-ſe a não na via undoſa,
E que a eſperança de o alcançar perdião:
Entre as ondas com anſia furioſa
Nadando o Eſpoſo pelo mar ſeguião,
E nem tanta agoa que fluctûa vaga
O ardor que o peito tem, banhando apaga.

XXXVII.

Copioſa multidão da não Franceza
Corre a ver o eſpectaculo aſſombrada;
E ignorando a occaſião da eſtranha empreza,
Paſma da turba feminil, que nada:
Huma, que ás mais precede em gentileza,
Não vinha menos bella, do que irada:
Era Moema, que de inveja geme,
E já vizinha á não ſe apéga ao leme.

XXXVIII.

Barbaro (a bella diz) tigre, e não homem...
Porém o tigre por cruel que brame,
Acha forças amor, que em fim o domem;
Só a ti não domou, por mais que eu te ame:
Furias, raios, coriſcos, que o ar conſomem,
Como não conſumis aquelle infame?
Mas pagar tanto amor com tedio, e aſco...
Ah que o coriſco és tu... raio... penhaſco.

XXXIX.

Bem puderas, cruel, ter ſido eſquivo;
Quando eu a fé rendia ao teu engano;
Nem me offendêras a eſcutar-me altivo,
Que he favor, dado a tempo, hum deſengano:
Porém deixando o coração cativo
Com fazer-te a meus rogos ſempre humano,
Fugiſte-me, traidor, e deſta ſorte
Paga meu fino amor tão crua morte?

XL.

Tão dura ingratidão menos ſentira,
E eſſe fado cruel doce me fora,
Se a meu deſpeito triunfar não víra
Eſſa indigna, eſſa infame, eſſa traidora:
Por ſerva, por eſcrava te ſeguíra,
Se não temêra de chamar Senhora
A vil Paraguaçú, que ſem que o creia,
Sobre ſer-me infrior, he neſcia, e feia.

XLI.

Em fim, tens coração de ver-me afflita,
Fluctuar moribunda entre eſtas ondas;
Nem o paſſado amor teu peito incita
A hum ai ſómente, com q̃ aos meus reſpon-
Barbaro, ſe eſta fé teu peito irrita, (das:
(Diſſe, vendo-o fugir) ah não te eſcondas;
Diſpara ſobre mim teu cruel raio ...
E indo a dizer o mais, cahe n'hum deſmaio.

XLII.

XLII.

Perde o lume dos olhos, paſma, e treme;
Pállida a côr, o aſpecto moribundo,
Com mão já ſem vigor, ſoltando o leme,
Entre as ſalſas eſcumas deſce ao fundo:
Mas na onda do mar, que irado freme,
Tornando a apparecer deſde o profundo;
Ah Diogo cruel! diſſe com mágoa,
E ſem mais viſta ſer, ſorveo-ſe n'agoa.

XLIII.

Chorárão da Bahia as Nynfas bellas,
Que nadando a Moema acompanhavão;
E vendo que ſem dor navegão dellas,
A' branca praia com furor tornavão:
Nem pode o claro Heróe ſem pena vellas,
Com tantas provas, que de amor lhe davão;
Nem mais lhe lembra o nome de Moema,
Sem que ou amante a chore, ou grato gema.

XLIV.

Voava em tanto a náo na azul corrente,
Impellida de hum Zefyro ſereno,
E do brilhante mar o eſpaço ingente
Hum campo parecia igual, e ameno:
Encreſpava-ſe a onda docemente,
Qual aura leve, quando move o feno;
E como o prado ameno rir coſtuma,
Imitava as boninas com a eſcuma.

XLV.

XLV.

Du Pleſſis, que os Francezes governava,
Em huma noite clara á poppa eſtando,
Os caſos de Diogo, que eſcutava,
Admira no naufragio memorando:
Depois do Heróe prudente perguntava
Quem achára o Brazil, o como, e quando
Ganhára no recondito hemiſferio
Tanto theſouro o Luſitano Imperio?

XLVI.

Dous Monarcas (reſponde o Luſitano)
Já ſabes que no Occaſo, e no Oriente
Nóvos Mundos buſcárão pelo Oceano,
Depois de haver domado a Libya ardente:
E que, onde não chegou Grego, ou Romano,
Paſſea o forte Hiſpano, e a Luſa gente;
Que inſtruidos na Nautica com arte,
Deſcubrírão do Mundo outra grã parte.

XLVII.

Do Téjo ao China o Portuguez impéra,
De hum pólo ao outro o Caſtelhano voa,
E os dous extremos da redonda eſféra,
Dependem de Sevilha, e de Lisboa: (2)
Mas depois que Colon ſinaes trouxera,
(Colon, de quem no Mundo a fama voa)
Deſte novo admiravel continente
Diſcorda com Caſtella o Luſo ardente.

XLVIII.

XLVIII.

Já ſe diſpunha a guerra ſanguinoſa;
Porém o commum Pai aos dous intíma
Arbitrio na contenda duvidoſa,
Que a parte competente aos Reis eſtima.
Deſde Roma Alexandre imperioſa,
Deixando ambos em paz á empreza anima,
E huma linha lançando ao Ceo profundo,
Por Fernando, e João reparte o Mundo.

XLIX.

Na vaſta divisão, que ao Luſo veio,
O precioſo Brazil contido fica:
Paiz de gentes, e prodigios cheio,
Da America feliz porção mais rica:
Aqui do vaſto Oceano no meio
Por horrivel tormenta a prôa applica
O illuſtre Cabral com fauſto acaſo
Sobre gráos dezeſeis do noſſo Occaſo.

L.

Da nova Região, que attento obſerva,
Admira o clima doce, o campo ameno,
E entre arvoredo immenſo, a fertil herva
Na viçoſa extensão do aureo terreno:
Cuberta a praia eſtá de grá caterva
De incognita Nação, que com o aceno,
Porque a lingua ignorava, á paz convida,
Erguendo-lhe o troféo do Author da vida.

LI.

LI.

Era o tempo, em que alegre reſuſcita
A verde planta, que murchou no Inverno;
E quando a ſolar méta o tempo excita,
Em que o Rei triunfou da morte eterno:
Tão ſagrada memoria a frota incita
A celebrar ao Vencedor do Inferno
O ſacrificio, donde a fé venera,
A Paixão, que em tal tempo ſuccedêra.

LII.

Em frondoſa ramada o Luſitano
Hum Altar fabricou no prado extenſo,
Donde aſſiſta ao Myſterio ſoberano
Da Luſitana eſquadra o povo immenſo:
Ao Rei triunfante do infernal tyranno,
Odorifero fuma o ſacro incenſo,
E a victima do Ceo, que a paz indica
A' gente, e nova terra ſanctifica.

LIII.

Notar o Americano alli contende
Do ſacroſanto Altar o acto ſublime;
E tanto a ſimples gente o aceno entende,
Que parece que a acção por ſanta eſtime:
Algum que olhava ao celebrante, emprende
O géſto arremedar, que orando exprime,
E as máos une, e levanta, e talvez ſolta;
E quando o vê voltar, tambem ſe volta.

LIV.

LIV.

Como as noſſas acções talvez eſpia
O pelloſo animal, que o mato hoſpeda,
E quanto vê fazer, como á porfia,
Tudo poſto a obſervar, logo arremeda:
Tal o Gentio ſimples parecia,
Que nem hum pé, nem paſſo dalli arreda,
E ao ſanto ſacrificio attento, e mudo,
O que aos mais vio fazer, fazia-o tudo.

LV.

Aqui depois que ás turbas eloquente
Dicta o ſacro Orador pio conceito,
E a fé diſpenſa no animo valente
Do nobre Povo a propagalla eleito:
Participa da cea a Chriſtã gente,
E o dom recebem com fiel reſpeito;
E he fama que Cabral, que os convocára,
Montando ſobre hum alto, aſſim fallára.

LVI.

Glorioſa Nação, que a terra vaſta
Vais a livrar do Paganiſmo immundo,
A quem eſſe Orbe antigo já não baſta,
Nem a immenſa extensão do mar profundo:
Neſte occulto Paiz, que o mar affaſta,
Tem teu zelo por campo hum novo Mundo;
E quando tanta fé ſeus termos fonde,
Outro Mundo acharás, ſe outro ſe eſconde.

LVII.

Oh profundo conſelho! Abyſmo immenſo
Do poder, e ſaber do Omnipotente!
Que eſtiveſſe eſcondida no Orbe extenſo
Tanta parte do Mundo á ſabia gente!
Sincoenta e ſinco ſeculos ſem ſenſo
Das Nações deſte vaſto continente,
E em tanta indagação dos ſabios feita,
Não cahir-nos na mente nem ſuſpeita!

LVIII.

Mas combine-ſe o dia, o tempo, a hora,
Em que a alta Providencia aqui nos guia;
Quando á ignorancia Chriſto o perdão ora;
Quando morre na Cruz, no proprio dia:
Na bandeira do mar triunfadora
Tremolamos as Chagas com fé pia,
E nellas quiz á grei, que em ſombras langue,
Vir neſte dia a offerecer ſeu ſangue.

LIX.

Goza de tanto bem, terra bemdita,
E da Cruz do Senhor teu nome ſeja;
E quanto a luz mais tarda te viſita,
Tanto mais abundante em ti ſe veja:
Terra de Santa Cruz tu ſejas dita,
Maduro fruto da Paixão na Igreja,
Da fé renovo pelo fruto nobre,
Que o dia nos moſtrou, que te deſcobre.

LX.

LX.

Dizendo assim ajoelha, e Cruz em tanto
Sublime n'hum oiteiro se colloca;
O Exercito formado ao final santo
Se prostra humilde, pondo em terra a boca:
Pasma o Gentio, e admira com espanto
A melodia, com que o Ceo se invoca,
Hymno entoando á Cruz pios Cantores,
E respondendo as trompas, e os tambores.

LXI.

Terra porém depois chamou a gente
Do Brazil, não da Cruz; porque attrahida
D'outro lenho nas tintas excellente,
Se lembra menos do que o foi da vida:
Assim ama o mortal o bem presente;
Assim o nome esquece, que o convida
Aos interesses da futura gloria,
Aos bens attento só da transitoria.

LXII.

Observa o bom Cabral todo o prospéto
Da immensa costa, e pelo clima puro:
Pelo abordo tranquillo, e mar quieto,
Chama o seio, em que entrou Porto Seguro:
E olhando com saudade o doce objecto
Do seu destino, se lamenta escuro,
Que pela empreza a que mandado fora,
Não permitte na Armada outra demora.

LXIII.

LXIII.

Manda depois ao Luſo Dominante
Hum aviſo do clima deſcuberto;
Nem tarda Manoel então Reinante
A enviar hum Coſmografo, que experto
Da eſcola fora, que o famoſo Infante (3)
Para a Nautica ſciencia tinha aberto,
E Americo diſpõe, que ao Brazil parta,
De quem deo nome ao continente a Carta.

LXIV.

E por ter quem aos noſſos interpréte
Do ignorado idioma a eſcura ſorte,
Alguns em terra condemnados mette,
Devidos por delicto á crua morte:
A vida como premio lhe promette,
Quando com peito ſe atreveſſem forte
A eſperar no Sertão nova viagem,
Aprendendo os rodeios da linguagem.

LXV.

Com acenos depois á gente bruta
Os ſeus que lhe deixava, recommenda,
E no claro perigo, em que os reputa,
Arma lhe deixa, que na guerra offenda:
Dá-lhe a eſpecie, que alli bem ſe commuta,
Em que poſsão tratar por compra, e venda;
Eſpelhos, caſcaveis, anzoes, cutélos,
Campainhas, fuzís, ſerras, martélos.

LXVI.

LXVI.

Nem ſe demora mais a forte Armada;
E convidando o vento, eſtende a véla,
Corre a barbara gente amontoada
Ao embarque nas náos da Tropa bella:
E, ao que póde entender-ſe, magoada
Por ſaudade, que tem de mais não vella,
Com acenos, e voz enternecida
Fazião a ſeu modo a deſpedida.

LXVII.

Mais ſaudoſos os triſtes deſterrados,
Correndo immenſo riſco a lingua aprendem,
Recebendo alimentos commutados
Pelas eſpecies, que ao Gentio vendem:
Talvez os tem co-a cithara encantados;
Talvez com caſcaveis todos ſuſpendem;
Mas o objecto que a viſta mais lhe aſſombra
He ver dentro do eſpelho a propria ſombra:

LXVIII.

Extatico qualquer notando admira,
Dentro ao terſo cryſtal a horrivel cara:
Pergunta-lhe quem he, como ſe ouvíra;
E crendo eſtar no inverſo o que enxergára,
De huma parte a outra parte o eſpelho víra;
E não topando o vulto na luz clara,
Tal ha que o vidro quebra, por ver dentro
Se a imagem acha, que obſervou no centro.

LXIX.

Mas em quanto eſtes errão vagabundos,
Americo Veſpucci, e o forte Coelho,
A longa coſta, e os ſeios mais profundos
Demarcavão no Nautico conſelho:
Deſcubridor tambem dos novos Mundos
Foi Jaques na Marinha experto, e velho,
De quem já demarcado em carta ouvimos
Eſſe ameno reconcavo, que vimos.

LXX.

Eu depois deſtes na occaſião preſente,
Quanto o vaſto Sertão nos encubria,
Deſcubri, pondo em fuga a bruta gente,
O reconcavo interno da Bahia:
Notei na vaſta terra a turba ingente,
Que mais Europa toda não teria,
Se da grá cordilheira ao mar baixando,
Deſde a Prata ao Pará ſe for contando.

LXXI.

Dá principio na America opulenta
As Provincias do Imperio Luſitano,
O Grá Pará, que hum mar nos repreſenta,
Emulo em meio á terra do Oceano:
Foi deſcuberto já (como ſe intenta)
Por ordem de Piſſarro, de Arelhano;
Paiz, que a linha Equinocial tem dentro,
Onde a Torrida Zona eſtende o centro.

LXXII.

LXXII.

Em nove leguas ſó de comprimento,
Vinte ſeis de circuito ſe eſpraia
No vaſto Maranhão d'agoa opulento,
Huma Ilha bella, que ſe eſtende á praia:
Regão-lhe quinze rios o aureo aſſento,
E hum breve eſtreito, que lhe fórma a raia,
Póde paſſar por Iſthmo, que a encadea
A' terra firme por mui breve arêa.

LXXIII.

O Ceará depois, Provincia vaſta,
Sem pórtos, e commercio jaz inculta;
Gentio immenſo, que em ſeus campos paſta,
Mais fero que outros o Eſtrangeiro inſulta:
Com violento curſo ao mar ſe arraſta
De hum lago do Sertão, de que reſulta,
Rio, onde peſcão nas profundas minas
As brazilicas perolas mais finas.

LXXIV.

Da fertil Paraiba não occorre
Que informe a gente voſſa, ſendo empreza
Do commercio Francez, que alli concorre
A lenhos carregar, que a Europa preza:
Não mui longe da coſta, que alli corre
Huma Ilha vedes de menor grandeza,
Que amena, fertil, rica, e povoada
He d'Itamaracá de nós chamada.

LXXV.

LXXV.

A oito gráos do Equinocio se dilata
Pernambuco, Provincia delicioſa,
A pingue caça, a peſca, a fruta grata,
A madeira entre as outras mais precioſa:
O proſpecto, que os olhos arrebata
Na verdura das arvores frondoſa,
Faz que o erro se eſcuſe a meu aviſo,
De crer que fora hum dia o Paraiſo.

LXXVI.

Serzipe então d'ElRei: logo o terreno
De que viſte a belleza, e perſpectiva;
Nem cuido que outro viſſes mais ameno,
Nem donde com mais goſto a gente viva:
Clima ſaudavel, Ceo ſempre ſereno,
Mitigada na nevoa a calma activa;
Palmas, mangues, mil plantas na eſpeſſura,
Não ha depois do Ceo mais formoſura.

LXXII.

A quinze gráos do Sul na foz extenſa
De hum vaſto rio, por ilheos cortado,
Outra Provincia de cultura immenſa,
Tem dos proprios ilheos nome tomado:
Depois Porto Seguro, a quem compenſa
O eſpaço da Provincia limitado,
Outra de ambito vaſto, que ſe aſſoma,
E do Eſpirito Santo o nome toma.

LXXVIII.

Nhiteroi dos Tamoyos habitada,
Por largas terras ſeu dominio eſtende,
Famoſa região pela enſeada,
Que huma grã barra dentro em ſi comprende:
Eſta praia dos voſſos frequentada,
Que pomo de diſcordia entre nós pende,
Cuſtará, ſe preſago não me engano,
Muito ſangue ao Francez, e ao Luſitano.

LXXIX.

S. Vicente, e S. Paulo os nomes derão
A's extremas Provincias, que occupamos;
Bem que ao Rio da Prata ſe eſtendêrão
As que com proprio marco aſſinalamos:
E por memoria de que noſſas erão,
De *Marco* o nome no lugar deixamos,
Povoação, que aos vindouros ſignifica,
Onde o termo Heſpanhol, e o Luſo fica.

(1) *Lapa.* Esta he a célebre Igreja da Lapa, em que parece que a Natureza preparou á Graça hum admiravel edificio. Veja-se Sebastião da Rócha Pitta.

(2) *Sevilha.* Então Corte de Hespanha.

(3) *Do famoso Infante.* A escola Nautica, e Mathematica, fundada em Sagres pelo Senhor Infante D. Henrique, deo os ultimos lumes a Colon, Americo Vespucci, e outros Cosmografos estranhos, que em nenhuma outra Região da terra podião achar estudos áquelle tempo tão célebres, como os de Portugal.

CANTO VII.

I.

ERa o tempo, em que o Sol na vaſta Eſfera
O claro dia com a noite iguala,
E o velho Outono, que o calor modera,
De ſeus pampanos tece a verde gala:
E quando todo o monte Baccho altera,
E os capazes toneis na adega abala,
Tocava a Franca náo do claro Sena
Na delicioſa fóz a praia amena.

II.

Na grá Lutecia, Capital do Eſtado,
A ligeira falúa dava fundo,
E eſſe Orbe na Cidade abbreviado,
Enchia Diogo de hum prazer jucundo:
Templos, torres, palacios, caſas, prado,
O famoſo Atheneo meſtre do Mundo,
A Corte mais auguſta, que ſe aviſta,
Enche-lhe o coraçáo, e aſſombra a viſta.

III.

Paraguaçú porém, que já mais víra
Eſpectaculo igual, ſuſpenſa pára;
Nem falla, nem ſe volta, nem reſpira,
Immovel a peſtana, e fixa a cara:
E cheia a fantaſia do que admira,
Cauſa-lhe tanto paſmo a viſão rara,
Que eſtupida parece ter perdido
O diſcurſo, a memoria, a voz, e o ouvido.

IV.

Qual pende o tenro Infante ao collo da ama,
Se hum novo, e bello objecto tem preſente,
Que nem a doce mái, que ao peito o chama,
Nem os mimos do pai paſmado ſente:
Tod' a alma no que vê fixo derrama,
E ſó parece pelo olhar vivente:
Náo foi da Americana o ar diverſo,
Vendo em Paris a ſumma do Univerſo.

V.

Por fama que ſe ouvio da novidade
A admirar o eſpectaculo ſe ajunta,
Curioſa do ſucceſſo a grá Cidade,
E hũ ſe admira, outro o conta, algũ pergunta:
Creſce o vago rumor ſobre a verdade;
E a plebe, que a Diogo acode junta,
Delle, e da Eſpoſa divulgada tinha,
Que era o Rei do Brazil, e ella a Rainha.

VI.

VI.

E já aviſtavão do Palacio Auguſto
Em bella perſpectiva o Regio eſpaço,
E o atrio vendo de troféos onuſto,
Entrão do Franco Rei no excelſo Paço:
Cinge as portas exercito robuſto,
Brilhante guarda, de que o invicto braço
Ao lado ſempre da Real Peſſoa,
Suſtenta as Liſes, e defende a Croa.

VII.

Era alli Chriſtianiſſimo Reinante
Entre os Francezes o ſegundo Henrique,
Méta então do Germano fulminante,
Que oppôz de Carlos ás victorias dique:
Orthodoxo Monarca, da Fé amante,
Que faz que em toda a França immovel fique
O antigo culto, e Religião paterna,
Que invadio de Calvino a Furia Averna.

VIII.

Senta-ſe ao Regio lado a grá Princeza,
Formoſa Lis, que do Arno Florentino
Trouxe a França hum theſouro de belleza,
E outro maior no engenho peregrino:
Formoſo par, que a ſabia Natureza
Não ſem inſtincto conjugou Divino;
Porque roubando Henrique a dura morte,
Suſtente França Catharina a Forte.

IX.

IX.

Ao Throno Chriſtianiſſimo proſtrado
A Regia Mão dos dous Monarcas beija
O bom Diogo, tendo a Eſpoſa ao lado,
E faz que attenta toda a Corte eſteja:
E havendo por tres vezes humilhado
A fronte aos Reis, que reſpeitar deſeja,
He fama, que com géſto reverente
Fallára deſte modo ao Rei potente.

X.

Tendes a voſſos pés, Sire, invocando
No throno da grandeza a Mageſtade,
Eſtes dous peregrinos, que ſurcando
Do procelloſo mar a immenſidade,
No Imperio, que regeis com ſabio mando,
Buſcão aſylo na Real piedade;
E a vós, e ao voſſo Reino ſe dirigem,
Donde tem Portugal o nome, e a origem.

XI.

O Brazil, Sire, infunde-me a confiança,
Que alli renaſça o Portuguez Imperio,
Que eſtendendo-ſe ao Cabo da Eſperança,
Tem deſcuberto ao Mundo outro hemiſferio:
Tempo virá, ſe o vaticinio o alcança,
Que o cadente eſplendor do nome Heſperio
O ſeculo, em que eſtá, recobre de ouro,
E lhe cinja o Brazil mais nobre louro.

XII.

XII.

E Tu, que ao Luſo Reino hum germe Auguſto
No grão Burgundo a propagar mandaſte,
Contépla, ó França Heróica, o Imperio juſto,
Como ramo do teu, que alli plantaſte:
E ſe o inculto Brazil ſe o Cafre aduſto
Por teus famoſos Netos ſubjugaſte,
Admitte ao throno do Solar primeiro
Eſte teu não indigno aventureiro.

XIII.

E eſta, que ao lado meu teu Sceptro beija,
Princeza do Brazil, que hum tempo fora,
No ſeio da Chriſtã piedoſa Igreja,
Como Mãi pia regenera agora.
He bem que a Mãi primeira o Brazil veja,
Donde a gente naſceo, que lhe he Senhora;
E quando a Luſitania lhe he Rainha,
Tome o Brazil a França por Madrinha.

XIV.

Diſſe o Heróe generoſo, e o Rei potente,
Recordando os annaes de antiga Hiſtoria;
Com viſta mageſtoſa, mas clemente,
Deo final de agradar-lhe eſta memoria:
Com ſuſurro entre tanto a aulica gente
Celebra, como propria, a Luſa gloria;
E impondo-lhe ſilencio alto reſpeito,
Reſpondem com os olhos, e co' peito.

XV.

XV.

Mongomerí, que ſerve na aſſembléa
De interprete do Rei, fallou benigno;
Conforme na reſpoſta á juſta idéa,
De que o bom Diogo ſe moſtrou tão digno:
Nem vendo a Lyſia de conquiſtas cheia
Lhe inſpira o impulſo da ambição maligno,
A invejar-lhe já mais troféos tamanhos,
Que em prole ſua não reputa eſtranhos.

XVI.

Ide, diſſe a Rainha, o par ditoſo,
Que o banho ſanto, donde a culpa amára,
Se apague neſſe peito generoſo,
Comigo a França apadrinhar prepara.
E quando o Sol ſeu curſo luminoſo
Tres vezes repetir na Eſféra clara,
Será das nodoas do Tartareo abyſmo
Lavada a bella Dama no Baptiſmo.

XVII.

Era o dia, em que he fama, que o homem feito
De terra, foi na Eſtatua precioſa,
Em que Deos lhe infundira no ſeu peito
Do Soberano ſer cópia formoſa.
Dia do noſſo rito ao culto eleito
De Simão, e Thaddeo, quando formoſa
Entrou Praguaçú com feliz ſorte
No banho Santo, rodeando-a a Corte.

XVIII.

XVIII.

A' roda o Real Clero, e grão Jerarca
Fórma em meio á Capella a Auguſta linha;
Entre os Pares ſeguia o bom Monarca,
E ao lado da Neofyta a Rainha.
Vê-ſe cópia de lumes nada parca,
E a turba immenſa, que das guardas vinha;
E dando o nome a Auguſta á nobre Dama,
Põe-lhe o ſeu proprio, e Catharina a chama.

XIX.

Banhada a formoſiſſima Donzella
No Santo Criſma, que os Chriſtãos confirma,
Os Deſpoſorios na Real Capella
Com o valente Diogo amante firma:
Catharina Alvres ſe nomea a bella, (1)
De quem a gloria no troféo ſe affirma,
Com que a Bahia, que lhe foi Senhora,
N'outro tempo, a confeſſa, e fundadora.

XX.

Prepara-ſe hum banquete com grandeza,
Em que a cópia compita co'-a elegancia;
E aos dous Conſortes ſe diſpõe a meza
No magnífico Paço em Regia eſtancia:
Nem ſe dedigna a Soberana Alteza,
Depois de os regalar com abundancia,
De dar Rainha e Rei, de ouvir curioſos,
Huma audiencia privada aos dous Eſpoſos.

XXI.

XXI.

Depois (diſſe o Monarca) que informado
De meus Miniſtros tenho a Hiſtoria ouvido,
Como foſte das ondas agitado,
Como da gente barbara temido:
Sabendo que os Sertões tens viſitado,
E o centro do Brazil reconhecido,
Quero das terras, dos viventes plantas,
Que a Hiſtoria contes de Provincias tantas.

XXII.

Mandas-me, Rei Auguſto, que te exponha,
(Diz cheio de reſpeito o Heróe prudente)
E aos olhos teus em hum compendio ponha
A Hiſtoria natural da occulta gente:
Se eſperas de mim, Sire, que componha
Exacta narração da cópia ingente,
Empreza tanta he, quando obedeça,
Que faz que o tempo falte, e a voz falleça.

XXIII.

Mil e ſincoenta e ſeis legoas de Coſta,
De valles, e arvoredos reveſtida,
Tem a terra Brazílica compoſta
De montes de grandeza deſmedida:
Os Guararapes, Borborema poſta
Sobre as nuvens na cima recreſcida,
A ſerra de Aimorés, que ao pólo he raia,
As de Ibo-ti-catú, e Itatiaia.

XXIV.

XXIV.

Nos vaſtos rios, e altas alagoas
Mares dentro das terras repreſenta;
Cuberto o Grão Pará de mil canoas
Tem na eſpantoſa fóz legoas oitenta.
Por dezeſete ſe deſagoa boas
O vaſto Maranhão; legoas quarenta
O Jaguaribe diſta; outro ſe engroſſa
De S. Franciſco, com que o mar ſe adoça.

XXV.

O Serzipe, o Real de licor puro,
Que com vinte o Sertão regando correm,
Santa Cruz, que no Porto entra ſeguro,
Depois de trinta, que no mar concorrem:
Logo o das Contas, o Taigipe impuro,
Que abrindo a vaſta fóz no Oceano morrem,
O Rio Doce, a Cananea, a Prata,
E outros ſincoenta mais, com que arremata.

XXVI.

O mais rico, e importante vegetavel
He a doce cana, donde o aſſucar brota,
Em pouco as noſſas canas comparavel;
Mas nas do milho proporção ſe nota:
Com manobra expedita, e praticavel,
Eſpremido em moenda o ſucco bota,
Que acaſo a antiguidade imaginava,
Quando o nectar, e ambroſia celebrava.

XXVII.

XXVII.

Outra planta de muitos deſejada,
Por fragrancia que o olfacto activa ſente,
Herva ſanta dos noſſos foi chamada,
Mas tabaco depois da Hiſpana gente.
Pelo Franco Nicot manipulada
Expelle a bile, e o cerebro cadente
Soccorre em modo tal, que em quem o tome,
Parece o impulſo de o tomar que he fome.

XXVIII.

He ſuſtento commum, raiz prezada,
Donde ſe extrahe, com arte util farinha,
Que ſaudavel ao corpo, ao goſto agrada,
E por delicia dos Brazis ſe tinha.
Depois que em *bolandeiras* foi ralada, (2)
No *Tapití* ſe eſpreme, e ſe convinha,
Fazem a *puba* então, e a *tapioca*,
Que he todo o mimo, e flor da mandioca.

XXIX.

Chama o Agricultor raiz goſtoſa
Aipi por nome; e em goſto ſe parece
Com a molle caſtanha ſaboroſa,
De que tira o Paiz vario intereſſe.
Optimo arroz em cópia prodigioſa,
Sem cultura nos campos apparece,
No Pará, Cuiabá, por modo feito,
Que iguala na bondade o mais perfeito.

XXX.

XXX.

Ervilhas, feijão, favas, milho, e trigo,
Tudo a Terra produz, ſe ſe tranſplanta;
Fruta tambem, o pomo, a pera, o figo
Com bifera colheita, e em cópia tanta:
Que mais que no Paiz que o dera antigo,
No Brazil fructifica qualquer planta;
Aſſim nos deo a Perſia, e Libya ardente,
Os que a nós tranſplantamos de outra gente.

XXXI.

Nas comeſtiveis hervas he louvada
O Quiabo, o Giló, os Maxixeres,
A Maniçoba peitoral prezada,
A Taióba agradavel nos comeres:
O palmito de folha delicada,
E outras mil hervas, que ſe uſar quizeres,
Acharás na opulenta natureza
Sempre com mimo preparada a meza.

XXXII.

Senſivel chama-ſe herva pudibunda,
Que quando a mão chegando alguẽ lhe ponha,
Parece que do tacto ſe confunda,
E que fuja o que o toca por vergonha.
Nem torna a ſi da confuſão profunda,
Quando auſente o aggreſſor ſe lhe não ponha,
Documento á alma caſta, que lhe indica,
Que quem cauta não foi, nunca he pudica.

XXXIII.

XXXIII.

D'hervas medicinaes cópia tão rara
Tem no mato o Brazil, e na campina;
Que quem toda a virtude lhe explorára,
Por demais recorrêra á Medicina.
Naſce a Gelapa alli, a ſene amara,
O Filopodio, a malva, o páo da China,
A Caroba, a Capeba, e mil que agora
Conhece a bruta gente, e a noſſa ignora.

XXXIV.

Tem mimoſos legumes, que não cedem
Aos que uſamos na Europa mais prezados,
Gingibre, Gergelim, que os mais excedem
Mendubim, Mangaló, que usão guizados:
Alguns medicinaes, com que deſpedem
Do peito eſtilicidios radicados;
Tem o Cará, o Inhame, e em cópia grata
Mangarás, mangaritos, e batata.

XXXV.

Das flores naturaes pelo ar brilhante
He com cauſa entre as mais rainha a Roſa,
Branca ſahindo a Aurora rutilante,
E ao meio dia tinta em côr luſtroſa:
Porém creſcendo a chamma rutilante,
He purpurea de tarde a côr formoſa;
Maravilha que a Clicie competira,
Vendo que muda a côr, quando o Sol gyra.

XXXVI.

XXXVI.

Outra engraçada flor, que em ramos pende
(Chamão de S. João) por bella paſſa
Mais que quantas o prado alli comprênde,
Seja na bella côr, ſeja na graça:
Entre a copada rama, que ſe eſtende
Em viſtoſa apparencia a flor ſe enlaça,
Dando a ver por diante, e nas eſpaldas,
Cachos de ouro com verdes eſmeraldas.

XXXVII.

Nem tu me eſquecerás, flor admirada,
Em quem não ſei, ſe a graça, ſe a natura
Fez da Paixão do Redemptor Sagrada
Huma formoſa, e natural pintura:
Pende com pomos mil ſobre a latada,
Aureos na côr, redondos na figura,
O âmago freſco, doce, e rubicundo,
Que o ſangue indica, que ſalvára o Mundo.

XXXVIII.

Com denſa cópia a folha ſe derrama,
Que muito á vulgar Era he parecida,
Entreſachando pela verde rama
Mil quadros da Paixão do Author da vida:
Milagre natural, que a mente chama
Com impulſos da graça, que a convida,
A pintar ſobre a flor aos noſſos olhos
A Cruz de Chriſto, as Chagas, e os abrolhos.

XXXIX.

XXXIX.

He na fórma redonda, qual diadema
De pontas, como eſpinhos, rodeada;
A columna no meio, e hum claro emblema
Das Chagas ſantas, e da Cruz ſagrada:
Vem-ſe os tres cravos, e na parte extrema
Com arte a cruel lança figurada,
A côr he branca, mas de hum roxo exſangue,
Salpicada recorda o pio ſangue.

XL.

Prodigio raro, eſtranha maravilha,
Com que tanto myſterio ſe retrata!
Onde em meio das trévas a fé brilha,
Que tanto deſconhece a gente ingrata:
Aſſim do lado ſeu naſcendo filha
A humana eſpecie, Deos piedoſo trata,
E faz que quando a Graça em ſi deſpreza,
Lhe pregue co' eſta flor a natureza.

XLI.

Outras flores ſuaves, e admiraveis
Bordão com varia côr campinas bellas,
E em varia multidão por agradaveis,
A viſta encantão, tranſportada em vellas:
Jaſmins vermelhos ha, que innumeraveis
Cobrem paredes, tectos, e janellas;
E ſendo por miudos mal diſtintos,
Entretecem purpureos labyrinthos.

XLII.

XLII.

As aſſucenas são talvez fragrantes,
Como as noſſas na folha organizadas;
Algumas no candor luſtrão brilhantes,
Outras na côr reluzem nacaradas.
Os bredos namorados rutilantes,
As flores de Courana celebradas;
E outras ſem conto pelo prado immenſo,
Que deixão quem as vê, como ſuſpenſo.

XLIII.

Das frutas do Paiz a mais louvada
He o Regio Ananas, fruta tão boa,
Que a meſma Natureza namorada
Quiz como a Rei cingilla da coroa:
Tão grato cheiro dá, que huma talhada
Surprende o olfacto de qualquer peſſoa;
Que a não ter do Ananas diſtincto aviſo,
Fragrancia a cuidará do Paraiſo.

XLIV.

As fragantes Pitombas delicadas
São, como gemmas d'ovos na figura;
As Pitangas com cores golpeadas
Dão refrigerio na febril ſeccura:
As formoſas Guaiabas nacaradas,
As Bananas famoſas na doçura,
Fruta, q̃ em cachos pende, e cuida a gente
Que fora o figo da cruel Serpente.

XLV.

Diſtingue-ſe entre as mais na fórma, e goſto,
Pendente de alto ramo o coco duro,
Que em grande caſca no extrior compoſto,
Enche o vaſo intrior de hum licor puro:
Licor, que á competencia ſendo poſto,
Do antigo nectar fora o nome eſcuro;
Dentro tem carne branca, como a amendoa,
Que a alguns enfermos foi vital, comendo-a.

XLVI.

Não são menos que as outras ſaboroſas
As várias frutas do Brazil campeſtres,
Com gala de ouro, e purpura viſtoſas,
Brilha a Mangabá, e os Mocujes ſilveſtres:
Os Mamões, Moricis, e outras famoſas,
De que os rudes Caboclos forão Meſtres,
Que enſinárão os nomes, que ſe eſtillão,
Janipapo, e Cajú vinhos diſtillão.

XLVII.

Nas precioſas arvores ſe conta
O cacáo, droga em Heſpanha tão commua,
Pouco n'altura mais que arbuſto monta,
E rende novo fruto em cada Lua:
A Bainilha nos ſipós deſponta,
Que tem no chocolate a parte ſua,
Naſce em bainhas, como páos de lacre,
De hum ſucco oleoſo, grato o cheiro, e acre.

XLVIII.

XLVIII.

Optimo anil de planta pequenina
Entre as brenhas incultas ſe recolhe;
Tece-ſe a roupa do algodão mais fina,
Que em cópia abundantiſſima ſe colhe:
Que ſe a abundancia á induſtria ſe combina;
Ceſſando a inercia, que mil lucros tolhe,
Houvera no Algodão, que alli ſe topa,
Roupa, com que veſtir-ſe toda a Europa.

XLIX.

O uruçú, fruto d'arvore pequena,
Como lima, em pyramide elevada,
De que hum extracto a diligencia ordena,
Que a eſcarlata produz mais nacarada:
De immortal tronco a Tarajaba amena
Rende a aurea côr dos Belgas deſejada,
O páo Brazil, de que o engenhoſo Norte
Coſtuma extrahir côr de toda a ſorte.

L.

Ha de balſamos arvores copadas,
Que por legoas, e legoas ſe dilatão;
Folhas cinzentas, como a murta, obradas,
E em grato aroma os troncos ſe defatão:
Se nelles pelas Luas são ſangradas:
E uſo vario fazendo os que contratão,
Lavrão remedios mil, e obras luſtroſas,
Contas de cheiro, e caixas precioſas.

LI.

A Copaiba em curas applaudida,
Que a Médica Sciencia eſtima tanto,
A Bicuiba no oleo conhecida,
A Almecega, que ſe uſa no quebranto.
A precioſa madeira appetecida,
Que o nome nos merece de Páo ſanto,
O Salſafraz cheiroſo, de que as Praças
Se vem cubertas com formoſas taças.

LII.

Quaes ricas vegetaveis amethyſtas
As agoas do Violete em varia caſta,
O aureo Pequiá com claras viſtas,
Que n'outros lenhos por matiz ſe engaſta:
O vinhatico páo, que quando aviſtas,
Maſſa de ouro parece extenſa, e vaſta;
O duro páo, que ao ferro competira,
O Angelim, Tataipeva, o Supopira.

LIII.

Troncos varios em côr, e qualidade,
Que inteiriças nos fazem as canoas,
Dando a groſſura tal capacidade,
Que andão remos quarenta, e cem peſſoas:
E ha por todo o Brazil em quantidade
Madeiras para fabricas tão boas,
Que trazendo-as ao mar por vaſtos rios,
Póde encher toda a Europa de navios.

LIV.

LIV.

Nutre a vaſta Região raros viventes
Em número ſem conto, e em natureza
Dos noſſos animaes tão differentes,
Que enchem a viſta da maior ſurpreza:
Os que tem mais communs as noſſas gentes,
Ignora eſta porção da redondeza;
O boi, cavallo, a ovelha, a cabra, e o cão;
Mas levados alli ſem conto são.

LV.

Todo o animal he fero alli; levado
Donde tinha o ſeu paſto competente;
Nem era lugar proprio ao noſſo gado,
Que fora o bruto manſo, e fera a gente:
Como entre nós he o Tigre arrebatado,
Cruel a Onça, o Javali fremente,
Feras as Antas são Americanas,
E proprias do Brazil as Suraranas.

LVI.

Vem-ſe Cobras terriveis monſtruoſas,
Que affugentão co'a viſta a gente fraca;
As Giboias, que cingem volumoſas
Na cauda hum touro, quando o dente o ataca:
Voa entre outras com forças horroroſas,
Batendo a aguda cauda a Jararaca,
Com veneno, a quem fere tão preſente,
Que logo em convulsão morrer ſe ſente.

LVII.

LVII.

Entre outros bichos, de que o boſque abunda,
Vê-ſe o eſpelho da gente, que he remiſſa,
No animal torpe de figura immunda,
A que o nome puzemos da Preguiça:
Moſtra no aſpecto a lentidão profunda;
E quando mais ſe bate, e mais ſe atiça,
Conſerva o tardo impulſo por tal modo,
Que em poucos paſſos mette hum dia todo.

LVIII.

Vê-ſe o Camaleão, que não ſe obſerva,
Que tenha, como os mais, por alimento
Ou folha, ou fruto, ou nota carne, ou herva,
Donde a plebe affirmou, que paſta em vento:
Mas ſendo certo, que o ambiente ferva
De infinitos inſectos, por ſuſtento
Creio bem que ſe nutra na Campanha
De quantos delles, reſpirando, apanha.

LIX.

Gyra o Sarehué, como pirata,
Da creação domeſtica inimigo;
A' Canção da Guariba ſempre ingrata
Reſponde o Guaſſinin, que o ſegue amigo:
Da varia caça, que o Caboclo mata,
A Narração por longa não profigo,
Veados, Capivaras, e Coatiás,
Pacas, Teús, Periás, Tatus, Cotias.

LX.

LX.

O mono, que a eſpeſſura habita aſtuto,
De hum ramo n'outro buliçoſo ſalta;
E para não ſe crer que naſceo bruto,
Parece que o fallar ſómente falta:
O riſo imita, e contrafaz o luto;
E a tanto ſobre os mais o inſtincto exalta,
Que onde a eſpecie brutal chegar lhe véda,
Tem arte natural, com que o arremeda.

LXI.

Entre as volateis caças mais mimoſa,
A Zabelé, que os Francolins imita,
He de carne ſuave, e delicioſa,
Que ao Tapuia voraz a gula incita:
Logo a Enha-popé, carne precioſa,
De que a titela mais o goſto irrita,
Pombas verás tambem neſſes paizes,
Que em ſabor fórma, e goſto são perdizes.

LXII.

Juritiz, Pararis, tenras, e gordas,
A Hiraponga no goſto regalada,
As Marrecas, que ao rio enchem as bordas,
As Jacutingas, e a Aracan prezada:
E ſe do lago na ribeira abordas
De Galeirões, e patos habitada,
Verás, correndo as agoas na canoa,
A turba aquatil, que nadando voa.

LXIII.

LXIII.

Negou ás aves do ar a Natureza,
Na maior parte a Muſica harmonía;
Mas compenſa-ſe a viſta na belleza,
Do que póde faltar na melodia:
A penna do Tocano mais ſe preza,
Que feita de ouro fino ſe diria,
Os Guarazes pelo oſtro tão luzidos,
Que parecem de purpura veſtidos.

LXIV.

Vão pelo ar loquazes papagaios,
Como nuvens voando em cópia ingente,
Iguaes na formoſura aos verdes Maios,
Proferindo palavras, como a gente:
Os Periquitos com iguaes enſaios,
O Canindé, qual Iris reluzente;
Mas fallão menos da pronúncia avaras,
Gritando as formoſiſſimas Araras.

LXV.

Como melros são negros os bicudos,
Mais déſtros, e agradaveis no ſeu canto,
Na terra os Sabiás ſempre são mudos;
Mas junto d'agoa tem a voz, que he encanto:
Os Coleirinhos no entoar agudos,
As Patatibas, que o ſaudoſo pranto
Imitão, requebrando com ſons varios,
Os Colibres, e harmonicos Canarios.

LXVI.

LXVI.

Das eſpecies maritimas de preço
Temos perolas netas precioſas,
Nem melhores aljofares conheço,
Que os das oſtras Brazilicas famoſas:
Ambar Griz do melhor, mais denſo, e eſpeſſo,
Nas coſtas do Ceará ſe vê eſpaçoſas,
Madres-perolas, conchas delicadas,
Humas parecem de ouro, outras prateadas.

LXVII.

Piſcoſo o mar de peixes mais mimoſos,
Entre nós conhecidos rico abunda,
Linguados, Saveis, Meros precioſos,
A Agulha, de que o mar todo ſe inunda:
Robalos, Salmonetes delicioſos,
O Xerne, o Voador, que n'agoa affunda,
Peſçadas, Gallo, Arraias, e Tainhas,
Carapáos, Encharrocos, e Sardinhas.

LXVIII.

Outros peixes, que proprios são do clima,
Berupirás, Vermelhos, e o Garopa,
Pampanos, Corimás, que o vulgo eſtima,
Os Dourados, que préza a noſſa Europa:
Carepebas, Parus, nem deſeſtima
A grande cópia, que nos mares topa,
A multidão vulgar do Chareo vaſto,
Que ás pobres gentes ſubminiſtra o paſto.

LXIX.

LXIX.

De Junho a Outubro para o mar se alarga,
Qual gigante maritimo a Balêa,
Que palmos vinte seis conta de larga,
Setenta de comprido, horrenda, e feia:
Opprime as agoas com a horrivel carga,
E de oleosa gordura em roda cheia,
Convida o pescador, que ao mar se deite,
Por fazer, derretendo-a, util azeite.

LXX.

Tem por espinhas ossos desmarcados,
O ferro as duras pélles representão,
Donde pendem mil busios apegados,
Que de quanto lhe chupão se sustentão:
Não parecem da fronte separados
Os vastos córpos, que na arêa assentão,
Entre os olhos medonhos se ergue a tromba,
Que ondas vomita, como aquatil bomba.

LXXI.

Na boca horrivel, como vasta gruta,
Doze palmos comprida a lingua pende,
Sem dentes; mas da boca immensa, e bruta
Barbatanas quarenta ao longo estende:
Com ellas para o estomago transmuta,
Quanto por alimento n'agoa prende,
O peixe, ou talvez carne, e do elemento
A tez immunda, que lhe dá sustento.

LXXII.

Duas azas nos hombros tem por braços,
Que aos lados vinte palmos se diffundem,
Com aza, e cauda os liquidos espaços
Batendo remão, quando o mar confundem:
E excitando no pélago fracaços,
Chorros d'agoa nas náos de longe infundem;
E andando o monstro sobre o mar boiante,
Crê que he Ilha o inexperto navegante.

LXXIII.

Brilha o materno amor no monstro horrendo,
Que, vendo prevenida a gente armada,
Matar se deixa n'agoa combatendo,
Por dar fuga, morrendo, á prole amada:
Onde no filho o arpão cação mettendo,
Com que attrahindo a mái dentro á Enseada,
Desde a longa canoa se alancêa,
Ao lado de seus filhos a balêa.

LXXIV.

Sobre a costa o marisco appetecido
No arrecife se colhe, e nas ribeiras
As Lagostas, e o Polvo retorcido,
Os Lagostins, Santólas, Sapateiras:
Ostras famosas, Camarão crescido,
Caranguejos tambem de mil maneiras,
Por entre os Mangues, donde o tino perde
A humana vista em labyrintho verde.

Tro-

(1) *Troféo.* Allude-se á Imagem de Catharina Alvres, pintada sobre a casa da polvora na Bahia.

(2) *Bolandeiras*, e *Tapitis.* Instrumentos, com que se fabrica a farinha de Mandioca. Puba (ou fubá) he a flor da mesma farinha.

CANTO VIII.

I.

Tres vezes tinha o Sol no gyro obliquo
A carreira dos Tropicos voltado,
E tres de Europa pelo Clima aprico,
Tinha as plantas o Abril reſuſcitado:
Depois que do Brazil ſe tinha rico,
A' França o nobre Diogo tranſportado,
Buſcando nas viagens meio, e lume,
Com que reforme o barbaro coſtume.

II.

Mas da miſera gente na lembrança,
Que lhe excita da Eſpoſa a cara imagem,
Meditava deixar a amiga França,
Repetindo a Brazilica viagem:
Na generoſa empreza não deſcança
De inſtruir a rudeza do ſalvagem,
E cuida com razão que he humanidade,
Amanſar-lhe a cruel barbaridade.

III.

III.

Em quanto não, e embarque negocea,
Do amigo Du-Pleſſis ſolicitado,
Foi-lhe do Rei Francez propoſta a idéa,
De erguer as Lizes no paiz buſcado:
Terás (lhe diſſe, e he facil que ſe crea,
Que lho dizia do ſeu Rei mandado,)
Terás da França auxilio, e Tropa immenſa,
E maior que o ſerviço a recompenſa.

IV.

Que ſe o empenho te occupa generoſo
De amanſar do Gentio a mente impía,
Trazendo a França hum povo numeroſo,
Melhor ſe amanſará na companhia:
Que engano fora a Europa pernicioſo,
Quando Colonias derramando envia,
Extinguir ſem remedio a infeliz gente,
E deſpovoar-ſe com a Tropa auſente.

V.

Deſta arte Roma o Imperio ſeu fazia,
Que as Colonias pelo Orbe derramando,
Do paiz conquiſtado outras unia,
Com que hia a falta propria reparando:
N'hum ſeculo, que o barbaro vivia,
Na grá Roma Romano hia ficando,
E neſte arbitrio de penſar profundo,
Foi Mundo Roma, e foi Romano o Mundo.

VI.

VI.

Eſte meio por tanto eu te ſuggiro, (1)
Que ſe a tua prudencia hoje executa,
Verás em pouco tempo, como aſpiro,
Franceza pelo trato a gente bruta:
Vive ſempre brutal no ſeu retiro,
Quem ninguem communica, e nada eſcuta,
Nem o Salvagem tiráras da toca,
Se outro paiz não trata, e o ſeu não troca.

VII.

E em tanto que o terreno noſſo habita,
Tranſmigrada a infeliz Gentilidade,
A gente, que perdemos infinita,
Supprirá com commua utilidade:
Aſſim a Agricultura mais ſe excita,
Creſce a plebe no campo, e na Cidade,
E a turba inerte, que corrompe a terra,
Ou ſe deixa emendada, ou ſe deſterra.

VIII.

Diſſe o Francez prudente, e o nobre Diogo,
Leal á amada Patria reſpondendo,
Sábio projecto dás (replicou logo)
Sobre a população; nada o contendo:
Mas não poſſo convir no expoſto rógo,
Sendo fiel ao Rei, Portuguez ſendo,
Quando o Luſo Monarca julgo certo
Senhor de quanto deixa deſcuberto.

IX.

IX.

Vivendo ex lege hum povo na Anarquia,
Tem direito o vizinho a ſujeitallo,
Que a Natureza meſma inſpiraria,
Ao que foſſe mais proximo a amanſallo:
Deixo que o Ceo parece que o queria, (2)
Dando a Cabral o inſtinto de buſcallo,
E o ſer em caſo tal commum conceito,
Que quem primeiro o occupa, tem direito.

X.

E ſem que offenda a França a minha eſcuſa,
He bem que eſta conquiſta a Liſia faça;
Mas em quanto a Bahia o não recuſa,
Ser-vos-ha no commercio a melhor praça:
Cópia de drogas achareis profuſa,
E o lenho precioſo alli de graça;
E durando eu na Patria obediencia,
Serei Francez na obrigação, e agencia.

XI.

Admirou Du-Pleſſis no peito nobre
O generoſo ardor, e o patrio zelo,
Que a illuſtre condição no obrar deſcobre,
Novo motivo para mais querello:
Sem mais receio que o contrario elle obre,
Na nova expedição quer ſocio tello;
Mas antes de embarcar-ſe o heróe prudente,
Aviſa o Luſo Rei da empreza ingente.

XII.

XII.

Já pelo falſo Oceano navega
A França náo, e o Cabo ſe diviſa,
Donde á Europa no Occaſo ao termo chega,
Tido do antigo nauta por baliſa:
A terra alli ſe vê, que o Minho rega,
Correndo a coſta da feliz Galiſa;
E o rumo então ſeguindo do Occidente,
Ao meio dia ſe navega ardente.

XIII.

Não longe do Equador o mar cortava,
Quando Paraguaçú, já Catharina,
Como era ſeu coſtume, attenta orava,
Implorando o favor da Mão Divina:
E eis-que a viſta da turba, que a obſervava,
Em quanto adora a Mageſtade Trina,
Em ſomno fica ſuſpendida, e abſorta,
E algum cuida que dorme, outro q̃ he morta.

XIV.

Brilha no aſpecto hum ar do affecto interno;
Mas em funda abſtracção com doce calma,
Bem ſe lhe vê pelo ſemblante externo,
Que occupa em grande objecto a feliz alma.
Vê-ſe nella arraiar do lume eterno,
Que no Ceo goza, quem já logra a palma,
Admiravel vislumbre, que ſuſpende,
E infunde hũ pio affecto em quem o attende.

XV.

Assim por longas horas abstrahida
Deixava o caro esposo na anxiedade,
Se era somno, em que estava suspendida,
Se era effeito de cruel enfermidade:
Ora suspeita que perigue a vida,
Ora na Celestial tranquillidade
Crê que do claro Empyreo habitadora,
Immortal sobre o Ceo reinando mora.

XVI.

Até que a si tornada docemente,
Corre a turba co'a vista em grato gyro;
E como quem esta aura ingrata sente,
Rompe os longos silencios n'hum suspiro:
Oh doce, (disse) oh Patria permanente!
Que escuro este ar parece, que respiro!
Feliz quem contemplando o Ceo formoso;
Vive no seio do celeste esposo!

XVII.

Pasmado Diogo, e a multidão, que a ouvia,
Calão todos no assombro de admirados,
Nem já duvidão que visão seria,
Em que ouvira os mysterios revelados:
Quando occultos segredos Deos confia,
Não devem ser (diz Diogo) propalados;
Mas se em parte, como este, he manifesto,
Temerario não sou, se inquiro o resto.

XVIII.

XVIII.

Narra-nos, feliz alma, a visão bella,
Quem ſabe ſe por ti nos manda aviſo
A Providencia, que ao governo véla,
Do mortal nos ſeus fins ſempre indeciſo:
Não nos cales em tanto o que revela
Por noſſo lume, o excelſo Paraiſo,
E a noſſos rogos com memoria prompta,
Dizendo quanto viſte, tudo conta.

XIX.

Calárão todos com ouvido attento,
Pendendo da expreſsão de Catharina;
E tomando na poppa em roda aſſento,
Dão-lho ſobre hũ canhão, q̃ ao bordo inclina:
Mandais-me (a Dama diſſe) que o portento
Haja de expôr-vos da impreſsão divina:
Quem poderá contar couſa tão alta,
Quando o lume ceſſou, a ſciencia falta?

XX.

Nem inculco em meu ſonho hum ſacro inſtinto,
Que tudo fingir póde a fantaſia;
Porque a imagem talvez que n'alma pinto,
Por força natural ſe fingiria:
Póde ſer, ſe preſagà a idéa ſinto,
Que ſem extraordinaria profecia,
Anteveja o ſucceſſo, o tempo, e o praſo,
E depois não ſucceda, ou ſeja acaſo.

XXI.

Vi, não sei s'era impulso imaginario,
Hum globo de diamante claro, e immenso;
E nos seus fundos figurar-se vario
Hum Paiz opulento, rico, e extenso:
E applicando o cuidado necessario,
Em nada do meu proprio o differenço;
Era o aureo Brazil tão vasto, e fundo,
Que parecia no diamante hum Mundo.

XXII.

Fixo os olhos attenta no estupendo
Milagroso espectaculo, que via,
E em tres legoas de boca vi correndo
Por doze de diametro a Bahia.
Seis rios pelo golfo discorrendo,
Engenhos, povoações, que descubria,
Erão como ornamentos da Cidade,
De que se ergue no plano a Magestade.

XXIII.

Parecia em seis bairros dividida,
Com duas Praças de extensão formosa;
Fortaleza alli vi na barra erguida,
Outra a parte de terra magestosa:
A enseada por oito defendida,
E outra em Taparica poderosa;
Duas casas de polvora, e na entrada
Vi-me a mim de huma dellas retratada.

XXIV.

XXIV.

Dentro a hum Templo magnífico se via
De seus Prelados turma numerosa,
De que hum ás mãos dos barbaros morria,
Outro a espada cingia valerosa:
Muitos de alta virtude os matos via,
Com caridade discorrer zelosa, (to,
Sem poupar têpo, estudo, ou vida, ou gas-
Por propagar a Fé no Sertão vasto.

XXV.

No grão palacio em tintas retratados
Os que o governo do Brazil tiverão,
Os Sousas na Bahia decantados,
Os nobres Costas, que depois vierão:
Mas entre outros na guerra celebrados,
Por troféos, que vencendo merecêrão,
Mendo de Sá de glorioſa fama,
Que Pai da Patria no Brazil se acclama.

XXVI.

Deste era prole o intrepido Fernando,
Que alli vi fulminando a forte espada;
E contra a feroz gente peleijando,
Deixou a morte com valor vingada:
Mas da Bahia os olhos levantando,
Vi discorrer no mar potente Armada,
Que as Ilhas occupando, e a vasta terra,
Movia no Brazil funesta guerra.

XXVII.

XXVII.

Parecia-me a frota bellicoſa
Franceza gente, que o Brazil tentava,
Pedro Lopes de Souſa em furioſa
Naval batalha o mar lhe conteſtava:
N'outra acção com Eſquadra numeroſa
Luiz de Mello e Silva peleijava;
Chriſtovão Jaques, que eſte mar corria,
Dous navios lhe affunda na Bahia.

XXVIII.

Era de França ſim a adverſa gente;
Mas por culto inimigo ao Rei contraria,
E ao rito Calviniſtico adherente,
Enviava ao Brazil Tropa adverſaria:
E protegida da facção potente
Com as forças, e Armada neceſſaria,
Querião para a infanda ceremonia
Fabricar a Calvino huma Colonia.

XXIX.

Cavalheiro de Malta, e Franco nobre
Era Villagalhon de forte peito,
Soldado antigo, que o valor deſcobre,
E entre os Hugnotes do maior reſpeito:
De mil promeſſas o Partido cobre,
Havendo-o a empreza do Brazil eleito;
E abonada de hum Chefe de eſperança,
Dá-lhe a mão a Hereſia em toda a França.

XXX.

XXX.

Eſte vi navegando a Cabo-Frio,
Seguido de outras náos na forte empreza;
E que tratando affavel co' Gentio,
Explorava do ſitio a natureza:
Moſtrava aos naturaes animo pio;
E arguindo-lho a gente Portugueza,
Induz a Nação bruta a que lhe aſſiſta
Na empreza do commercio, e da conquiſta.

XXXI.

Voltou a França o Cabo diligente,
Tendo de ricas drogas carregado;
E convocando ás náos armada gente,
Torna de turba ingente acompanhado:
Nem tarda do Sertão cópia potente
De hum povo, que nas armas alliado,
Por amigo eſtimava mais ſincero,
Menos inculto ſim, porém mais fero.

XXXII.

Alli Villagalhon, que o troço aloja,
A's gentes do Sertão ſe confedera;
E toda a coſta a dominar ſe arroja,
De donde os noſſos expulſar já eſpera:
Do ſeu commercio o Portuguez deſpoja,
Na fertil Paraíba, em que util era;
Nem ha na coſta do Brazil enſeada,
Que o Hugonote não tenha bloqueada.

XXXIII.

XXXIII.

Mendo de Sá, que adverte no perigo,
Tres náos, que em guerra cuidadoſo armára,
Com oito de commercio tem comſigo,
Além das que em ſoccorro convocára:
E por ter força igual ás do inimigo,
Sobre longas canoas, que ajuntára,
Guia contra os Tamoios prepotentes
Do bravo Carijó turmas valentes.

XXXIV.

Nbigbe-teroi ſe chama a vaſta enſeada,
Que eſtreita boca, como barra encerra,
Fechando em vaſto porto á grande Armada
Hum lago, que em redondo cinge a terra:
Vê-ſe Ilha penhaſcoſa ſobre a entrada,
Com fortaleza, que diſpoſta em guerra,
Por boca dos canhões rumor fazendo,
Fechava a barra ao valeroſo Mendo.

XXXV.

Era a Ilha de róchas guarnecida,
Que em torno tem por natural muralha,
Donde a força das balas rebatida,
Faz inutil dos Luſos a batalha:
Tres dias foi dos noſſos combatida,
Sem que o fogo inceſſante aos noſſos valha,
Até que fatigado o invicto Mendo,
Invade á eſcala viſta o forte horrendo.

XXXVI.

XXXVI.

Entre fréchas, e balas deſtemido
Na penha o Portuguez trepando falta;
E deixando o Francez eſmorecido,
Degolla, mata, fere, invade, e aſſalta:
Nem do antigo valor cede eſquecido
O Francez animoſo, até que falta
De ſangue a brava gente na contenda,
Faz a perda, e canſaço que a Ilha renda.

XXXVII.

Nem mais demora teve o invicto Mendo
Ao ver a gente adverſa diſſipada,
E a excelſa fortaleza desfazendo,
A coſta viſitou na forte Armada:
E tudo ao nome ſeu ſujeito havendo,
A' Bahia tornou, que illuminada
Entre o ſom do clarim, e alegre trompa,
Em triunfo a Mendo recebeo com pompa.

XXXVIII.

Mas a facção do Hugnote enfurecida
Villagalhon potente ao Brazil manda,
Que a Ilha recobrando já perdida,
Guerra intenta fazer por toda a banda:
Vê-ſe a noſſa Marinha combatida,
E a forte Eſquadra, q̃ o Francez commanda,
Dominante no Oceano por modo,
Que impedia o commercio ao Brazil todo.

XXXIX.

XXXIX.

Mais não tolera a Luſa Monarquia,
Que ao Rei Chriſtianiſſimo adherente,
Contra a rebelde heretica porfia,
Armada põe na America potente:
Chefe Eſtacio de Sá prudente envia,
De válidos galeões com forte gente,
Que o Herege expulſando da enſeada,
Deixe nova Cidade alli fundada.

XL.

Obſequioſo abraçava o claro Mendo
O valeroſo Chefe ſeu conjunto,
As forças da Bahia unido tendo
As que trouxera ſobre o meſmo aſſumpto:
Contra os esforços do Tamoio horrendo
Accommette o rebelde em liga junto,
Incorporando á Armada Luſitana
Vaſto eſquadrão da turba Americana.

XLI.

Chama-ſe Páo de aſſucar o penedo,
Em pyramide ás nuvens levantado,
Onde de hum ſalto tinha já ſem medo
A turba militar deſembarcado:
Nadava pelo mar vaſto arvoredo
Do Gentio em canoas habitado;
E do ardente Francez luzida Tropa,
Que habil n'arte de guerra fez a Europa.

XLII.

XLII.

Deſtes o Luſo campo accommettido
De dardos, fréchas, balas ſe embaraça,
Em ſombra o ſeio todo eſcurecido,
As náos occultão nuvens de fumaça:
E ao echo dos canhões entre o ruido,
Tudo eſtá cego, e ſurdo em campo, e praça;
E no horrivel relampago das peças
Cahem por terra os buſtos ſem cabeças.

XLIII.

Voáo as náos de chammas occupadas,
Enchendo a enſeada do infernal eſtrondo,
As canoas dos noſſos abordadas,
E os galeões, que em linha ſe vão pondo:
Os golpes, que retinem das eſpadas,
O golfo, que arde em chammas em redondo,
Erão na terra, e mar em ſangue tinto
Hum abyſmo, hũ inferno, hum labyrintho.

XLIV.

Depois que largo tempo em Marcio jogo
Dura a batalha com commum perigo,
Ceſſando o impulſo do contrario fogo,
Todo o eſtrago apparece do inimigo:
Tinha cedido da contenda logo
Receoſo o Tamoio do caſtigo;
E os Francezes, que as náos mal ſuſtentavão,
Entre as penhas o aſylo procuravão.

XLV.

XLV.

Não ceſſa o bravo Sá contra o Gentio,
E a forte tropa pelo mato avança;
Porque abatendo o orgulho, e inſano brio,
Se apartaſſe o Sertão da infame alliança:
Nem receia o Tamoio o deſafio,
Tendo no ſeu valor tanta confiança,
Que fugindo da aldea ao mato, e gruta,
A liberdade ao Portuguez diſputa.

XLVI.

Era aſpero o combate, e lenta a guerra,
E ſem effeito o aſſedio ao Francez poſto;
E o barbaro, embrenhado dentro a terra,
Tinha emboſcada ao Portuguez diſpoſto:
Mendo, que n'alma o grão cuidado encerra,
Tendo de Eſtacio ſoccorrer propoſto,
Faz levas, buſca náos, e a gente incita,
E em auxilio dos ſeus partir medita.

XLVII.

Já dobra o frio Cabo a eſquadra ingente,
E á viſta do penhaſco lança a amarra,
Paſma o rebelde, vendo a Armada á frente
Occupar numeroſa a eſtreita barra:
Une-ſe a frota alli da Luſa gente,
E os mutuos caſos vanglorioſo narra,
Irmão a irmão, e o filho ao Pai, feſtivo
Por ter chegado são, e achallo vivo.

XLVIII.

XLVIII.

Chega aos braços de Eſtacio o forte Mendo;
E por feſtiva ſalva eſtrepitoſa,
Faz que vomite o bronze o fogo horrendo,
Contra a Ilha, que aviſtão penhaſcoſa:
E largamente conſultado havendo
Os dous Chefes da empreza glorioſa,
Contra o penedo tentão no mais alto,
A peito deſcuberto, hum fero aſſalto.

XLIX.

Vem-ſe entre as penhas formidaveis bocas
De canhões, e moſquetes trovejando;
E nas quebradas eſpantoſas rocas
Do barbaro Tamoio o immenſo bando:
Muitos alli das aſperas barrocas
Vão os noſſos fuzis precipitando,
Outros da rota penha em meio ás gretas,
Cubrião contra nós todo o ar de ſettas.

L.

Não ceſſava o rebelde bellicoſo
Com vivo fogo o aſſalto rebatendo,
Em quanto ſobe o Luſo valeroſo,
Trepando em furia no penedo horrendo:
Quem no meio do impulſo impetuoſo,
Cahe na ruina o proximo involvendo,
Quem ferido da frécha, ou veloz bala,
Do mais alto da penha ao mar reſvala.

LI.

LI.

Todo o penhaſco em fogo ſe fundia,
Em quanto o mar em roda em châmas ferve,
Entre o fracaço, e fumo que ſahia,
De nada o ouvido vale, e a viſta ſerve:
A terra toda em roda eſtremecia;
E ſem que a agoa do incendio ſe preſerve,
Parecia ferver do fogo inſano,
Eſcondendo a cabeça o Padre Oceano.

LII.

Qual do Veſuvio a boca pavoroſa,
Quando rios de fogo ao mar derrama,
Arroja ao ar com furia impetuoſa
Parte do vaſto monte involta em chamma:
A cinza cobre o Ceo caliginoſa,
Muge o chão, treme a terra, o pégo brama,
E o mortal eſpantado, e tremebundo,
Crê q̃ o Ceo caia, e que ſe funda o Mundo.

LIII.

Tal de Villagalhon na penha dura,
Do horrifico trovão freme a tormenta,
E a châma entre a fumaça horrenda, e eſcura
Do infernal lago as furnas repreſenta:
Porém do proprio fumo na eſpeſſura
A pontaria, que o rebelde intenta,
Evita o Portuguez, que ataca incerto
A eſcala viſta, e a peito deſcuberto.

LIV.

LIV.

E já no grão penedo tremolavão
Ás Luſas Quinas pelo forte Eſtacio,
E as Liſes do penhaſco ſe arrancavão,
Donde a Villagalhon ſe ergue hum palacio:
Pela roca os Tamoios ſe arrojavão,
E o valor Luſo dando inveja ao Lacio,
A guarnição Franceza inveſte á eſpada,
E obriga em duro choque á retirada.

LV.

O valente Francez, que a bellica arte
Já com valor na Europa profeſsára,
O peito á fuga oppõe por toda a parte,
E faz que volte o fugitivo a cara:
E vendo Eſtacio ſó junto ao Eſtandarte,
Que por Chefe dos Luſos ſe declara,
Cuida de hum golpe terminar a empreza
No General da gente Portugueza.

LVI.

Não desfalece o Capitão valente;
E de hum, e de outro lado accommettido,
Rebate as balas ſobre o eſcudo ingente,
E arroja-ſe ao rebelde enfurecido:
Lebrun deſpoja do moſquete ardente,
Com que muitos de hum golpe tem ferído,
Outros do ingreme poſto ao mar deſpenha,
E alguns expulſa da ſoberba penha.

LVII.

LVII.

E já fugia a timida caterva,
Quando Rochefocó, que a pugna íguala,
Donde a viſeira deſcuberta obſerva,
Lhe aponta deſde longe ardente bala.
Cahindo o heróe na eſpada, que conſerva,
Adora humilde a Cruz, e perde a falla:
Banha-ſe em ſangue o cháo, e em tanta gloria
Regada a terra produzio victoria.

LVIII.

Porque em quanto em ſeguillo divertido,
Abandona o Francez a fortaleza,
Tinha parte do Exercito ſubido,
A dar fim com victoria á forte empreza:
Admira Mendo o braço eſclarecido;
E bem que do ſobrinho o valor preza,
No juvenil ardor notou magoado
O tomar Chefe as partes de ſoldado.

LIX.

A Patria (o nobre Sá diz lagrimando)
Victima irás da fé, da liberdade,
Vigor no ſangue heróico á terra dando,
Donde ſe erga immortal nova Cidade:
O caſo acerbo aos poſteros contando
Tenhão ſeus Cidadãos da heroicidade
Clara lição no Fundador primeiro,
Gloria eterna do Rio de Janeiro.

LX.

LX.

Tal nome deo á enſeada no recordo
Do mez, que illuſtre foi por caſo tanto,
E á Cidade deixou com juſto acordo
A clara invocação de hum Martyr Santo:
E havendo as Tropas recolhido a bórdo,
Deſcançadas do bellico quebranto,
Faz immortaes no tempo tranſitorio
Os Correas, e Sás no novo emporio.

LXI.

Em tanto do Tamoio a gente bruta,
Mais feroz ſempre na Marcial contenda,
Contra a nova Cidade em fera luta,
Movia guerra pelo mar tremenda:
Mas Mendo para a barbara diſputa
Faz que hum Chefe Tapuia o mar defenda,
Ararigboia aos ſeus nomea a fama,
Martim Affonſo por Chriſtão ſe chama.

LXII.

Principe foi nas Tabas reſpeitado,
Que ao nome Portuguez na guerra addicto,
Tinha com Mendo os ſeus capitaneado,
Sempre contra o Tamoio em campo invicto:
Quatro guerreiras náos tinha avançado
O rebelde, depois do grão conflicto,
E em oito lanchas Ararig buſcando,
Do Cabo Frio a ponta hião dobrando.

LXIII.

Saltão da noite no ſilencio eſcuro
As bellicoſas mangas guarnecidas,
De immenſas chuſmas do Tamoio duro,
Que obrar devião na campanha unidas:
E em quanto tem o campo por ſeguro,
Jazião pelas praias eſtendidas,
Para inveſtir co'a luz, que já arraiava,
A aldea de Ararig, que os eſperava.

LXIV.

Mas o bravo Tapuia bellicoſo
Antevendo o deſcuido do inimigo,
Buſca o manto da noite inſidioſo,
Para inveſtillos no nocturno abrigo:
Convoca os ſeus guerreiros animoſo;
E ſem dizer-lhes mais do ſeu perigo,
Depois q̃ hum breve eſpaço os olhou mudo,
Diſſe cheio de ardor, batendo o eſcudo.

LXV.

Sú, valeroſa, intrepida caterva;
Que eſperamos no noſſo alojamento?
Acaſo até que o campo em chuſma ferva,
E nos buſque o Francez no proprio aſſento?
Sei por eſpia, que o ſeu campo obſerva,
Que dorme ſobre as praias deſattento;
Onde ſe o ſurprendermos de improviſo,
Sentirão todo o damno antes do aviſo.

LXVI.

LXVI.

Baſta que em marcha procedais quieta,
E que invadindo a turba deſcuidada,
Não cuideis de empregar a bala, ou ſetta,
Mas que tudo leveis á pura eſpada:
E quando o vaſto campo ſe accommetta,
Deixando-lhe ás canoas livre entrada,
Antes que o ferro vibre os ſeus revezes,
Deſarmai, ſe puderdes, os Francezes.

LXVII.

Chamão corpo da guarda, onde o ſoldado
Coſtuma pôr as armas nas vigias;
Alli correi com impeto apreſſado,
Seguindo o paſſo ſempre das eſpias:
Que nada o Francez póde deſarmado,
E ſem as chammas que derrama impías,
Ficará deſde o impeto primeiro
Nas mãos da noſſa Tropa prizioneiro.

LXVIII.

Diſſe o aſtuto Ararig, e a lento paſſo
Cada hum pela brenha vai diſperſo,
Devendo a dado tempo, e a certo eſpaço
Qualquer unir-ſe em batalhão diverſo:
E achando em ſomno deſcuidado, e laſſo,
Sem ſentinellas ter, o campo adverſo,
Hum a hum, pé ante pé, em marcha tarda,
Aſſaltão juntos a ſopita guarda.

LXIX.

Juntas as armas de improviſo apanhão,
Matando as guardas meio adormecidas;
E depois que a armaria toda ganhão,
Quantos as vem buſcar perdem as vidas:
O ſomno com as mortes acompanhão;
E outros vendo ſem armas as partidas,
Porque a cauſa não ſabem do tumulto,
Buſcão as lanchas, por fugir do inſulto.

LXX.

Ararigboia, como hum raio ardente,
Huns dormindo degolla pela arêa,
Outros ſem armas, que rendidos ſente,
Prizioneiros com cordas encadea:
A fiel Tropa pela praia ingente
Toda deixa a campanha de horror chea,
Cubrindo de cadaveres o plano,
Alagado co'a eſpada em ſangue humano.

LXXI.

E já nos Ceos riſonha apparecia
A Eſtrella d'alva as trévas apartando,
E com tremula luz o incerto dia,
No extremo do Horizonte hia arraiando:
Quando o eſtrago da noite apparecia,
E prezo, ou morto o Franco demoſtrando,
Nem as lanchas ſe ſalvão, que a vaſante
Em ſeco as poz na mão do triunfante.

LXXII.

LXXII.

Não ceſſava Martim contra a eſpantada
Multidão de Tamoios, que ſe embrenha;
E deixando-lhe a aldea derribada,
Não ſe lhe eſconde algũ no mato, ou brenha:
Muitos no Averno lança com a eſpada,
Fugindo outros ao mar n'agoa deſpenha,
Nem fulminando a maſſa a algum perdoa,
Occulto na cabana, ou na canoa.

LXXIII.

Fez eſte marte do Brazil conſtante
A' Nação dos Tamoios tanta guerra,
Que elle ſó com a eſpada fulminante
Lhe extingue o nome, e deſpovoa a terra:
Mais não ouſa o rebelde mariante,
Em quanto Ararigboia no campo erra,
Deſembarcar na coſta, ſem que o bravo
O deixe cõbatendo, ou morto, ou eſcravo.

LXXIV.

Vi que do excelſo throno vinha em tanto
Huma Auguſta donzella adormecida,
De quem brilhava ſobre o aſpecto ſanto
A piedade, a abundancia, a ſciencia, a vida:
Do ſeio derramava do aureo manto
A opulencia no mundo appetecida;
E logo que foi viſta ſobre a terra,
Submergio-ſe no Averno a infauſta guerra.

LXXV.

LXXV.

Era a Divina paz, que o Ceo nos manda,
Premio de hum ſceptro, que da fé zelante
Propaga o ſanto culto, onde commanda,
E as Leis defende da Juſtiça amante:
Sem os eſtragos de huma guerra infanda
Gozará o Brazil de paz conſtante,
Por ſetenta annos de hum governo juſto,
Tendo tranquilla a terra, e o mar ſem ſuſto.

LXXVI.

Nem mais a eſpada, e bomba pavoroſa
Se ouvirá na Marinha, e Sertão vaſto,
A voz ſó do Evangelho poderoſa,
Simples, ſem artificio, induſtria, ou faſto:
A ſemifera gente vicioſa
No jugo conterá de hum temor caſto;
E ás mãos dos ſeus Apoſtolos ſe aviſta,
Com as armas da Cruz feita a conquiſta.

LXXVII.

Mas vi em tanto o Luſitano Imperio
Na Libya ardente em ſangue ſubmergido,
E o ſeu dominio no Indico hemiſferio
Do Batavo nas agoas invadido:
E ou por deſcuido do governo Heſperio,
Ou de mil contra-tempos combatido,
Cedeo no vaſto mar por toda a banda
O Imperio do Brazil á fria Hollanda.

LXXVIII.

LXXVIII.

Dezeſeis longos ſeculos contando,
Com annos vinte quatro a vulgar Era,
Vi a Batava eſquadra o mar ſurcando,
Onde Wilhekens General modera:
Petre Petrid os mares aſſombrando,
Por Almirante aos nauticos ſe dera,
Poder que á India navegar fingia,
E contra a expectação veio a Bahia.

LXXIX.

A fronte deſcubri da excelſa Praça,
As armas governando o bom Furtado,
Que antevendo os effeitos da deſgraça,
Tudo diſpunha com valor fruſtrado:
Convoca quanto encontra, e tudo abraça
Por oppôr-ſe ao perigo ameaçado;
Mas diſſipa-ſe a gente ſem batalha,
Por faltar não valor, mas vitualha.

LXXX.

Diſpunha aſſim o Batavo experiente,
Antevendo que a turba mal unida,
Sem cauta providencia que a ſuſtente,
Esfriando no ardor toma a fugida:
E vendo a multidão menos frequente,
E a plebe na tardança eſmorecida,
Quando menos o eſpera a chuſma fraca,
Occupando hum caſtello, o povo ataca.

LXXXI.

LXXXI.

Ruiter, e Duchs com legião potente
A porta invadem de S. Bento em furia;
Mas rebatidos de impreſsão valente,
Ceſsão, fugindo da intentada injúria:
Mas tão funeſto horror concebe a gente,
Que a guerra ignora com profunda incuria,
Que quando faz que Ruiter não ſe arroje,
Deixa o terreno, e do vencido foge.

LXXXII.

Furtado de Mendoça, que não víra
Já mais do medo vil a fronte eſcura,
Com ſeſenta ſómente a face víra,
E ſem mais que o ſeu peito a praça mura:
O amor da Patria, que o furor lhe inſpira,
Faz que da vida, deſprezando a cura,
Se arroje o Luſo ao Batavo, que o inunda,
E hum fira, hũ deſpedace, outro confunda.

LXXXIII.

Mas vendo na manhá, que o Ceo deſcobre
A Cidade do povo abandonada,
Nem mais que o peito de Furtado nobre
Com poucos dos ſeſenta na eſplanada:
Teme que n'hum ſó peito o valor ſóbre,
E que deixando a empreza retardada,
Soccorro venha, donde bom partido
Ao bravo Chefe ſe offerecco rendido.

LXXXIV.

LXXXIV.

Não tarda a fama a divulgar voando
Da Capital Brazilica o ſucceſſo,
Em quanto o Belga, q̃ lhe occupa o mando,
Recolhe da victoria o immenſo preço:
Treme em Madrid o throno, receando
Que o Belgico Leão, com tanto exceſſo,
Proſtre o de Heſpanha, e como o vulgo narra,
No Mexico, e Perú lhe imprima a garra.

LXXXV.

Cobre-ſe o mar de Eſquadras numeroſas,
Move-ſe a Luſa, e Hiſpana Fidalguia,
Vão-ſe embarcando legiões famoſas,
Todo em nautica chuſma o mar fervia:
Fadrique as náos Hiſpanas poderoſas,
Menezes as de Liſia prevenia,
Vendo-ſe terra, e mar no caſo incerto,
De petrechos, canhões, e armas cuberto.

LXXXVI.

Já pela barra entrava da Bahia,
Com ſeſſenta e ſeis náos ſoberba a Armada,
Doze mil homens de alta valentia
Occupavão ſobre ellas a enſeada:
De tanto nome em militar porfia,
Que a guarnição da Praça de aſſombrada,
Bem que finja valor neſta Conquiſta,
Antes que ao ferro ſe lhe abate á viſta.

LXXXVII.

LXXXVII.

Diſpõe-ſe em meia lua a Armada inteira,
Cerrando a fuga ao Belga eſmorecido,
Occupa o forte exercito a ribeira
Em dous quarteis aos lados dividido:
Mas o Batavo Quif na acção primeira,
Tendo o campo a Fadrique accommettido,
Com fortida deixou no ardor inſana
Suſpenſa a Luſa gente, e rota a Hiſpana.

LXXXVIII.

Cheio o Belga de orgulho na acção brava,
Porque mais prove pela Patria o zelo,
Contra a Eſquadra, que os muros varejava,
Em dous baixeis arroja hum mongibelo:
Crê que he fuga o Menezes, que obſervava,
E move toda a Eſquadra ſem prevello,
E parece que Deos o impulſo inſpira,
Com que do occulto incendio as náos retira.

LXXXIX.

Hum gyro a Lua fez na azul eſfera,
Em quanto os Belgas de valor já faltos,
Ceder diſpunhão na contenda fera
Ao furor inceſſante dos aſſaltos:
E quando mais ſoccorro não ſe eſpera,
Vendo que os mares ſe empollavão altos,
Cede o Batavo humilde ao Luſo Hiſpano
A Capital do Imperio Americano.

XC.

XC.

Fallando proſeguia Catharina,
Tendo a aſſemblea no diſcurſo attenta,
Quando com furia o bordo ao mar inclina
A náo, batida de horrida tormenta:
Tudo á manobra o Capitão deſtina;
E vendo que onda horrivel ſe apreſenta,
Lança-ſe o marinheiro á véla em preſſa,
Acode Diogo, e Catharina ceſſa.

(1) *Este meio.* Projecto admiravel de fazer uteis as Conquistas á população das Nações que as fazem, pois he certo que com esta politica se formou, e creſceo a antiga Républica de Roma.

(2) Note-se que Colon não foi o descubridor do Brazil, mas Pedro Alvres Cabral; que ao mesmo Colon então habitante na Madeira deo os roteiros, com que descubrio a America Francisco Sanches, o qual fazem huns Andaluz, outros Biscainho: mas o Hespanhol Gomara Author coevo, e que militou entre os soldados de Colon, attesta que era Portuguez. Não he por tanto occasião de notar-se a expresão: *dando a Cabral o instincto, &c.*

(3) *Os Correas, e Sás.* Esta he a rama nobilissima dos Condes de Penaguião, que passando ao Brazil, deo os primeiros Conquistadores áquelle Estado; familia, que existe com a antiga gloria na Excellentissima Casa de Asseca, e nos dous dignissimos ramos da mesma os Excellentissimos Senhores Sebastião Correa de Sá, e João Correa de Albuquerque, Fidalgos, que o Brazil deve considerar por seus perpetuos Pais, e Protectores.

CAN-

CANTO IX.

I.

Depois que o tempo torna bonançoso,
E a noite vem tranquilla em branda calma,
De ouvir o mais do ſonho portentoſo,
Se accende a todos o deſejo n'alma:
E no empenho do Belga bellicoſo,
Deſejando eſcutar quem teve a palma,
Supplicão Catharina, que proſiga
Na narração do ſonho, e tudo diga.

II.

Vi (proſegue a Matrona) em Marte duro
Confundir-ſe o Brazil, vagar potente
O Batavo feroz; e o Reino eſcuro
Encher Plutão da deſditoſa gente:
Vi deſcendo as Milicias do Ceo puro,
A' plebe inerme com o zelo ardente,
Infundir valor tal, que conte a hiſtoria
Por milagre do Ceo cada victoria.

III.

III.

Petrid e Iolo raios da Marinha,
Com Eſquadras do pélago Senhoras,
Qualquer do lado ſeu queimado tinha,
Com chammas o Brazil deſoladoras:
Petrid a frota que das Indias vinha
Com procellas de fogo abrazadoras,
E nas náos lavra de theſouros cheias,
Ao infauſto Brazil novas cadeas.

IV.

Máquinas move o Belga ambicioſas,
Supprindo os gaſtos com a immenſa prata;
E armando em guerra Eſquadras numeroſas,
Occupar Pernambuco ao Luſo trata:
Nem ás forças da Hollanda poderoſas
Oppõem o Hiſpano com a nova ingrata,
Tal ſoccorro, que a Praça na contenda
Do grão poder dos Batavos defenda.

V.

Rege de Pernambuco a terra extenſa
O intrepido Albuquerque, a tudo attento:
Guarnece a Praça, os Eſquadrões condenſa,
Diſpõe ao fogo o bellico inſtrumento:
Quando á maneira de floreſta denſa
Se vio cuberto o liquido elemento,
Onde proas ſetenta o mar rompião,
E o Wandemburgo General ſeguião.

VI.

VI.

Chamão *Páo amarello* hum ſitio ao lado
Da Cidade, que a frota accommettia,
Commodo ao deſembarque, e mal guardado
De Albuquerque, que as praias defendia:
Alli com quatro legiões formado,
A' bella Olinda o Batavo ſe envia,
Onde com turmas de inexperta gente
Se oppoz o Luſo Chefe ao Belga ardente.

VII.

Nem muito dura ao fogo deſuſado
O tímido eſquadrão da gente Luſa,
Que do inſolito horror preoccupado,
A fuga emprehende em multidão confuſa:
Hum ſobre outro ao fugir precipitado,
Render-ſe ao fero Belga não recuſa;
E a Cidade infeliz deixando aberta,
Qualquer ſe ſalva donde mais o acerta.

VIII.

Entra o Hollandez na Praça abandonada;
E quando de riqueza a cuidou chea,
Em triſte ſolidão deſamparada;
E acha ſem premio a cubiçoſa idéa,
Vingão nos templos a intenção malvada,
E o Altar profanão com infamia fea,
Tratando o pio Rito, e o ſanto culto
Com ſacrilega mente, e horrendo inſulto.

IX.

IX.

Mas não ſoffre da fuga o torpe medo
O valente fortiſſimo Temudo;
E tendo ao lado o intrepido Azevedo,
A eſpada empunha, embaraçando o eſcudo:
Ao ver do ſaco no funeſto enredo
A fórma do Hollandez turbar-ſe em tudo,
Une alguns, que odiando a vil fugida,
Dão por preço da gloria a heroica vida.

X.

O', diſſe, honra immortal do nome Luſo,
Corações valeroſos, que em tal ſorte
Fazeis da doce vida o melhor uſo,
Comprando a gloria com a invicta morte:
Vedes fem fórma o Batavo confuſo,
Da valeroſa eſpada expoſto ao córte:
Corra-ſe ás armas, que ſe os não vencemos,
Sem a Patria vingar não morreremos.

XI.

Diſſe; e empregando a fulminante eſpada,
Huma Eſquadra invadio que diſcorria,
Com calices da Igreja profanada,
Que com inſulto em derisão mettia:
De huns a fronte no chão deixou truncada,
De outros o peito com o ferro enfia,
De alguns, que inſano accómettendo freme,
Talhado o braço ſobre a terra treme.

XII.

Azevedo entre os mais, que no chão lança,
Tendo das balas empregado o impulso,
Com fero gôlpe de alabarda alcança,
De Ruiter, q̃ o accommette, o horrivel pulso:
Despoja-o da arma, e furioso avança,
Deixando-o em terra com tremor convulso,
Cornelisten derriba, e o ferro emprega
Em Blá, que todo o chão com sangue rega.

XIII.

Com furia igual, e impulso destemido
Invade contra o Batavo a caterva,
E bem que a legião em corpo unido,
Em roda ao Luso disparando ferva:
Resiste o Portuguez nunca rendido,
Em quanto a vida com vigor conserva;
Até que sobre os Belgas derribados,
Cahirão mortos sim, porém vingados.

XIV.

Tem por nome Arrecife hum forte posto,
Que hum Isthmo separou do Continente,
Donde o Castello de S. Jorge opposto,
Defende o passo ao transito imminente:
Alli fazia aos inimigos rosto
O bravo Lima, que do Belga ardente,
Sem mais que trinta invictos defensores,
Trezentos sacrifica aos seus furores.

XV.

Pasma de assombro Wandemburgo insano,
Nem póde crer, se o não convence a vista,
Que com força tão pouca o Lusitano
De dous mil Belgas ao furor resista:
Sahe com todo o poder, e occupa o plano,
E em fórma regular tenta a conquista,
E nem assim o Lima ao fogo cede,
Em quanto auxilio ao General não pede.

XVI.

Recobrava-se em tanto valerosa
Do primeiro terror a Lusa gente,
Que inexperta da pugna bellicosa,
Cedêra no improviso do accidente:
E acompanhando em Tropa numerosa
Do intrepido Albuquerque o ardor valente,
O Belga usurpador pelas ribeiras
Cercárão com reductos, e trincheiras.

XVII.

Plantão depois hum forte acampamento,
Donde se insulte o Batavo inimigo,
Nem deixavão que hum só pudesse isento
Sahir sem damno ao campo, ou sem perigo:
Cortão-lhe o passo, e impedem-lhe o sustento,
Nem lhe concedem no terreno abrigo;
E occupando-lhe o gyro dilatado,
O Belga cercador deixão cercado.

XVIII.

XVIII.

Dous mil dos seus guerreiros escolhidos
Contra Albuquerque Wandemburg avança;
Mas achavão os Lusos prevenidos
Do seu valor na nobre confiança:
Cahião das trincheiras rebatidos
Do fogo os Belgas, ou da espada, e lança;
E sem que combatendo a mais se arrojem,
Em desordem do campo á praça fogem.

XIX.

Com quatro Companhias n'huma Armada
Soccorro de Lisboa recebendo,
Foi outra vez a Tropa reforçada (do:
Com gente, e munições n'outra de Oquen-
Mil mosqueteiros, Tropa exercitada,
No duro jogo de Mavorte horrendo,
S. Felice conduz Mestre de guerra; (1)
Mas menos apto na que usava a terra.

XX.

Com soccorro maior de Hollanda armado
Contra Itamaracá corre o inimigo;
Duas vezes porém foi rechaçado
Com perda o Belga para o noto abrigo:
A' Paraiba, e Rio Grande enviado
Mudava de lugar, não de perigo;
E já menos bisonha a Lusa Tropa, (pa.
Põe em fuga o Hollandez, se em campo o to-

XXI.

A Wandemburgo no Hollandez Imperio
Succedêra Rimbach em guerras noto,
Que eſtimando dos Belgas vituperio,
Ser cada dia pelos noſſos roto:
Em quanto celebrava attento, e ſério
A Paſcoa o campo em Prociſsão devoto,
Com todo o poder Batavo accommette,
E o campo em confuſão batendo, mette.

XXII.

Não ſe interrompe a ceremonia auguſta,
Orando o Clero com o ſexo pio,
Sahe o Orthodoxo contra a turma injuſta,
Tomando por ſagrado o deſafio:
E fundando no Ceo confiança juſta,
Peleijão com tal fé, com tanto brio,
Que matando Rimbach em feio eſtrago,
Derão aos Belgas da blasfemia o pago.

XXIII.

Mas o Ceo, que o flagello deſtinava,
Poder tão grande aos Batavos concede,
Que nada a Vandeſcop, que os moderava,
Depois deſta campanha o curſo impede:
Fica Itamaracá de Hollanda eſcrava,
Desfaz-ſe o campo, a Paraiba cede,
Perde-ſe o Rio Grande, e n'outra empreza,
Rende o Luſo o Pontal, e a Fortaleza.

XXIV.

XXIV.

Salva-ſe o reſto da facção perdida,
Nas Alagôas, ſitio defenſavel,
Onde do fero Belga perſeguida,
Aſylo buſca a turba miſeravel:
Mas foi da Heſpanha em brêve ſoccorrida
Com brava Tropa em frota reſpeitavel,
Roxas de Borja a Pernambuco enviado;
De Albuquerque o baſtão tomou deixado.

XXV.

Roxas prompto no obrar, poſto em batalha
De Vandeſcop as Tropas inveſtia;
Mas o Belga Arquichofe a marcha atalha
Com ſoccorro que valído trazia:
Com tenebroſa ſombra os lutos talha
A noite, que começa, á morte impia,
Diſpondo Roxas em defenſa armado,
Eſperar o ſoccorro convocado.

XXVI.

Mas logo que a manhã moſtrou formoſa
Da batalha inimiga a fórma unida,
Mais não ſocega a chamma generoſa,
E inveſte ardente a Batava partida:
Cobre os Ceos a fumaça tenebroſa, (vida,
Perde o Hiſpano, e Hollandez na empreza a
E nem eſte, nem o outro alli vencêra,
Se o temerario Roxas não morrêra.

XXVII.

XXVII.

S. Felice na guerra Meſtre aſtuto,
Succede no governo ao bravo Hiſpano,
E Brazilico Fabio em tanto luto
Salvou na retirada o Luſitano:
Foi das palmas Batavicas produto
Governar o Paiz Pernambucano
O Conde de Naſſau, que o Belga envia,
General das Conquiſtas que emprendia.

XXVIII.

Era Naſſau nas armas celebrado,
Com que illuſtrava o excelſo naſcimento,
Principe então no Imperio reſpeitado,
Nutrindo igual ao ſangue o penſamento:
Entrou de forte Armada acompanhado,
E no Arrecife ſituando o aſſento,
Levantou fortes, e em paizes bellos
Guarneceo as Colonias com Caſtellos.

XXIX.

Mas aſpirando a empreza memoravel,
Todo o exercito, e Armada prevenia,
E achando Pernambuco defenſavel,
Invadio no reconcavo a Bahia:
S. Felice com reſto miſeravel
Alli novo ſoccorro ao Rei pedia,
Quando ao bravo Naſſau diſpunha a ſorte
Hum Chefe nelle oppor prudente, e forte.

XXX.

XXX.

Tudo diſpunha o Conde em fórma, e arte
De rebater do Batavo a interpreza,
Diſpõe pela Cidade em toda a parte
Os meios, e inſtrumentos da defeza:
Faz groſſas levas, e eſquadrões reparte,
E tudo preparando á forte empreza,
Nada eſqueceo de quanto na Milicia
Inventa a militar sábia pericia.

XXXI.

Entrava em tanto pela vaſta enſeada
Naſſau, que as praias enche da Bahia,
Com a terrivel mageſtoſa Armada,
Que com quarenta náos linha fazia:
E ao ſom da trompa Marcial tocada
Em gratos écos de horrida harmonia,
Enche a horrenda procella em taes enſaios
A enſeada de trovões, e o Ceo de raios.

XXXII.

Em tanto o claro Silva que occupava
Do ſupremo governo o excelſo mando,
A S. Felice o poſto renunciava,
Ficando por ſoldado ao ſeu commando:
Heróica acção, que pela Patria obrava,
Maior pericia em outrem confeſſando,
E merecendo nella em tanta empreza
Da Corte acclamações, do Rei grandeza. (2)

XXXIII.

XXXIII.

Desembarca Nassau com turba ingente
Junto de Tapagipe, e emprende o oiteiro,
Que nomear costuma a vulgar gente
Do antigo habitador, *Padre Ribeiro*:
Mas S. Felice, que o antevio prudente,
De posto o bate, que occupou primeiro;
E depois que seiscentos destro mata,
Em grande parte o Belga disbarata.

XXXIV.

Largos dias Nassau bate a trincheira,
Que lhe oppoz ao Quartel Banholo á frente;
Mas o Belga em batalha verdadeira
Por muitos dias se avançava ardente:
Cobre-se a terra em horrida maneira
De hum monte de cadaveres ingente,
Vendo os Belgas cahir, sem que desista
Nassau com tanto sangue da conquista.

XXXV.

E já desfeito o exercito se via,
Ferido o Official, e a gente morta,
Sem que cessasse o ardor nos da Bahia,
Que o S. Felice rege, e o Silva exhorta:
Pede tregoas Nassau nesta porfia,
E tudo com a Tropa as náos transporta,
Fugindo do perigo o infausto effeito,
Com perda igual de gente, e de conceito.

XXXVI.

XXXVI.

Dous dias na enſeada por vingança
Bate a Eſquadra a Cidade ſem perigo,
Com balas, e granadas, que em vão lança,
Parecendo mais ſalva, que caſtigo:
Sobreveio ao Brazil nova eſperança
De expugnar com mais forças o inimigo;
Mas foi o effeito das promeſſas vario,
Impedindo o ſoccorro o mar contrario.

XXXVII.

Vi neſte tempo em confuſão paſmoſa
A Monarquia em Liſia dominante,
E a Caſa de Bragança glorioſa
Nos quatro Imperios triunfar reinante:
A Bahia com pompa mageſtoſa
Feſtejar o Monarca triunfante,
E o Pernambuco de deſgraças farto,
Invocar Pai da Patria D. João Quarto.

XXXVIII.

Tratava o novo Rei com fé provada
A Batavica paz, que ſem juſtiça,
Deixava ao meſmo tempo quebrantada
O Belga injuſto pela vil cubiça:
Occupa o Maranhão Batava armada,
E outra Eſquadra em Serſipe o incendio ati-(ça,
Pertendendo occupar com falſo engano
Toda Africa, e Brazil ao Luſitano.

XXXIX.

XXXIX.

Cede do ſeu governo de affrontado
O General Naſſau, tornando a Hollanda,
Tendo o conſelho do Arrecife armado
Mil artificios de calumnia infanda:
Nem contra os habitantes moderado
O duro freio no governo abranda,
Onde a plebe aggravada que o experimenta,
O jugo ſacudir com gloria intenta.

XL.

João Fernandes Vieira foi na empreza
O inſtrumento da Patria liberdade,
Heróe, que ſoube uſar da grá riqueza,
Libertando o Brazil deſta impiedade:
De amigos, e parentes na defeza
Tentou furtivamente a ſociedade,
E como a pedra a Eſtatua de Nabuco,
O Belga derribou de Pernambuco.

XLI.

Nomeou Cabos, Tropas, Companhias,
Pedio ſoccorros, e invocou prudente,
Expondo do Hollandez as tyrannias
O Governo Brazilico potente:
Aviſa ſem demora Henrique Dias, (3)
Capitão dos Ethiopes valente,
E o forte Camarão, q̃ em guerra tanta, (4)
Com os ſeus Carijós o Belga eſpanta.

XLII.

XLII.

Ouve o Hollandez com ſuſto o movimento;
E querendo opprimir naſcente a chamma,
Com dous mil homens prevenia attento
A nova guerra, que o Vieira inflamma:
Deixára o Luſo Chefe o alojamento,
E os Belgas, que á cilada occulto chama,
Empenhou de hum lugar nas duras rocas,
A que o monte chamárão das Tabocas.

XLIII.

Entre arbuſtos, e canas de improviſo
Diſpara o Luſo ſobre a incauta gente;
E precedendo o damno antes do aviſo,
Disbarata o Hollandez com furia ardente:
Suſpende a marcha o Batavo indeciſo,
E ſem ver o inimigo, o golpe ſente,
Até que vendo o eſtrago dos ſoldados,
Cedem o campo, e fogem deſtroçados.

XLIV.

Hollanda era potente, e o Luſo afflito,
Onde enchendo Lisboa de ameaças,
Por ter noticia do infeliz conflito,
Meditava ao Brazil novas deſgraças:
Mas por guardar os ſeus o Rei invicto,
Diſpoz piedoſo nas Provincias laſſas,
Providencias, que á paz chamar pudeſſem
O tumulto, em que os noſſos permanecem.

XLV.

XLV.

Vão com dous Regimentos deſtacados
O Moreno, e Negreiros da Bahia
A dar paz (ſe he poſſivel) deſtinados
Na guerra, que o Vieira então movia:
Virão veigas, e campos abrazados,
E o colono infeliz, que perecia,
Com laſtima da Tropa, que obſervára,
Todo o eſtrago, que o Belga alli cauſára.

XLVI.

Aviſtado o Negreiros, e o Vieira,
Venho (diſſe o primeiro) a prizão dar-vos,
Por haver provocado a ira eſtrangeira
A huma guerra, que acabe de aſſolar-vos:
He juſto que eu tambem prender-vos queira,
Mas ſerá (diſſe o heróe) com abraçar-vos;
E aſſim dizendo alegre move o paſſo,
E os dous recebe com feſtivo abraço.

XLVII.

Outro tanto fazia a Tropa unida
Ao invicto Eſquadrão Pernambucano;
E applaudindo a victoria conſeguida,
Deteſtão do Hollandez o enorme engano:
Nem muito tarda a gente fementida,
Que não abraze a Eſquadra ao Luſitano,
Onde embarcado pela paz chegára,
Como o Batavo proprio o convidára.

XLVIII.

XLVIII.

Ouvem-se em tanto os miseros clamores
De turba feminina, que invocava
O soccorro dos seus libertadores
Contra o Belga cruel, que as cativava:
Mais não cessa o Vieira, e sem rumores
O Engenho, aonde incauto descançava
O Belga General cercado; bate,
E rendendo-o á prizão, vence o combate.

XLIX.

Henrique Hus do Arrecife Commandante
Era o Cabo dos Belgas prizioneiro,
Blac rendido tambem, Chefe importante,
Subalterno nas armas do primeiro:
Foge do Luso o Batavo arrogante,
Espalhando os fuzis no grão terreiro,
E a chamma teme, q̃ no horrendo empenho,
Lançára o Vieira pelo vasto engenho.

L.

Com fama de victoria tão brilhante
Toma as armas a plebe, e o Belga invade,
Serinhaem tomou, Villa possante,
O partido commum da liberdade:
Segue Iramaracá com fé constante,
Porto Calvo, e os contornos da Cidade,
Deixando no Arrecife sem remedio,
Encerrado o Hollandez com duro assedio.

LI.

LI.

Mas não ceſſa na Hollanda a companhia,
E ao numeroſo exercito, que ordena,
Sigiſmundo Van-Scop por Chefe envia,
Munido em guerra de potencia plena:
Do experto General, que deſconfia
O premio ao valeroſo, ao fraco a pena,
E emprendendo com forças o combate,
O inimigo Vieira ou prenda, ou mate.

LII.

Abordando o Arrecife então cercado,
A inercia dos ſeus Chefes reprehende,
Nem muito tarda, que no campo armado,
Não ſaia a Olinda, que expûgnar emprende:
Em aſſalto a accommette duplicado,
E a brava Tropa, que ao preſidio attende,
Com tanto alento o Batavo rechaça,
Que ferido Van-Scop ſe acolhe á Praça.

LIII.

Sem que deſiſta da paſſada inſtancia,
Tenta de novo a empreza da Bahia;
Mas notando nos Luſos a conſtancia,
Que injúria do poder lhe parecia:
Conſome do Reconcavo a abundancia
Com frequentes ſortidas, que emprendia;
E porque creſça na Cidade o tédio,
Occupa Taparica, e põe-lhe o aſſedio.

LIV.

LIV.

Telles em tanto, que expulsar pertende,
Sem igual força o Batavo contrario, (de,
Contra o cõmum conselho o ataque empren-
E tudo expõe no impulso temerario:
Mas vendo o Luso Rei, que a nada attende,
O Belga nos seus pactos sempre vario,
Manda Armada ao Brazil, que poderosa
A Batava Nação dome orgulhosa.

LV.

Teme o golpe Van-Scop, e desampara,
Por guardar o Arrecife, Taparica,
Antevendo que a Esquadra se prepara
Contra a Praça, que auxilio lhe supplica:
Barreto de Menezes, que chegára
De novo General patente indica,
E em Pernambuco sublimado ao mando,
Com prudencia, e valor foi governando.

LVI.

Nove mil homens, Tropa valerosa,
E com frequentes palmas veterana,
Manda o Batavo a empreza perigosa,
Que á guerra ponha fim Pernambucana:
Occupa o mar Armada poderosa;
E dominando a praia Americana,
Usurpa em mar, e terra alto dominio,
Ameaçando dos Lusos o exterminio.

LVII.

LVII.

Põe-ſe em campanha o Batavo terrivel,
Com ſete mil de veterana Tropa,
Vão denſos bandos do Gentio horrivel,
Com̃ deſtro gaſtador vindo da Europa:
E eſtimando a potencia irreſiſtivel,
Cede ao Belga a Barreta, e quanto topa, (5)
Em quanto em defenſiva o Luſo fica,
E o campo contra o Belga fortifica.

LVIII.

Sigiſmundo porém, que os baſtimentos
Em Moribeca aſſegurar procura,
Diſpunha alli tomar alojamentos,
Eſtimando a victoria já ſegura:
Mas Barreto, e Vieira a tudo attentos,
Na juſtiça, que a cauſa lhe aſſegura,
Confião que na empreza o Ceo lhe valha,
E tudo vão diſpondo a huma batalha.

LIX.

Nem com tanto poder Van-Scop recuſa,
Decidir n'huma acção toda a contenda,
Antevendo, ſe a perde a gente Luſa, (da:
Que outra força não tem q̃ a guerra empren-
E já na marcha a multidão confuſa,
A acção começa pelo fogo horrenda,
E turbando dos Belgas toda a fórma,
Combatem com valor, porém ſem norma.

LX.

LX.

Nos montes Guararapes ſe alojava
Formado o Portuguez, que o Belga eſpera;
E a eſcaramuça, que emprendêra brava,
Traz a ſitio o Hollandez, que adverſo lhe era:
Deſde alto monte o Luſo fogo obrava,
Com ruina dos Batavos tão fera,
Que ou ſeja ao lado, ou na eſpaçoſa fronte,
Se cubrio de cadaveres o monte.

LXI.

Reune os batalhões Van-Scop irado,
E á fronte com valor da linha poſto,
Tenta deſalojar do alto occupado
O invicto Camarão, que lhe faz roſto:
Mas com chuva de balas rechaçado,
Perde tres vezes o ganhado poſto;
E já ferido com mil mortos cede,
Em vil fuga, que a noite lhe concede.

LXII.

Noventa dos ſeus perde o Luſitano;
E em quanto o Belga ſe retira incerto,
Deſcobre a aurora todo o monte, e plano
De bandeiras, canhões, e armas cuberto:
Muitos alli do Batavo tyranno,
Perdidos pela noite em campo aberto,
Deixa o dia, inexpertos nos roteiros,
Nas mãos da noſſa Tropa prizioneiros.

LXIII.

Horroriza-se Hollanda, pasma Europa,
Exalta Portugal, canta a Bahia,
Vendo-se triunfar tão pouca Tropa
Da terrivel Potencia, que a invadia:
Nada de humano o pensamento topa,
Que em tudo a mão de Deos clara se via;
Pois sempre elege para os seus portentos
Os mais fracos, e humildes instrumentos.

LXIV.

Tinha exhausta a ambição, mas não cançada
A cubiçosa Hollanda em tal conquista;
E para novo empenho apparelhada,
Escolhe os Capitães, e a gente alista:
Mas do Britanno ás armas provocada,
Sobre interesse que mais alto avista,
Suspende o influxo na famosa empreza,
Deixando em Pernambuco a guerra acceza.

LXV.

Brinc a este tempo, Coronel valente,
Impetra de Van-Scop tropa luzida,
Com petrechos, e número potente,
Que em batalha cruel tudo decida:
Sinco mil homens de escolhida gente,
De canhões, e petrechos guarnecida,
Póe no campo assombrado da Potencia,
Igualando o valor co'a diligencia.

LXVI.

LXVI.

Com dous mil e ſeiscentos veteranos
Faz-lhe frente Barreto, e o Belga invade;
Correm de toda a parte os Luſitanos
A ſuſtentar á Patria liberdade:
Aloja o Luſo ſobre os meſmos planos,
Onde fora a paſſada mortandade;
O Belga na montanha ſe diſtingue,
Hum q̃ o eſtrago renove, outro q̃ o vingue.

LXVII.

Mas Brinc a tudo attento deſde o cume
Com pericia guerreira occupa o monte,
Onde ſeguindo o militar coſtume,
Dá fórma á retaguarda, e ordena a fronte:
Nem tão ouſado o Portuguez preſume,
Que em vantajoſo poſto o Belga affronte,
Eſperando a occaſião dalli opportuna,
De poder atacar com mais fortuna.

LXVIII.

Reconhece Barreto o ſitio, e fórma;
E vendo o ardor da Luſitana gente,
Que, habil no paſſo, da ſubida o informa,
Faz que o bravo Vieira ataque ardente:
E cubrindo a invasão com ſábia norma,
Com o fogo protege o aſſalto ingente,
Até que por mil caſos duvidoſos,
Vê ſobre o monte os campeões brioſos.

LXIX.

Nova batalha alli com fogo vivo
Move impavido o Belga, e firme inſiſte;
E por mais que o Vieira invada activo,
Onde hum corpo vacilla, outro reſiſte:
Tal ha que ainda combate ſemivivo;
Tal que cadaver já na morte triſte,
A terra morde, e em raiva enfurecida,
Blaſfemando do Ceo, deſpede a vida.

LXX.

A toda a parte voa o Grão Barreto,
E hum anima, outro ajuda, outros exhorta;
E excitando no Luſo o Patrio affecto,
Incita o forte, o invalido conforta:
Bramava o fero Brinc em ſangue infeto,
Entre a Batava turba oppreſſa, e morta,
Aſſalta horrendo hum batalhão potente,
E outros reprime com ferocia ardente.

LXXI.

Mas o invencivel Camarão, que o nota
Hum forte troço da reſerva abala;
E ſuſpendendo a miſera derrota,
Lança o Belga por terra de huma bala:
Logo o Almirante da ſoberba Frota,
Vendo invalido Brinc cahir ſem falla,
Occupa o mando, que já vago eſtima,
E o Batavo á peleija altivo anima.

LXXII.

LXXII.

Não soffre Henrique Dias, que observava
Do novo Chefe a intimação constante;
E de hum tiro, que fero lhe apontava,
Derriba morto o intrepido Almirante:
Sem Commandante o Belga trepidava,
E de hum, e de outro lado vacillante,
Huma vil fuga tímido declara,
E o campo com desordem desampara.

LXXIII.

O estandarte soberbo dos Estados,
Tendas, peças, bandeiras numerosas,
Mil e trezentos mortos numerados,
Prizioneiros, bagagens preciosas:
Muitos centos na fuga degollados,
A caixa militar, armas custosas,
Forão nesta occasião de tanta gloria
O merecido premio da victoria.

LXXIV.

Cinge o Arrecife de hum assedio estreito
Com prompta cura o Chefe Lusitano;
Mas tendo longa guerra o Belga feito,
Era contínuo fim, mas mutuo o damno:
Até que Jaques ao commando eleito
No campo se avistou Pernambucano,
Conduzindo em fortuita derrota
Para o Luso commercio a usada Frota.

LXXV.

LXXV.

Por mar, e terra ſitiada a Praça,
Depois do longo aſſedio de nove annos,
Com mil deſaſtres fatigada e laſſa,
Cedeo todo o Brazil aos Luſitanos:
Mercê clara do Ceo, patente graça,
Que a tão poucos, e miſeros paizanos
Cedeſſe huma Nação, que enchia em guerra,
De Armadas todo o mar, de eſpanto a terra.

LXXVI.

Aſſim modera o Padre Omnipotente
Do ignorante mortal a incerta ſorte,
Por fazer com taes caſos evidente (te:
Que não he quem mais póde o q̃ he mais for-
Tudo rege na terra a Mão potente;
Delle a victoria pende, a vida, a morte;
E ſem o ſeu favor, que o diſtribue,
Todo o humano poder nada conclue.

LXXVII.

Triunfou Portugal; mas caſtigado,
Teve em tal permiſsão ſevero enſino,
Que ſó ſe logrará feliz reinado,
Honrando os Reis da terra ao Rei Divino:
E que o Brazil aos Luſos confiado,
Será, cumprindo os fins do alto deſtino,
Inſtrumento talvez neſte Hemiſferio,
De recobrar no Mundo o antigo Imperio.

LXXVIII.

LXXVIII.

Vi no ſonho mil caſos differentes,
Que no curſo virão de outras idades:
Vi Provincias notaveis, e potentes,
Vi naſcer no Brazil aureas Cidades:
Famoſos Vice-Reis, e illuſtres gentes,
Tantos ſucceſſos, tantas variedades,
Que ſómente pintado, como em ſombra,
Confunde o penſamento, a viſta aſſombra.

LXXIX.

Prelados vi de excelſa Jerarquia,
E entre outros da maior celebridade
O claro Lemos, que enriqueça hum dia
De novas Sciencias a Univerſidade:
Elle ornará depois a Academia
Com conſtrucções de excelſa mageſtade,
E em doutrina a fará com ſabio modo
O Atheneo mais famoſo do Orbe todo.

LXXX.

Deo Catharina fim, e arrebatada
N'hum extaſe ficou, vibrando ardores;
Corrião pela face em luz banhada
Lagrimas bellas, como orvalho em flores:
Fica a pia aſſemblea eſperançada
De outros ſucceſſos eſcutar maiores;
E dando tempo ao ſomno milagroſo,
No abraço a deixão do celeſte Eſpoſo.

(1) *S. Felice.* He o célebre Conde de Banholo, Official pratico, mandado de Heſpanha para exercitar, e diſciplinar as noſſas Milicias.

(2) *Do Rei grandeza.* Por eſta acção generoſa, que ſalvou a Bahia, foi creado por Filippe IV. primeiro Conde de S. Lourenço.

(3) *Henrique Dias.* Negro valeroſiſſimo, e Commandante dos Ethiopes, que tiverão grande parte na reſtauração do Brazil.

(4) *Camarão.* D. Antonio Filippe Camarão, Americano de origem, e nação, braviſſimo Capitão dos Carijos, que ſe fez terrivel aos Hollandezes em frequentes combates, que lhes deo.

(5) *Barreta.* Fortaleza importante dos noſſos junto ao Arrecife.

CANTO X.

I.

CHeia de aſſombro a turba a Dama admira
Tornada a ſi da ſuſpensão paſmoſa;
E da nova visão, que alli ſentíra,
Proſegue a ouvir-lhe a narração goſtoſa:
Mais bella que eſſe Sol, que o Mundo gyra,
E com côr (diſſe) de purpurea roſa,
Vi formar-ſe no Ceo nuvem ſerena,
Qual naſce a Aurora em madrugada amena.

II.

Vi luzeiros de chamma rutilante
Sobre a esfera tecer claro diadema,
De materia mais pura que o diamante;
Que obra parece de invenção Suprema.
Luzia cada eſtrella tão brilhante,
Que parecia hum Sol, precioſo emblema
De admiravel belliſſima peſſoa,
Que á roda da cabeça cinge a coroa.

III.

III.

De ouro fino os cabellos parecião,
Que huma aura branda aos ares eſpalhava,
E huns dos outros talvez ſe dividião,
E outra vez hum com outro ſe enredava:
Frechas voando, mais não feririão,
Do que hum ſó delles n'alma penetrava;
Cabellos tão gentís, que o Eſpoſo amado
Se queixa, que de hum delles foi chagado.

IV.

A frente bella, candida eſpaçoſa,
Cheia de celeſtial ſerenidade,
Vislumbres dava pela luz formoſa
Da immortal ſoberana claridade:
Vê-ſe alli manſidão reinar piedoſa,
E involta na modeſtia a ſuavidade,
Com graça, a quem a olhava tão ſerena,
Que excitando prazer, deſterra a pena.

V.

Dos dous olhos não ha na terra idea,
Que aſtros, flores, diamantes eſcurecem;
Ou na belleza de mil graças chea,
Ou nos agrados, que brilhando offrecem:
N'hum olhar ſeu toda alma ſe encadea,
E mil votos á roda lhe apparecem,
Dos que a ſeu culto glorioſo aliſta,
Outorgando o remedio n'huma viſta.

VI.

VI.

Das faces bellas, ſe na terra houvera
Imagem competente que a pintára,
Ás flores mais gentís da Primavera
Pelo encarnado, e branco eu comparára:
Mas flor não naſce na terrena eſfera;
Não ha eſtrella no Ceo tão bella, e clara,
Que não ſeja, ſe a oppôr-ſe-lhe ſe arriſca,
Menos que á luz do Sol breve faiſca.

VII.

Da boca formoſiſſima pendente
Paſma em ſilencio todo o Ceo, profundo:
Boca, que hum *Fiat* pronunciou potente,
Com mais effeito, que ſe creaſſe hum Mundo:
Odorifero cheiro em todo o ambiente
Do labro ſe eſpalhava rubicundo;
Fragrancia celeſtial, que amante, e pia
No Filho com mil oſculos bebia.

VIII.

Todos ſuſpende em paſmo reſpeitoſo
O amavel formoſiſſimo ſemblante;
E mais nelle ſe oſtenta poderoſo
O Soberano Author do Ceo brilhante:
Pois quanto tem o Empyreo de formoſo,
Quanto a angelica luz de rutilante,
Quanto dos Serafins o ardente incendio,
De tudo aquelle roſto era hum compendio.

IX.

IX.

Nas brancas mãos, que angelicas ſe eſtendem,
Hum deſmaiado azul nas veias tinto,
Faz parecer aos olhos, quando o attendem,
Alabaſtros com fundos de jacinto:
Ambas com doce abraço ao ſeio prendem
Formoſura maior, que aqui não pinto;
Porque para pincel me não baſtára,
Quanto Deos já creou, quanto creára.

X.

Mas ſe não ſe dedigna o Verbo Santo
Por noſſo amor, de hum ſymbolo raſteiro;
Dentro parece do Virgineo Manto,
Paſcendo em brancos lirios hum Cordeiro:
Os olhos com ſuaviſſimo quebranto
Lhe occupa hum doce ſomno liſongeiro,
A' roda os Serafins, que o eſtrondo impedem,
Para o não diſpertar ſilencio pedem.

XI.

Aos pés da Mãi piedoſa ſuperada
Vê-ſe a antiga Serpente inſidioſa,
De que a fronte na culpa levantada,
Quebra a planta Virginea glorioſa:
E enroſcando os mortaes já quebrantada,
Ao éco ſó da Virgem poderoſa,
No mais fundo do abyſmo ſe ſubmerge,
E o feral antro do veneno aſperge.

XII.

XII.

Ao ver belleza tanta o penſamento,
Que a linda Imagem ſorprendia abſorto,
Ouve no centro d'alma hum doce accento,
Que o peito enchia de vital conforto:
E como infunde ás plantas novo alento
O matutino orvalho em fertil horto,
Tal dos doces influxos na abundancia
Dentro d'alma eu ſenti nova conſtancia.

XIII.

Catharina (me diz) verás ditoſa
Outra vez do Brazil a terra amada;
Faze que a Imagem minha glorioſa
Se reſtitua de vil mão roubada:
E aſſim dizendo, nuvem luminoſa,
Como véo, cobre a face deſejada;
E faz que na memoria firme exiſta
Entre amor, e ſaudade a doce viſta.

XIV.

Aſſim conclue Catharina, enchendo
De duvidoſo aſſombro a companhia:
Que Imagem foſſe aquella, hião dizendo,
Ou qual delles acaſo a roubaria?
Se a Mãi de Deos myſterios involvendo,
D'outra copia intrior o entenderia?
Ou queria talvez que em ſanto trato
Se reſtitua n'alma o ſeu retrato.

XV.

XV.

Mas véla em tanto appareceo boiante,
Que junto da Bahia o mar cortava,
Onde em bandeira, que lançou flammante,
O Leão das Heſpanhas tremolava:
Vem á falla com ſalva fulminante;
E a Franca não, que á terra velejava,
Poſto á capa o Heſpanhol, cortez viſita,
E o claro Diogo a viſitallo incita.

XVI.

E depois que em feſtivo amigo abordo
O bom Gonzales o Hoſpede feſteja,
Excitou-ſe nos dous claro recordo,
De quem o Hiſpano foi, quem Diogo ſeja:
Ambos nos braços, de commum acordo,
Hum a outro mil ditas ſe deſeja;
Reconhecendo o Luſo o nobre Hiſpano
Por hum dos companheiros de Arelhano.

XVII.

Carlos o grande, o Imperador famoſo
Grato por mim a ſaudar-te envia
(Diſſe a Diogo o Hiſpano generoſo,
Soccorrido a outro tempo na Bahia):
Ouvio o invicto Ceſar, gracioſo
O teu obſequio á Hiſpana Monarquia,
E o ſerviço, que grande conſidera,
Por mim no ſeu agrado remunera.

XVIII.

XVIII.

E porque poſſa em caſo equivalente
Retribuir-te aquella acção piedoſa,
Salva aqui te offereço a infauſta gente,
Perdida neſſa praia deſditoſa:
De cativeiro barbaro, e inclemente
Vivia na oppreſsão laborioſa,
Até que deſtas armas protegida,
Remio na liberdade a infauſta vida.

XIX.

Garcés então da gente Luſitana
O mais diſtinto, que o diſcurſo ouvia,
Confeſſa o beneficio á força Hiſpana,
E a hiſtoria de ſeus caſos principia.
Depois que a gente abandonaſte inſana,
Com teu aviſo, a Luſa Monarquia
Gentes aqui mandou, náos poderoſas,
Que as Nações ſujeitaſſem bellicoſas.

XX.

Foi Pereira Coutinho o deſtinado
A fazer da Bahia a grá conquiſta;
Heróe no Indico Imperio celebrado,
Em quem nova eſperança o Luſo aviſta.
Tudo tinha o bom Chefe preparado,
Formoſas náos ajunta, e gente aliſta,
E á grá população, que meditava
De hum ſexo, e d'outro as gentes convidava.

XXI.

XXI.

E sem demora as praias occupando,
Foi dos Tupinambas, com teu recordo,
As potentes aldeas visitando;
Com amiga alliança em firme acordo.
Do Sertão vasto em numeroso bando
Descião, festejando o nosso abordo,
Os Carijos, Tapuias, e outras gentes,
Por fama do teu nome obedientes.

XXII.

Gupeva, e Taparica celebrados
Entre os Tupinambas, Nação, que habita
Os campos da Bahia dilatados,
Antes de outros Coutinho solicita:
E por vellos comtigo emparentados,
Povoar o Reconcavo medita
Da gente, que o teu nome reconhece,
Onde de dia a dia o povo cresce.

XXIII.

Todo o fertil terreno utilizando,
Donde riqueza se offerece tanta,
Engenhos vai de assucar fabricando,
Aldeas, casas, máquinas levanta:
E as drogas preciosas commutando,
A mandioca, arroz, e a cana planta;
Nem duvida que seja em tempo breve
A Colonia melhor, que Europa teve.

XXIV.

XXIV.

Eſcolha faz nas Tabas numeroſas
Dos que acha no trabalho mais activos;
Mas guarda para emprezas bellicoſas
Os que em ferocia reconhece altivos:
A todos com maneiras amoroſas
Propõe da Fé Chriſtá claros motivos;
E a condição notando em cada raça,
Huns doma com terror, outros com graça.

XXV.

Sabe que em gente tal nada ſe colhe,
Depois de endurecer na idade adulta,
Onde na puericia os mais eſcolhe,
Por dar-lhe em breve a educação mais culta:
Nem dos pais violento algum recolhe;
Mas do proveito, que de alguns reſulta,
Induz a gente barbara que o ſegue,
Que a prole á educação goſtoſa entregue.

XXVI.

Em cuidadoſa eſcola o temor ſanto,
Antes das Artes a qualquer ſe enſina;
Dão-lhe lições de ler, contar, de canto,
E o Cateciſmo da Chriſtá Doutrina:
Vendo-os o rude Pai, concebe eſpanto,
E pelo filho a Mãi á Fé ſe inclina,
Nem de meio entre nós mais apto ſe uza,
Que aquella gente barbara reduza.

XXVII.

E estes serão, se a idéa não me engana,
Meios á grande empreza necessarios,
Que em breve a gente rude fora humana,
Com Escolas, e Regios Seminarios:
Foge, sem se domar a gente insana,
Se em forças, e poder nos vê contrarios;
Mas educada em tenra mocidade,
Dilataria o Reino, e a Christandade.

XXVIII.

Mas no meio das bellas esperanças,
Com que a nova Colonia florecia,
Move a Serpe infernal desconfianças
Entre os Tupinambás, e os da Bahia:
Foi a cáusa infeliz destas mudanças
Hum interesse vil de gente impia,
Que os póvos offendendo em paz amigos,
Cobrirão toda a terra de inimigos.

XXIX.

Gupeva foi dos seus abandonado;
Taparica foi morto; a Lusa gente
Do Gentio nos matos rebellado,
Contínua perda nas lavouras sente:
Queimada a planta foi, perdido o gado,
E cercado o arraial emcontinente,
Vio Coutinho por barbara violencia
Perdido o seu thesouro, e diligencia.

XXX.

XXX.

Na geral afflicção do Luſo povo
A lugar ſe recorre mais tranquillo;
Buſcamos nos Ilheos hum ſitio novo
Contra a turba feroz, ſeguro aſylo:
E já Coutinho ſe diſpõe de novo,
Vendo manſo o Gentio, a reduzillo,
Fabricando Colonia de mais dura,
Menos fecunda ſim, mas mais ſegura.

XXXI.

Mas os Tupinambás, melhor cuidando,
Com promeſſas os noſſos convídavão,
Com mil amigas provas proteſtando
De conſervar a paz, que antes guardavão.
Creo o infeliz Coutinho celebrando
Pactos, que ſegurança a todos davão;
E ſem temor de mais, voltar queria
Ao Reconcavo antigo da Bahia.

XXXII.

E já no mar a frota ſe eſquipava,
E cada hum de nós na empreza abſorto,
Sem temor, ou receio ſó cuidava
Em fazer ao Reconcavo tranſporto:
Navegámos o eſpaço, que diſtava;
E tendo á viſta o deſejado porto,
Com furia o mar aos Aſtros ſe levanta,
Em cerração do Ceo, que á viſta eſpanta.

XXXIII.

O ar caliginoso, e em nevoa impuro
Tirou-nos toda a vista, e sem destino
Batemos cegos n'hum penhasco duro,
Sem termos do lugar noticia, ou tino:
Neste momento horrivel, transe escuro,
Supplicando o favor do Ceo Divino,
Vemos a náo, com horridos fracaços,
Desfazer-se na penha em mil pedaços.

XXXIV.

Ficámos, como o entendes, alagados,
Nadando em meio da procella horrenda;
Huns das ondas se affogão devorados,
Outros na praia em confusão tremenda:
E eis-que os crueis Tupis encarniçados
Com frechas se empenhárão na contenda,
Por levar-nos da arêa semivivos
A' sorte dos seus miseros cativos.

XXXV.

Muitos vimos dos barbaros comidos,
Alguns dispostos ao funesto occaso,
Afflictos todos nós, e esmorecidos,
E esperando qualquer seu triste praso:
Mas de ti sobre tudo condoidos,
Triste Coutinho, que no acerbo caso,
Depois de triunfar d'Asia assombrada,
Perdeste infelizmente a vida amada.

XXXVI.

Tu, que mil vezes no remoto Oriente
Levantaſte troféos de gloria onuſtos;
A quem cedêra o Malabar potente
Em Armadas, e Exercitos robuſtos:
Tu, que foſte o terror da Indica gente,
Que da Liſia humilhaſte aos Reis Auguſtos;
Lá eſtava em tanto a tua ſorte eſcrita
De vires a acabar neſta deſdita.

XXXVII.

Mais proſeguir não pode ſuffocado
O bom Garcez em amargoſo pranto;
E condoeo-ſe Diogo, recordado
De ver-ſe em outro tempo em caſo tanto:
E havendo os naufragantes conſolado:
Não ſou (diz) inſenſivel, que ſei quanto
Acerbo o caſo he, cruel o artigo,
E a piedade aprendi no meu perigo.

XXXVIII.

Recebei entre tanto valeroſos
Com magnanimo peito a adverſidade;
Conſeguireis por tranſes perigoſos
Fazer-vos dignos da immortalidade.
Deixareis monumentos glorioſos
A huma longa, e feliz poſteridade;
E ganhando obtereis com tanta gloria
Hum nome eterno nos padrões da Hiſtoria.

XXXIX.

XXXIX.

Disse o piedoso Heróe, reconhecendo
Ao Hispano Monarca pelo Enviado
O distinto favor, e á mercê tendo
Achar memoria no real agrado:
A' não depois os socios recolhendo,
No Reconcavo entrava desejado,
Onde a vista formosa da Bahia
Com perspectiva amena apparecia.

XL.

A ver na estranha não, que gente aporte,
Desde o interior Sertão turba recrecè,
E bem que differente em trage, e porte,
Catharina dos seus se reconhece:
Entre applausos recebe a Nação forte
O grão Caramurú, como merece,
Mostrando pelo amor, e reverencia
No antigo affecto a nova obediencia.

XLI.

Carrega em tanto o lenho desejado
A não de Du-Plessis, que Diogo estuda,
Que seja em toda a terra obsequiado,
Dando-lhe ao talho da madeira ajuda:
Hum Carijó porém nisto empregado,
Em quanto a carga em toda a não se muda,
Huma Imagem roubou formosa, e bella,
Que a não venera na intrior Capella.

XLII.

XLII.

Obſervou-a Diogo na cabana
Tratada dos Tupís com reverencia,
Eſtimando-a por couſa mais que humana,
Que excedia dos ſeus a intelligencia:
Sorprendeo-ſe da Imagem ſoberana
O Luſitano Heróe: e á competencia
Com elles venerando a Mái Divina,
Chama a vella a piedoſa Catharina.

XLIII.

Poz-lhe os olhos a Dama; e tranſportada:
Eſta he (diſſe) *he eſta a Grã Senhora*,
Que vi no doce ſonho arrebatada,
Mais que o Sol pura, mais gentil q̃ a aurora:
Eis-aqui! eſta he a Imagem venerada:
Eſte era aquelle roubo: entendo agora:
Oh minha grande ſorte! Oh immenſa dita!
Iſto me quiz dizer a Mái bemdita.

XLIV.

Dizendo aſſim com anſia fervoroſa,
Poſtrada abraça a Imagem veneranda:
Beija, aperta-a, e de goſto lagrimoſa
Mil ſaudoſos ais ao Ceo lhe manda:
Aqui vos venho achar, Mái piedoſa,
No meio (diſſe) deſta gente infanda!
Infanda, como eu fui, ſe o voſſo lume
Não me emendára o barbaro coſtume.

XLV.

XLV.

Olha em tanto suspensa a gente bruta;
E os excessos, que vê, cuidando, admira;
Nem concebe nas vozes, que lhe escuta,
Se prazer seja, se de dor suspira:
Mas como a Imagem celestial reputa;
Quanto á Dama piedosa obrando vira,
Qualquer á imitação fazer deseja,
E este a adora, outro a abraça, e aquelle a beija.

XLVI.

O Lusitano, e Franco Religioso
Venerárão com fé prodigio tanto,
Lembrando-se do sonho portentoso
Com claro indicio do presagio santo:
Em quanto o brutal povo numeroso
Tudo nota em hum extase de espanto,
Até que a hum Templo em pompa veneranda
A pia multidão a Imagem manda.

XLVII.

Por santa invocação foi acclamada
A Senhora da Graça, e com fé pia
Foi desde aquelle dia venerada
Singular Protectora da Bahia:
Igreja primitiva dedicada
Em meio as trévas dessa gente impia,
Memoravel (se a fama he verdadeira)
Porque em todo o Brazil fora a primeira.

XLVIII.

XLVIII.

Neſte feſtejo a plebe ſe entretinha,
E eis-que huma ſalva ſe ouve eſtrepitoſa
De grande Armada, que eſtendendo vinha
Galhardetes, e flammulas luſtroſa:
Tudo ao rumor da frota ſe encaminha,
Vendo a bandeira tremolar famoſa,
Que no brazão das Quinas repreſenta
A redempção, que o Ceo na terra intenta.

XLIX.

Era Thomé de Souſa o Commandante,
Que alli Governador fora mandado
Com multidão de gentes abundante,
Para dar fórma ao povo começado:
N'hum ſitio com mil mangues verdejante,
Que o grão Caramurú tinha habitado,
Da Colonia, que ás Tabas ſe aſſemelha,
O nome nos ficou de Villa-Velha.

L.

Alli por Principal conſtituido
Foi dos Tupinambás o claro Diogo;
Das Tabas do Sertão reconhecido,
Como Dragão do mar, filho do fogo:
Catharina por ſangue eſclarecido
Herda de ſeus Avós o Imperio logo, (1)
Convocando á Bahia neſta idéa
Dos ſeus Tupinambás toda a aſſembléa.

LI.

LI.

A' Taba de Gupeva já habitada,
Onde hoje he Villa-Velha, a turba corre;
Das outras Tabas toda a gente armada
Com os seus Principaes a ouvir concorre:
Toda a Cidade em corpo congregada
A' grande casa concorreo da Torre:
Paço de Catharina, que na empreza
Presidia aos Tupis, como Princeza.

LII.

A seu lado Diogo, e Sousa armado,
A' Camara preside da Bahia: (2)
O Clero santo a Deos tendo invocado,
Ouvio-se dos clarins doce harmonia:
A Tropa Portugueza occupa hum lado;
Todo o outro espaço o Barbaro cubria:
E em meio a cada casta alli presente,
Brilha emplumado o Principal potente.

LIII.

De Varões Apostolicos hum bando
Tem de innocentes o esquadrão disposto,
Que hião na Santa Fé disciplinando;
Todos assistem com modesto rosto:
O Carecismo em cantico entoando,
No idioma Brazilico composto
Do Exercito, que Ignacio á Igreja alista,
Para emprender a barbara conquista.

LIV.

LIV.

Sentio da Patria o público proveito
O Monarca piiſſimo, que impera;
E eſtes Varões famoſos tinha eleito
A inſtruir o Brazil na Fé ſincera:
Elles toda a conquiſta houverão feito,
E o immenſo Gentio á Fé viera,
Se cuidaſſe fervente o ſanto zelo, (3)
Sem humano intereſſe em convertello.

LV.

São deſta eſpecie os Operarios ſantos,
Que com fadiga dura, intenção reta,
Padecem pela Fé trabalhos tantos;
O Nobrega famoſo, o claro Anchieta:
Por meio de perigos, e de eſpantos,
Sem temer do Gentio a cruel ſetta,
Todo o vaſto Sertão tem penetrado,
E a Fé com mil trabalhos propagado.

LVI.

Muitos deſtes alli, velando pios,
Dentro ás tocas das arvores occultos,
Soffrem riſcos, trabalhos, fomes, frios,
Sem recear os barbaros inſultos:
Penetrão matos, atraveſsão rios,
Buſcando nos terrenos mais incultos
Com immenſa fadiga, e pio ganho
Eſſe perdido miſero rebanho.

LVII.

LVII.

Mais de hum verás pela campanha vasta
Derramar pela Fé ditoso sangue;
Quem morto ás chammas o Gentio arrasta,
Quem deixa a setta com o tiro exsangue:
Vellos-has discorrer de casta em casta,
Onde o rude Pagão nas trévas langue;
E ao Ceo lucrando as miseraveis almas,
Carregados subir de inclitas palmas.

LVIII.

Com Corte tanta no sublime Paço,
Que a grã Casa da Torre se appellida,
Orando Catharina hum breve espaço,
O throno occupa, e as attenções convida:
Tinha emplumada a fronte, e o forte braço,
Como insignia de Imperio conhecida,
Hum marraque por sceptro sustentava,
Que toda a turba com respeito olhava.

LIX.

Venturosos Paizanos, que o Ceo ama,
(Disse a Dama Real) povo disperso,
Que elle ao rebanho seu piedoso chama,
Desde o antigo diluvio em sombra immerso:
Hoje vos quer livrar da Averna chamma,
Vendo arrastrar-vos do Dragão perverso,
Esse Grão Deos, que de huma Cruz sublime
A pena satisfaz, e a culpa opprime.

LX.

LX.

Da antiga Luſitania o Rei potente,
Acompanhando o Sol no gyro immenſo,
Vai rodeando todo o Globo ingente,
Deſde o aurifero Tago ao China extenſo:
Por elle a Fé recebe todo o Oriente,
O Mouro cede de pavor ſuſpenſo,
E Europa admira pelo mar profundo,
Que o ſeu Reino menor ſubjugue hũ Mundo.

LXI.

Deſte grande Monarca he tanto o Imperio,
Que aonde a propria luz não ſe encaminha,
Nos limites extremos do hemiſferio
O Luſitano Exercito caminha.
A Africa, e Ilhas, o Arabe Cimerio,
Duas vezes paſſando a immenſa linha,
Poſſue tantos póvos, que a contallos
São mais que os Portuguezes ſeus Vaſſallos.

LXII.

Eſte Rei glorioſo foi o eleito
Por Providencia da eternal Bondade,
A fazer do Brazil hum povo acceito,
E digno de a gozar na Eternidade:
Pudera deſta gente o forte peito,
Tendo n' Aſia opulenta immenſidade,
Eſtes noſſos Sertões trocar incultos
Por Nações ricas, e terrenos cultos.

LXIII.

LXIII.

Pudera com as forças, que aqui manda,
Com pouca utilidade, ou mais que fora,
Domar o roxo mar por toda a banda,
E o Reino todo possuir da Aurora.
Mas a piedade faz, com que commanda,
Que antepondo o Brazil a tudo agora,
Mostre aos homens, q̃ o impulso q̃ o domina,
He propagar no Mundo a Fé Divina.

LXIV.

Generoso pensar! sagrada empreza!
Longe da vã Politica de Estado,
Que se a Milicia, se o Commercio preza,
Não tem da Santa Fé menor cuidado.
Mas o que rege a vasta redondeza,
E a sorte dos Imperios tem fixado,
Lá virá tempo em fim que o zelo pague,
E em ouro o Tago do Brazil se alague.

LXV.

Hum Rei, senão me engana oculto instinto,
Quando o Quarto remir as Lusas Quinas,
Depois do Sexto Affonso, e Pedro extinto,
Abrirá no Sertão famosas Minas:
Fará de ouro Lisboa D. João Quinto,
Altas disposições do Ceo Divinas!
Pois no tremor, e incendio, que a ameaça,
Prepara este subsidio á grã desgraça.

LXVI.

LXVI.

Tempo virá, que Dama mageſtoſa
Por Soberana a Liſia reconheça,
Epoca illuſtre, inſigne, e venturoſa,
Em que tenha huma Santa por Cabeça.
Deſcerá ſobre o Reino a paz formoſa,
E com a paz fará que a gloria deſça;
Atlantes tendo do ſeu Regio Eſtado,
Quatro Sabios, e hum inclito Prelado.

LXVII.

E tu, Monarca Juſto, do Ceo vindo,
Venha-te a palma ſobre o Empyreo tarda,
E Pai da Patria ao Reino preſidindo,
Com zelo a antiga Fé nos noſſos guarda:
Enche o grão nome, as portas reprimindo
Do monſtro Averno: que nos fundos arda;
Que deixe Portugal, que na Fé medra,
E Chriſto firma ſobre a immovel pedra.

LXVIII.

Eſta inſigne Progenie o Ceo promette,
Brazil agora rude, aos teus vindouros,
O cóllo humilde em tanto ao Rei ſobmette,
E offerece-lhe contente os teus theſouros:
E entre tantas Nações, que ao jugo mette
A' ſombra Portugal dos verdes louros,
Sem provares da Guerra o horror vario,
Chega ao Throno a humilhar-te voluntario.

LXIX.

LXIX.

E ſe Princeza me chamais ſublime
Dos voſſos Principaes naſcida herdeira,
Se ao Grão Caramurú, que o raio imprime,
Juraſtes vaſſallagem verdadeira:
Elle da ſujeição tudo hoje exime,
Cedendo ao Throno Luſo a poſſe inteira;
E eu do Monarca na Real Peſſoa
Cedo todo o direito, e entrego a Croa.

LXX.

Dizendo aſſim a Dama generoſa,
Deſce do Throno, e o eſplendido Diadema
Entrega ao Souſa; e toma mageſtoſa
Hum baixo aſſento com modeſtia extrema:
Paſma o Tupinambá, vendo a formoſa
Nobre Paraguaçú de claro Eſtema,
Que o ſeu Regio Marraque ao Souſa dando,
Deſpia a pompa do Real Commando.

LXXI.

Logo o Caramurú na lingua, e eſtilo
Dos naturaes fallando ao Chefe novo,
Poſto tudo em ſilencio para ouvillo,
O eſcudo da Bahia moſtra ao povo.
A pomba de Noé, que ao noto aſylo
Com ramo de oliveira vem de novo,
Dando a entender a paz, que á crúa gente
Com a Fé diſpenſava o Rei Clemente.

LXXII.

Este he o titulo (disse) verdadeiro,
Com que occupa o Brazil nesta Anarquia
O muito Alto Senhor D. João Terceiro,
A fim que em paz se tenha a turba impia:
Porque ao supremo Ser, e Ente primeiro
Reconheça o Sertão, sirva a Bahia;
E porque propagada a Fé se veja
No novo Imperio, que conquista á Igreja.

LXXIII.

Disse Diogo, e as Quinas tremolando,
Real, *Real* com voz clama expressiva,
Por D. João Monarca venerando,
Principe do Brazil, que fausto viva.
Responde a turba os vivas replicando,
Com tão alto clamor, que o ouvido priva,
E ao rumor dos canhões, e das cornetas
Correspondem as bellicas Trombetas.

LXXIV.

Então sentado sobre o Solio ingente,
Que já desoccupára a Dama bella,
Como Governador da Lusa gente
Thomé de Sousa cortejado della;
Toma posse legitima, e patente
Da Bahia, e Sertão, e sem querélla
Do habitante, que os campos desoccupa,
Em nome dos seus Reis a terra occupa.

LXXV.

Depois ao povo, e illuſtre Magiſtrado
Por Leis do novo Imperio manifeſta,
Que ſeja o Nome ſanto venerado,
Que ceſſe nos Sertões a guerra inteſta;
Que o Homicidio ſe veja caſtigado,
Que Antropófago atroz, que a Lei deteſta,
Que a Embaixada Evangelica, que envia,
Se ouça com paz; q̃ ſe honre o q̃ a annuncia.

LXXVI.

Que o indigena ſeja alli empregado,
E que á ſombra das Leis tranquillo eſteja;
Que viva em liberdade conſervado,
Sem que opprimido dos Colonos ſeja:
Que ás expenſas do Rei ſeja educado
O Neofito, que abraça a Santa Igreja;
E que na ſanta empreza ao Miſſionario
Subminiſtre ſubſidio o Regio Erario.

LXXVII.

Por fim publica do Monarca reto,
Em favor de Diogo, e Catharina,
Hum Real honorifico Decreto,
Que ao ſeu merecimento honras deſtina:
E em recompenſa do leal affeto,
Com que a coroa a Dama lhe conſina,
Manda honrar na Colonia Luſitana
Diogo Alvares Correa de Viana.

(1) *De seus Avós.* Vê-se ainda hoje a Inscripção da sua sepultura, que intitula *Princeza do Brazil.*

(2) *A Camara.* Ainda hoje por assento feito em Camara se faz na Bahia o Anniversario a Catharina Alvares, com esta memoria.

(3) *O santo zelo.* Não referimos esta expressão aos sujeitos, de que se falla, que fora huma contradicção; mas vagamente a quem houvesse sido causa de decahirem aquellas Missões.

F I M.

Vende-se na loja de João José Du Beux, defronte da Igreja de N. Senhora dos Martyres.

03775
1862

C781
D95lc